UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

RODRYGO YOSHIYUKI TANAKA

RACVYOXV (落葉集)

Apresentação e descrição de um dicionário jesuíta

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

RACVYOXV (落葉集)

Apresentação e descrição de um dicionário jesuíta

Rodrygo Yoshiyuki Tanaka
rodrygotnk@gmail.com

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Eliza Atsuko Tashiro Perez

São Paulo

2014

AGRADECIMENTOS

À Profa. Eliza Atsuko Tashiro Perez, pela orientação, confiança e paciência.

Às bibliotecárias da Fundação Japão, em especial à Greyce, pela prontidão e carinho no atendimento.

A todos os professores envolvidos, pela prontidão e carinho sempre que necessitei.

Aos meus pais, Elizabeth e Roberto, pelo apoio durante todas as dificuldades, fazendo com que não eu não precisasse preocupar-me com nada além da pesquisa.

Ao Maurílio Mendes da Silva, pelo carinho e amizade durante todo o processo.

RESUMO

A produção lexicográfica japonesa iniciou-se logo no período Nara (710-794), florescendo durante o período Heian (794-1185). Os primeiros trabalhos constituíam-se de vocabulários e manuais de poesia, ou manuais de pronúncia para monges budistas. Alguns séculos depois, com a ascensão das classes militares, obras com o intuito de educar esses novos líderes começaram a organizar o léxico de maneira mais universal. Dentro dessa nova tradição, também é possível encontrar as obras produzidas pelos missionários portugueses da Companhia de Jesus. No presente trabalho serão exploradas as características de duas obras: o *Vocabulario da Lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesu*, e o *RACVYOXV*. Uma atenção especial será dada para o *RACVYOXV*, um dicionário de sinogramas dividido em três volumes impressos no ano de 1598, com uma máquina tipográfica trazida da Europa ao Japão pelos jesuítas. Existem poucos estudos dessas duas obras no ocidente, e, no caso do *RACVYOXV*, nenhum estudo em língua portuguesa. Através da comparação dos vocábulos e entradas desses dois trabalhos cuja publicação é separada por apenas cinco anos, o presente trabalho almeja apresentar o *RACVYOXV* com a descrição da sua estrutura interna e mostrar as possíveis relações entre o léxico deste com o do *Vocabulario* tendo em vista a finalidade pedagógica das duas obras.

PALAVRAS CHAVES: Lexicografia japonesa, Dicionários de sinogramas, Lexicografia jesuíta, *RACVYOXV*, *Nippo-jisho*.

ABSTRACT

The Japanese lexicographic production begun at the Nara era (710-794), blooming during the Heian era (794-1185). The first works were vocabularies and poetry handbooks, or pronunciation guides to Buddhist monks. Few centuries later, with the rising of military classes, works with the intention to educate those new leaders started to organize all lexicon more universally. Inside this new tradition, it is also possible to find the works made by the Portuguese missionaries of the Companhia de Jesus. In this paper, it will be explored the features from two works: the *Vocabulario da Lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesu*, and the *RACVYOXV*. One special attention will be given to the *RACVYOXV*, one sinogram dictionary divided in three volumes, pressed at the year of 1598, with a typography machine brought from Europe to Japan by the Jesuits. There are few studies of these two works in the western world, and, about the *RACVYOXV*, there are no studies in Portuguese. Through the comparison of the lexicon and entries of those two works, whose publication are just five years apart, this paper wills to present the *RACVYOXV* with the description of its internal structure and show the possible relation with its lexicon with the *Vocabulario*'s lexicon, in the light of pedagogical finality of both works.

KEY WORDS: Japanese Lexicography, Sinogram dictionaries, Jesuit Lexicography, *Nippo-jisho*.

SUMÁRIO

Notas preliminares

.....	12
Sobre a língua japonesa e seus sistemas de escrita	
.....	12
1.1. Características gerais	
.....	12
1.2. O sistema de escrita japonesa	
.....	14
2. Características dos sinogramas	
.....	15
3. Sistemas de romanização	
.....	19
4. Sistemas de organização	
.....	22

Parte I – Introdução

.....	26
Capítulo 1: Introdução	
.....	27
Capítulo 2: Metodologia	
.....	29
2.1. Escolha dos <i>corpus</i> de análise	
.....	29
2.2. Método de análise	
.....	30
2.3. A classificação e os elementos dos dicionários	
.....	31

Parte II – A missão jesuítica e a produção lexicográfica no Japão

.....	35
-------	----

Capítulo 1: A missão jesuítica no Japão	36
Capítulo 2: A lexicografia japonesa	43
Capítulo 3: Sobre o <i>Vocabulario</i>	49
Capítulo 4: Sobre o <i>RACVYOXV</i>	54
4.1. Características gerais	54
4.2. Cópias existentes	59
4.2.1. Cópia do Museu Britânico	60
4.2.2. Cópia da biblioteca pessoal do Conde de Crawford e Balcarres	61
4.2.3. Cópia do Arquivo da Sociedade de Jesus em Roma	62
4.2.4. Cópia da Universidade de Leyden	63
4.2.5. Cópia da Biblioteca de Paris	64
4.2.6. Cópia da Biblioteca de Tenri	65
4.3. Rakuyōshū honpen	66
4.4. Irohajishū	75
4.5. Shōgokuhen	78

Parte III – Análise e comparação das duas obras	
.....	82
Capítulo 1: A organização e apresentação dos dois dicionários	
.....	83
Capítulo 2: Comparação entre os dois dicionários	
.....	86
Parte IV – Considerações finais	
.....	133
Capítulo 1 – Conclusão	
.....	134
Capítulo 2 – Propostas para o futuro	
.....	136
Parte V - Bibliografia	
.....	138

Índice de quadros

Notas preliminares

Quadro 1 – Denominação dos radicais, sua posição e alguns exemplos	17
Quadro 2 – Sistema de romanização estabelecido pelo MEXT	19
Quadro 3 – Variações permitidas na romanização para fins internacionais estabelecidas pelo MEXT	20
Quadro 4 – Sistema de romanização Hepburn. Em destaque, as diferenças existentes com o sistema <i>kunrei</i>	21
Quadro 5 – Organização do silabário japonês em obras lexicográficas segundo o <i>gojūon</i>	23
Quadro 6 – <i>Ametsuchinouta</i> escrito em <i>hiragana</i> , sinogramas e romanizado	24
Quadro 7 – <i>Irohanouta</i> escrito em <i>hiragana</i> , sinogramas e romanizado	25

Parte II

Quadro 1 – Sistema de romanização para o <i>gojūon</i> no <i>Vocabulario</i>	53
--	----

Parte III

Quadro 1 – Lista de entradas do índice <i>KA</i> de RACVYOXV e seus equivalentes no <i>Vocabulario</i>	87
--	----

Índice de figuras

Parte II

Figura 1 – Capa do <i>Vocabulario</i>	50
Figura 2 – <i>Sensōbon</i> ou <i>fukurotoji</i>	55
Figura 3 – Fólio 23 verso	57
Figura 4 – Capa da cópia do Arquivo da Sociedade de Jesus em Roma	58
Figura 5 – Índice <i>E</i> somente circulado e o Índice <i>TE</i> inserido em um quadrado decorado	69
Figura 6 – Extrato do fólio 23 verso e transcrição para as fontes modernas	70
Figura 7 – Extrato do fólio 38 frente <i>honpen</i>	80
Figura 8 – Extrato do fólio 5 frente do <i>Irohajishū</i>	80
Figura 9 – Extrato do fólio 16 frente do <i>Shōgokuhen</i>	81

Índice de tabelas

Parte II

Tabela 1 – Frequência na organização alfabética nas entradas e complementos	73
Tabela 2 – Lista de categorias do <i>Shōgokuhen no mokuroku</i>	79

Notas preliminares

1. Sobre a língua japonesa e seus sistemas de escrita

1.1. Características gerais

A origem da língua japonesa é bastante controversa. Segundo Loveday (1996), análises fonológicas e sintagmáticas a ligam à família altaica (que inclui o mongol, turco e línguas da manchúria). Análises do léxico ligam a língua japonesa com as línguas austronésias (ou malaio-polinésias). A semelhança linguística também a conecta com o coreano que, por sua vez, também apresenta grandes controvérsias sobre a sua origem. Dados posteriores também sugerem influência de línguas tibeto-burminenses, fortalecendo a teoria de que a língua japonesa seria fruto do contato de diferentes povos que migraram para o arquipélago japonês.

Lewin¹ (1981, apud Loveday, 1996, p.30) afirma que a língua japonesa teria surgido entre 300 AC e 200 DC, fruto de uma ou mais variedades de línguas austronésias que sofreram contato com uma ou mais variedade de línguas altaicas.

Por outro lado, Miller² (1981 apud Loveday, 1996, p.163-167) afirma o contrário, que a base seria altaica, emprestando elementos de línguas austronésias.

Hoje a língua japonesa é a língua nacional do Japão e falada como primeira língua em várias outras pequenas comunidades onde a imigração foi intensa (Havaí, Peru, Brasil, Austrália e Indonésia principalmente).

Foneticamente a língua japonesa apresenta apenas cinco sons vocálicos: /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/. Existem cinco alofones nasais que só ocorrem quando anteposto e posposto pela mesma vogal, como em /aã/. A língua japonesa também faz a distinção de vogal longa e vogal curta.

¹ LEWIN, B. 'Sprache', in Hammitzch, 1981 (ed), p.1717-802.

² MILLER, R. A. **Origins of the Japanese Language**. Seattle: University of Washington Press, 1980.

Existem 20 sons consonantais: /b/, /p/, /m/, /θ/, /t/, /d/, /n/, /ɲ /, /k/, /g/, /ŋ/, /s/, /z/, /ʃ /, /h/, /ç/, /N/, /r/, /y/ e /w/. Ocorre a palatização das consoantes /b/, /p/, /m/, /k/ e /g/ antes das vogais /a/, /i/, /u / e /o/, resultando os sons /b^j/, /p^j/, /m^j/, /k^j/ e /g^j/. Ocorre também quatro encontros consonantais:

- /ts/ antes de /u/,
- /tʃ/ antes de /a/, /i/, /u/ e /o/,
- /dz/ antes de /u/ e /dʒ/ antes de /a/, /i/, /u/ e /o/.

Também, as consoantes /p/, /t/, /k/, /s/ e /ʃ / podem constituir consoante longa, ou em alguns casos adquirir uma pausa glotal antes da sua produção.

Com exceção das consoantes nasais /m/, /n/, /ɲ /, /ŋ/ e /N/ mais nenhuma consoante pode terminar sílaba, e o fonema /N/ aparece exclusivamente no final de palavras.

O ritmo da língua japonesa é silábico e não acentual. A acentuação é tonal, distinguindo dois tons: alto e baixo.

Morfologicamente a língua japonesa apresenta um vocabulário inflexível, onde noções gramaticais ou novos conceitos são criados por aglutinação. Não existe a marcação de gênero na língua japonesa, e, apesar de não haver a marcação de número, os falantes fazem uso de numerais, coletivisadores e a repetição de vocábulos quando a noção de plural se faz necessária. Apesar de não flexionar o verbo em pessoa, o uso de pronomes não é obrigatório.

Uma grande peculiaridade no léxico da língua japonesa é o grande número de onomatopéias e ideofones que podem ser usados como nomes, adjetivos, advérbios e até como verbos.

A língua japonesa se orienta sintaticamente conforme o paradigma SOV. Porém, com exceção de alguns casos especiais como o genitivo, os vocábulos podem se colocar em qualquer posição da sentença dependendo da ênfase do falante.

1.2. O sistema de escrita japonesa

A língua japonesa foi ágrafa até a chegada dos clãs Kawachinoaya³ e Yamatonoaya⁴ em meados do século V. Estes dois clãs atravessaram a península coreana e chegaram no Japão, e serviram ao imperador registrando os eventos históricos fazendo uso da escrita chinesa. Porém, esta prática era quase que praticamente exclusiva dos imigrantes até o século VI, quando o imperador iniciou então o envio de estudiosos para o continente⁵ em busca de intercâmbio cultural e comercial.

Apesar da língua japonesa e chinesa serem linguisticamente distantes e foneticamente distintas, por muito tempo os textos japoneses eram escritos em chinês, ou seja, utilizando o sistema de escrita chinesa, que no Japão recebeu o nome de *kanji*⁶, e que doravante receberá a tradução de sinograma, porém a sua leitura era realizada em língua japonesa, com o auxílio de uma série de diacríticos. Estes textos são conhecidos como *kanbun*⁷.

No final do período Nara (710-794) aprendizes do budismo iniciaram o uso de formas simplificadas para auxiliar a leitura dos *kanbun*, criando um sistema de escrita silábico denominado *katakana*⁸. Já no período Heian (794-1185), principalmente entre as mulheres, surgiu um outro sistema de escrita silábico denominado *hiragana*⁹, criado a partir da forma cursiva dos sinogramas.

Apesar da motivação para o surgimento dos *kana*¹⁰, como são conhecidos genericamente o *hiragana* e *katakana*, serem distintas, ambos formam um sistema grafo-fonético, sem representação direta da realidade.

O uso desses três sistemas de escrita era concomitante e não existia nenhuma regra fixa sobre os seus usos. Foi no ano de 1890, durante o império Meiji (1868-1913), que ocorreu a

³ 西文

⁴ 東漢

⁵ Para os japoneses o continente se refere à China e à Península Coreana.

⁶ 漢字

⁷ 漢文

⁸ 片仮名

⁹ 平仮名

¹⁰ 仮名

normalização da escrita japonesa através da outorga do documento *Shōgakkō-rei shikō kisoku*¹¹ que instaurou um decreto sobre o uso correto de cada forma. Abaixo se pode observar resumidamente como foi feita a normatização:

Hiragana: Usado para escrever palavras de origem japonesa; palavras estrangeiras cujo uso já as incorporou no léxico como japonesas; Ideofones.

Katakana: Palavras de origem estrangeiras; Onomatopéias; Nome de animais ou plantas; ênfase no texto ou palavra;

Sinogramas: Qualquer palavra de origem chinesa ou japonesa; algumas palavras que não são de origem sino-nipônica, mas que entraram via China. O uso dos sinogramas deve estar de acordo com uma lista publicada pelo governo.

Este mesmo documento também limitou o uso dos *kana* em 48 caracteres (46 atualmente), classificando todos os *kana* que foram excluídos da lista como *hentaigana*¹², ou *caracteres variantes*.

2. Características dos sinogramas

Os sinogramas não se baseiam sobre uma representação grafo-fonética. Cada caractere representa uma ideia completa, e pode apresentar mais de uma representação fonética possível. Por exemplo, o sinograma para “grande, superior”¹³, poderá ter as leituras *dá, dài, dà* em mandarim moderno e *dai* e *ōki* em japonês moderno, além de diversas outras leituras em outras línguas.

No Japão, as várias possibilidades de leituras surgiram no início da adoção dos sinogramas para representar a língua japonesa. Primeiramente os japoneses adotaram a leitura chinesa, adaptando-a à sua própria fonética. Esta leitura baseada na pronúncia chinesa recebeu o

¹¹ 小学校令施行規則

¹² 変体仮名

¹³ 大

nome de leitura *on*¹⁴, ou *coye*¹⁵ pelos missionários portugueses. Linguistas japoneses subdividem esta leitura em três categorias de acordo com o período histórico que a inserção deste sinograma ocorreu. São eles:

- *Go-on*¹⁶: Leitura adotada principalmente durante o período *Nara*¹⁷ (710-794), baseada principalmente na pronúncia da língua Wu falada na região da foz do rio Yangtze.
- *Kan-on*¹⁸: Leitura trazida por estudiosos durante o período *Heian*¹⁹ (794-1185), baseada na pronúncia padrão da dinastia Tang (618-907). Junto com o *Go-on* forma a maioria das leituras.
- *Tōsō-on*²⁰: Leitura utilizada principalmente por comerciantes e monges budistas Zen durante o período *Kamakura-Muromachi*²¹ (1185-1573), baseada na pronúncia utilizada durante a dinastia Song (960-1279).

Em contraposição a esta adoção de estrangeirismos, ocorreu a adoção de leituras japonesas para os caracteres advindos do continente. Este processo de tradução dos sinogramas para a língua japonesa criou a leitura *kun*²², ou *yomi*²³ como conhecida pelos missionários portugueses. Esta leitura também pode apresentar três subdivisões de acordo com a sua aplicação.

- *Shō-kun*²⁴: Esta classificação engloba todas as leituras que representam a tradução em língua japonesa do caractere.
- *Gi-kun*²⁵: Ao invés de ser uma tradução individual dos sinogramas, é a tradução de um vocábulo composto como única unidade.

¹⁴ 音

¹⁵ こゑ (声)

¹⁶ 呉音

¹⁷ 奈良

¹⁸ 漢音

¹⁹ 平安

²⁰ 唐宋音

²¹ 鎌倉・室町

²² 訓

²³ 訓み

²⁴ 正訓

- *Kokkun*²⁶: Esta é uma leitura exclusiva japonesa que não mantém nenhuma relação com o sentido original do sinograma.

Estruturalmente os sinogramas podem ser divididos em elementos menores denominados largamente como radicais, e podem ser inseridos em uma das sete classificações (Quadro 1) dependendo da sua localização no sinograma.

Quadro 1 - Denominação dos radicais, sua posição e alguns exemplos.

Nome do radical	Posição (em preto)	Exemplo
<i>Hen</i> (偏)		彳 em 泳
<i>Tsukuri</i> (旁)		刂 em 利
<i>Kanmuri</i> (冠)		宀 em 家
<i>Ashi</i> (脚)		灬 em 熱
<i>Tare</i> (垂)		厂 em 厚
<i>Kamae</i> (構)		門 em 間
<i>Nyō</i> (繞)		廴 em 建

Com base na formação do sinograma, alguns lexicógrafos o dividem em seis categorias, denominadas *rikusho*²⁷ em japonês:

- Pictogramas (*Shōkeimoji*²⁸): Uma representação pictográfica da realidade; fazem parte desta categoria quase todos os caracteres que apresentam conceitos concretos. Ex.: *Sol* (日) veio da representação direta da figura do sol.

²⁵ 義訓

²⁶ 国訓

²⁷ 六書

²⁸ 象形文字

- Indicadores (*Shijimoji*²⁹): Uma representação visual de ideias abstratas. Ex.: *a baixo* (下) tenta representar a ideia abstrata de apontar para baixo, em contraposição ao outro indicador *para cima* (上).
- Ideogramas (*Kaiimoji*³⁰): Uma representação formada pela união de duas ideias. Ex.: *Claridade* (明) é formada pela união dos caracteres para *Sol* (日) e *Lua* (月).
- Fonogramas (*Keiseimoji*³¹): Um caractere formado pela união de dois ideogramas, um apresentando o conceito e o outro uma explicação sobre a leitura. Ex.: *Rio* (河) (lê-se *Ka*), é formado da ideia de água (氵) e o complemento fonético *Ka* (可).
- Derivados (*tenchūmoji*³²): Sinogramas que absorveram um novo sentido pelo processo de metáfora ou associação livre. Ex.: O pictograma para *música* (樂) passou a designar também o sentido de *divertido* com o tempo.
- Falsos empréstimos (*Kashamoji*³³): Caracteres formados através de empréstimos ou erros consagrados. Ex: Antigas facas com serra conhecidas como *Ga* (我), transferiu o seu caractere para indicar o pronome de primeira pessoa *Ga*, por ter o mesmo som.

A existência das duas últimas classificações, derivados e falsos empréstimos, recebem críticas pois se referem ao uso e não à forma.

Muitos textos utilizam o termo *ideogramas* para traduzir a palavra japonesa *kanji*. Para que não haja qualquer confusão, o presente texto utilizará o termo *sinogramas* para esta tradução, reservando o vocábulo *ideogramas* para somente traduzir o termo japonês *kaiimoji*.

²⁹ 指示文字

³⁰ 会意文字

³¹ 形声文字

³² 転注文字

³³ 仮借文字

3. Sistemas de romanização

Como a língua japonesa não usa o alfabeto romano, muitos linguistas e estudiosos criaram sistemas de romanização. O sistema usado pelo Ministério da Educação, Cultura, Esporte, Ciência e Tecnologia (MEXT) utiliza uma variação do sistema *Kunrei*³⁴ para a romanização de palavras da língua japonesa, regulamentado por um documento de 1954 (Quadro 2).

Quadro 2 – Sistema de romanização estabelecido pelo MEXT

a	i	u	e	o			
ka	ki	ku	ke	ko	kya	kyu	kyo
sa	si	su	se	so	sya	syu	syo
ta	ti	tu	te	to	tya	tyu	tyo
na	ni	nu	ne	no	nya	nyu	nyo
ha	hi	hu	he	ho	hya	hyu	hyo
ma	mi	mu	me	mo	mya	myu	myo
ya	(i)	yu	(e)	yo			
ra	ri	ru	re	ro	rya	ryu	ryo
wa	(i)	(u)	(e)	(o)			
ga	gi	gu	ge	go	gya	gyu	gyo
za	zi	zu	ze	zo	zya	zyu	zyo
da	(zi)	(zu)	de	do	(zya)	(zyu)	(zyo)

Continua

³⁴ 訓令

Continuação

ba	bi	bu	be	bo	bya	byu	byo
pa	pi	pu	pe	po	pya	pyu	pyo

Conclusão

Também é permitido o uso de algumas variações caso o objetivo seja a romanização de termos japonesas com origem estrangeira ou para fins internacionais (Quadro 3)

Quadro 3 – Variações permitidas na romanização para fins internacionais estabelecidas pelo MEXT.

sha	shi	shu	sho	
		tsu		
cha	chi	chu	cho	
		fu		
ja	ji	ju	jo	
di	du	dya	dya	dya
kwa				
gwa				
			wo	

Conclusão

Apesar de sua larga utilização pelo governo japonês e no ensino de língua japonesa como língua vernácula, esse não é o mais utilizado fora do Japão, onde se optou pelo sistema Hepburn de romanização.

Criado pelo missionário americano James Curtis Hepburn (1815-1911), este sistema é amplamente utilizada em materiais de ensino de língua japonesa para estrangeiros, dicionários bilíngues e artigos acadêmicos publicados no ocidente.

Além de apresentar várias diferenças no uso de consoantes (Quadro 4), este sistema usa o diacrítico macron (¯) sobre as vogais para indicar alongamento, enquanto que no sistema oficial *kunrei* usa-se o acento circunflexo (^).

Quadro 4 – Sistema de romanização Hepburn. Em destaque, as diferenças existentes com o sistema *kunrei*.

a	i	u	e	o			
ka	ki	ku	ke	ko	kya	kyu	kyo
sa	shi	su	se	so	sha	shu	sho
ta	chi	tsu	te	to	cha	chu	cho
na	ni	nu	ne	no	nha	nhu	nho
ha	hi	fu	he	ho	hya	hyu	hyo
ma	mi	mu	me	mo	mya	myu	myo
ya	(i)	yu	(e)	yo			
ra	ri	ru	re	ro	rya	ryu	ryo
wa	(i)	(u)	(e)	wo			
ga	gi	gu	ge	go	gya	gyu	gyo
za	ji	zu	ze	zo	ja	ju	jo
da	(ji)	(zu)	de	do	(ja)	(ju)	(jo)
ba	bi	bu	be	bo	bya	byu	byo
pa	pi	pu	pe	po	pya	pyu	pyo

Como o sistema Hepburn utiliza a língua inglesa como base de romanização, algumas pequenas observações devem ser apresentadas para os falantes de língua portuguesa sobre a pronúncia:

- “S” sempre será surdo, mesmo em posição intervocálica;
- “CH” sempre será lido “TCH”, como na palavra “Tchau”;
- “H” deverá sempre ser aspirado como a letra “R” no início de palavra;
- “J” deverá ser pronunciado como “DJ”.

O presente texto fará o uso do sistema Hepburn devido ao seu grande uso nos estudos de língua japonesa no Brasil. Já para as palavras em língua chinesa, em especial o mandarim, utilizaremos o sistema *pīnyīn*³⁵ de romanização. Esse é o sistema oficial de romanização de boa parte da China continental desde o ano de 1958, e foi adotado pela Organização Internacional de Padronização (ISO) desde o ano de 1982. Este sistema utiliza 21 consoantes, normalmente ordenadas como: b, p, m, f, d, t, n, l, g, k, h, j, q, x, zh, ch, sh, r, z, c, s. As seis vogais são: a, e, i, o, u, ü. E as sílabas ainda podem terminar em –n, –ng, –r ou num complexo sistema de ditongos. Este sistema ainda utiliza quatro diacríticos para sinalizar os acentos tonais.

Porém, em determinadas situações outros sistemas de romanização serão utilizados:

- Em citações diretas, a romanização adotada pelo autor será sempre respeitada, assim como nas suas respectivas traduções;
- Todo termo citado do léxico missionário manterá a grafia original;
- Toda obra que apresente palavras já romanizadas no seu título, manterá a sua forma original. Porém, caso o título esteja em japonês, a romanização ocorrerá de acordo com o sistema Hepburn.

4. Sistemas de organização

A língua japonesa pode ser organizada dentro de obras lexicográficas de acordo com a sua forma ou a sua leitura. Grande parte dos dicionários de sinogramas utiliza a forma como

³⁵ 拼音

critério de organização, colocando aqueles que apresentam menos traços primeiro em direção aos que apresentam mais traços. O mesmo raciocínio é colocado na organização de radicais.

Já para a organização feita através da leitura, ou seja, o som das palavras, as obras lexicográficas podem subdividir-se em organização romanizada ou japonesa. No sistema romanizado as palavras são organizadas como qualquer outro dicionário europeu, respeitando a romanização adotada. Porém, existe mais de uma possibilidade para a organização japonesa.

De modo geral, os *kana* que recebem diacríticos (*dakuten*³⁶ e *handakuten*³⁷) aparecem logo em seguida da sua forma pura, e no caso do ha, hi, fu, he e ho, que podem ser modificados por ambos diacríticos, o *dakuten* é grafado primeiro que o *handakuten*. Por exemplo, GA³⁸ aparecerá logo em seguida de KA³⁹, e BA⁴⁰ aparecerá depois de HA⁴¹ e antes de PA⁴².

Também não existe diferenciação entre os *kanas* grafados em forma completa daqueles grafados em forma minimizada para indicar *yōon*⁴³ ou *sokuon*⁴⁴.

O primeiro método, e mais comum é com base na organização do *gojūon*⁴⁵. Nesse, as palavras são grafadas em *hiragana* ou *katakana* e arranjam-se de acordo com o Quadro 5.

Quadro 5 – Organização do silabário japonês em obras lexicográficas segundo o *gojūon*.

あ	い	う	え	お
か が	き ぎ	く ぐ	け げ	こ ご
さ ざ	し じ	す ず	せ ぜ	そ ぞ
た だ	ち ぢ	つ づ っ	て で	と ど

Continua

³⁶ 濁点

³⁷ 半濁点

³⁸ が

³⁹ か

⁴⁰ ば

⁴¹ は

⁴² ぱ

⁴³ 拗音

⁴⁴ 促音

⁴⁵ 五十音

Continuação

な	に	ぬ	ね	の
は ば ぱ	ひ び ぴ	ふ ぶ ぷ	へ べ ぺ	ほ ぼ ぽ
ま	み	む	め	も
や や		ゆ ゆ		よ よ
ら	り	る	れ	ろ
わ				を
ん				

Conclusão

Enquanto que praticamente todos os dicionários monolíngues modernos e alguns dicionários bilíngues utilizam este método de organização, grande parte dos dicionários e vocabulários mais antigos utiliza o sistema *ametsuchi*⁴⁶ ou o sistema *iroha*⁴⁷. Ambos baseiam-se em pantogramas da língua japonesa.

O sistema *ametsuchi* baseia-se em um poema do século IX de autoria desconhecida, que por não ter título, ficou conhecido como *ametsutinouta*⁴⁸. Esse poema é considerado hoje o pantograma mais antigo da língua japonesa (Quadro 6).

Quadro 6 – *Ametsuchinouta* escrito em *hiragana*, sinogramas e romanizado.

<i>hiragana</i>	Sinograma	Romanizado
あめ つち ほし そら やま かは みね たに くも きり むろ こけ ひと いぬ うへ すゑ ゆわ さる おふせよ えの枝を なれゐて	天 地 星 空 山 川 峰 谷 雲 霧 室 苔 人 犬 上 末 硫黄 猿 生ふせよ 榎の枝を 慣れ居て	Ame tsuchi hoshi sora Yama kawa mine tani Kumo kiri muro koke Hito inu eu sue Yuwa saru ouseyo E no yewo nare ite

⁴⁶ 天地

⁴⁷ 伊呂波

⁴⁸ 天地の歌

Já o sistema *iroha* baseia-se em outro pantograma do século IX, cuja autoria é atribuída à Kūkai⁴⁹. A sua primeira aparição foi no *Konkōmyōsaishōōkyō ongi*⁵⁰ (Quadro 7). Esse sistema foi mais utilizado do que o anterior, principalmente pelos missionários portugueses.

Quadro 7 –*Irohanouta* escrito em *hiragana*, sinogramas e romanizado.

<i>hiragana</i>	Sinograma	Romanizado
いろはにほへと ちりぬるをわか よたれそつねな らむうゐのおく やまけふこえて あさきゆめみし ゑひもせす	以呂波耳本部止 千利奴流乎和加 餘多連曾津祢那 良牟有為能於久 耶万計不已衣天 阿佐伎喻女美之 恵比毛勢須	Iroha nihoheto Chirinuruwo waka Yotareso tsunena Ramu uyino oku Yama kefu koete Asaki yumemishi Yehimo sesu

49 空海

50 金光明最勝王經音義

Parte I – Introdução

Capítulo 1 – Introdução

Podemos encontrar um número imensurável de obras lexicográficas da língua japonesa tanto no Japão como ao redor do mundo. Dentro desta vasta produção, um destaque deve ser dado aos trabalhos da Companhia de Jesus. Esta ordem religiosa fundada por Ignácio de Loyola (1491-1556) no ano de 1543 foi uma das primeiras a realizar um estudo sistematizado da língua japonesa voltado para o público europeu, produzindo vocabulários e dicionários, assim como materiais de estudo e traduções.

No presente trabalho o foco recairá sobre duas distintas obras: o *Vocabulario da Lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por alguns Padres, e Irmãos da Companhia de Iesu*, doravante somente *Vocabulario*, e o *RACVYOXV*.

O *Vocabulario*, é um dicionário bilíngue japonês-português originalmente impresso em Nagasaki⁵¹ no ano de 1603. Este recebe um complemento, chamado *Syplemento*, datado no ano de 1604, adicionando alguns vocábulos não existentes no corpo principal.

Já o *RACVYOXV* é um dicionário de sinogramas produzido pelos missionários jesuítas portugueses, impresso também na cidade de Nagasaki, no ano de 1598. Literalmente traduzido como *Coletânea de Folhas Caídas*, Bailey (1960, p.289) aponta que os três sinogramas utilizados no título “are an abbreviated reference to the intent of the compilers to assemble, in the *iroha* order of the Japanese syllabary, a collection of words generally not found in native dictionaries⁵²”.

Apesar de serem trabalhos muito importantes para a história lexicográfica da língua japonesa, existem escassos estudos sobre elas em línguas europeias, e artigos em português são ainda mais raros.

O que motiva este trabalho, portanto, é a iminente falta de estudos lexicográficos, lexicológicos e terminológicos sobre estes dicionários, em especial o *RACVYOXV*, que, apesar de ser um marco tanto na história da imprensa japonesa como nos estudos da lexicografia, não apresenta nenhum estudo em língua portuguesa dedicado exclusivamente a ele.

⁵¹ 長崎

No presente trabalho, primeiramente será apresentado um panorama histórico da missão jesuítica no Japão, com destaque especial à história da imprensa e suas publicações. Também será apresentado um breve resumo da história da lexicografia japonesa antes de apresentação detalhada das características do *Vocabulario* e do *RACVYOXV*. Por final, será realizada uma análise comparativa de algumas entradas para que o nível de relação entre estas duas obras possa ser verificada.

⁵² são uma referência abreviada à intenção dos compiladores de reunir, na ordem *iroha* do silabário japonês, uma coleção de palavras normalmente inexistentes em dicionários nativos (Tradução nossa).

Capítulo 2 – Metodologia

2.1. Escolha dos *corpus* de análise

Foram selecionados o *Vocabulario* e o *RACVYOXV* por serem obras de extrema importância para a história da lexicografia japonesa e estarem disponíveis na forma de fac-símile para o público.

Ao contrário de outros trabalhos produzidos na época, como o *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum*, onde o português divide espaço com o latim, a língua lusitana ganha um status privilegiado na abordagem lexicográfica do *Vocabulario*, tornando-o um dos principais trabalhos da lexicografia em língua portuguesa no Japão.

Já o *RACVYOXV* foi um marco na história da dicionarização de sinogramas. Até então poucos trabalhos com o intuito de dicionarizar a escrita chinesa foram impressos por europeus, e resumiam-se à lista de vocábulos ou enumeração de alguns caracteres em cartas e outros documentos. Mesmo dentro da lexicografia já existente no Japão, essa obra adicionou novos elementos para auxiliar o consultor europeu, e que futuramente seriam adotados pelos lexicógrafos japoneses na produção de vários outros dicionários.

O *Vocabulario* e seu conteúdo já foram pesquisados por vários estudiosos no ocidente, inclusive no Brasil. Porém, poucos sob a visão da lexicografia, analisando estruturalmente a sua construção. O mesmo ocorre, de maneira mais extrema, com o *RACVYOXV*.

Ambos os dicionários apresentam uma estrutura única, e a sua seleção de vocábulos não apresenta uma relação aparente. Porém, como as suas publicações são separadas por apenas cinco anos, a produção e estudo de ambos os dicionários definitivamente ocorreram concomitantemente. O intercâmbio de ideias e conceitos entre os missionários responsáveis é uma possibilidade quase certa, mas não comprovada.

Sendo o *RACVYOXV* uma obra completamente escrita em língua japonesa, usando não só sinogramas, mas todos os *kana*, fortaleceu o questionamento sobre a complementariedade de ambos os dicionários. Um estudante de língua japonesa que consultasse o *Vocabulario*

encontraria a forma de escrita no *RACVYOXV*, e vice versa? Por serem as obras excessivamente extensas, o presente trabalho apresentará somente a análise dos 651 vocábulos presentes no índice *KA* do *RACVYOXV*, expandindo assim o trabalho já iniciado por Bailey (1960).

2.2. Método de análise

A apresentação e a descrição das duas obras foram pesquisadas em artigos publicados em língua portuguesa, inglesa, francesa e japonesa sobre o *RACVYOXV*, partindo inicialmente da bibliografia proposta por Bailey em seu artigo de 1960 e de outros artigos publicados no periódico da Universidade de Sofia em Tóquio, a *Monnumenta Nipponica*.

Para a análise estrutural de ambos os dicionários, primeiramente verificou-se as suas respectivas classificações apresentadas por Biderman (1984), para então analisar a sua macroestrutura e microestrutura segundo os pensamentos de Rey-Debove (1971) e Hartman (2001). É importante observar aqui que ocorreram vários problemas na classificação e análise dos elementos do *RACVYOXV*, por este não seguir os modelos lexicográficos europeus, e que serão questionados durante o texto.

Para a verificação e análise, dois fac-símiles foram utilizados. Para o *Vocabulário*, foi utilizada a reprodução publicada pela editora *Benseisha* da cópia presente no acervo da Biblioteca de Bodleian da Universidade de Oxford. Acessível na Biblioteca da Fundação Japão em São Paulo, esta edição ainda apresenta um artigo de Takashi Kamei⁵³. Além de ser a versão pública mais acessível, esta edição ainda teve várias páginas restauradas para evitar problemas de leitura conforme haviam sido observadas em edições anteriores.

Para o estudo do *RACVYOXV* utilizou-se a reprodução da cópia presente na Biblioteca de Tenri. Além de ser a única versão completa presente em território japonês, a existência desta versão é quase que completamente ignorada por grande parte dos estudos já produzidos, tanto em língua japonesa como em línguas europeias. Isso provavelmente ocorreu por até então somente

⁵³ 隆亀井

ter sido parte de acervos particulares, só sendo reconhecida em 1985, mais de uma década depois de grande parte dos estudos até então publicados.

Além do obstáculo da escrita em língua clássica, outras dificuldades no uso de fac-símiles foram observadas. Citamos Kojima que resume os nossos problemas ao tentar ler os documentos.

原本と影印本をくらべてみると、原本における、刷り上りの墨の濃淡、和紙に漉込まれた夾雑物、紙の変色などにわざわざされて起る複製の限界をあらためて痛感する。また、従前の影印本（京大本）は実物を縮小しているため、濁点か半濁点か、また濁点も、単点か複点かの区別も必ずしも文明ではない。

KOJIMA, 1978, p.11

Comparando as reproduções com as obras originais, percebem-se alguns problemas que ocorrem devido à limitação das réplicas, como o sombreamento da tinta, as impurezas impressas no papel e a mudança de coloração do papel. E também, não é clara a distinção entre o *daku-ten* e o *handaku-ten*, e no caso do *daku-ten* a distinção entre pontuação única e dupla, por causa da diminuição da réplica (Versão da Universidade de Quioto).

(Tradução nossa)

Por isso, o trabalho realizado por KOJIMA (1978) listando todas as entradas e leituras presentes no *RACVYOXV* foi de extrema importância, principalmente para a análise de vocábulos, mesmo apresentando algumas claras diferenças com o fac-símile utilizado (Biblioteca de Tenri).

2.3. A classificação e os elementos dos dicionários

Primeiramente, precisamos entender que em língua japonesa, o vocábulo *jisho*, traduzido como dicionário ou vocabulário, forma um par homófono com representações diferentes em sinogramas. No dicionário *Sanseido kokugojiten*⁵⁴ (2008) da editora *Sanseido*⁵⁵, são oferecidas as seguintes palavras-entrada e definições:

⁵⁴ 三省堂国語辞典

⁵⁵ 三省堂

じしょ【字書】（名）①漢字を集めて一定の順序にならべ、その漢字の形・音訓・意味などを説明した本。字引。字典。②辞書

じしょ【辞書】（名）ことばをたくさん集めて一定の規準で・整理（分類）し、発音・意味・用法などを説明した本。辞典。「一を引く」
(Kenpo, 2008, p.565)

Jisho (字書) (Sub.) 1. Um livro que coleta e organiza os sinogramas, e explica o seu sentido, leituras *on* e *kun* e sua forma. *Jibiki. Jiten*. 2. *Jisho* (辞書).

Jisho (辞書) (Sub.) Um livro que coleta palavras e organiza (classifica) de acordo com uma regra, e explica o seu sentido, pronúncia e utilização. *Jiten* (辞典). “~wo hiku”.

(Tradução nossa)

Enquanto o *RACVYOXV* e vários dicionários chineses entrariam na primeira classificação, o *Vocabulario* e grande parte dos dicionários europeus entrariam na segunda classificação.

Sobre a classificação dos dicionários europeus, Biderman (1984) apresenta uma tipologia para as obras lexicográficas. São eles: dicionário padrão da língua, ou dicionário de uso da língua; dicionário ideológico ou analógico; dicionário histórico; e os dicionários de tipo especial.

O dicionário padrão é uma obra monolíngue que contempla vários campos semânticos, que apresenta sinônimos, definições e exemplos de uso para as entradas oferecidas.

Um dicionário padrão é um instrumento para orientar os seus consulentes sobre os significados e os usos das palavras e para que eles possam expressar suas ideias e sentimentos com a maior precisão e propriedade possíveis, utilizando o tesouro léxico que a língua põe à disposição dos falantes do idioma.

(Biderman, 1984, p.27)

Alguns exemplos de dicionário padrão são o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1813) de Antônio de Moraes Silva e o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1975) de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

O dicionário ideológico tem como principal característica a organização de suas entradas. Esse “(...) organiza os conceitos em campos semânticos, ao invés de ordenar as palavras em ordem alfabética como os dicionários comuns” (Biderman, 1984, p.11). Normalmente estas obras são divididas em duas partes: A primeira que organiza os vocábulos em campos semânticos e a segunda que lista os vocábulos em ordem alfabética. Um dos exemplos de dicionários

ideológicos é o *Longman Lexicon of Contemporary English* (1981) e também o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* (1974).

O dicionário histórico é aquele que “(...) se baseia no vocabulário e na língua de determinada época histórica. São exemplos desse tipo dos vários dicionários sobre a Idade Média que possuem algumas línguas europeias” (Biderman, 1984, p.12). Nesse caso, a descrição do vocábulo auxilia a compreensão de textos antigos para leitores atuais. Outro tipo de dicionário histórico “(...) é o pancrônico, muitas vezes rotulado de etimológico. Sendo elaborado a partir da perspectiva da língua contemporânea” (Biderman, 1984, p.12). Alguns exemplos são o *Dictionnaire de l'ancienne langue française du seizième siècle* (1946) de Edmont Huguet, e o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1953).

Por fim, os dicionários de tipo especial são aqueles que contemplam algum aspecto particular da língua, como o *Dicionário de Sinônimos e Locuções da Língua Portuguesa* (1954) ou *Dicionário da gíria portuguesa* (1980). Também são considerados dicionários especiais aqueles “(...) especialmente dedicados a um domínio do conhecimento, que não a linguagem. São dicionários científicos e/ou técnicos.” Como exemplo de dicionário científico temos o *Nomenclatura Dermatológica* (1950).

Apesar de seus estudos focarem na produção monolíngue, estes conceitos podem se estender para uma primeira análise dos dicionários bilíngues, e conseqüentemente para a análise dos dois dicionários propostos nesse trabalho.

Para a análise das principais características dos dois dicionários, os critérios de macroestrutura e microestrutura foram selecionados por apresentarem as primeiras características observáveis em um trabalho lexicográfico.

A macroestrutura, segundo Rey-Debove (1971, p.21), é o conjunto de entradas, sinônimo de nomenclatura. Esse conceito pode também ser usado para referir-se à organização dos dicionários. As organizações geralmente podem ser em ordem alfabética quando respeita a ordem das letras em um determinado sistema de escrita, ou onomasiológica quando é organizada através de campos semânticos.

Os lexicógrafos classificam a organização dos dicionários em três tipos. Os *jikeibi*⁵⁶ são aqueles ordenados pela forma, esse é o tipo de organização mais comum em dicionários de

⁵⁶ 字形引

sinogramas. Os *onbiki*⁵⁷ são os dicionários que utilizam a pronúncia para a organização, utilizando algum sistema alfabético de organização. E por final os *bunruitai*⁵⁸ que se assemelham aos dicionários ideológicos.

Já a microestrutura é o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada (Rey-Debove, 1971, p.21). Alguns dos elementos que aparecem na microestrutura são as informações gramaticais como grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical e flexões; etimologia; marcas de uso; definições e, às vezes, descrições enciclopédicas; colocações, exemplos e construções; sinônimos e antônimos; informações semânticas como metáforas; ilustrações; remissões; e alguns símbolos substitutivos, normalmente um til indicando repetição de vocábulo.

⁵⁷ 音引

⁵⁸ 分類体

Parte II – A missão jesuítica e a produção lexicográfica no Japão

Capítulo 1 – A missão jesuítica no Japão

O primeiro contato do povo português com os japoneses ocorreu no dia 23 de setembro de 1543, quando uma caravela de comerciantes lusos, que almejava chegar a Siam, teve que mudar a sua rota por causa de um furacão tropical e aportou na ilha de Tanegashima⁵⁹, localizada na atual província de Kagoshima⁶⁰. Até então, o conhecimento que existia no ocidente sobre as terras nipônicas baseavam-se nos depoimentos do mercador Marco Polo (c.1254-c.1324), que foram reunidos no livro *Il Milione*, em português conhecido como *O Livro das Maravilhas* ou simplesmente *As Viagens*, se referiram ao Japão:

Marco Polo já tinha despertado a curiosidade dos europeus. Ele refere a ilha *Cipangu* do mar de Este, que, na pronúncia do tempo, correspondia a 日本國 *rì bēn guó*, A terra do Sol Nascente.

BOSSONG, 2003, p.213

Os portugueses encontraram o Japão ainda em guerras internas entre os vários daimyo, ou seja, guerreiros-proprietários de possessões territoriais chamadas de kuni⁶¹ (reino).

A chegada dos primeiros europeus ao Japão coincidiu com a projeção, no cenário político e social, de homens ambiciosos e aventureiros, crenças na própria capacidade e indiferentes a qualquer outra autoridade.

TASHIRO, 2004, p. 200

O primeiro missionário a desembarcar em terras japonesas foi o jesuíta Pe. Francisco Xavier (1506-1552). No ano de 1547, Xavier conheceu três japoneses em Malaca, atual Malásia, sendo um deles um jovem samurai de Kagoshima conhecido como Yajirō (Angerô ou Angirô conforme descritos pelos contemporâneos portugueses). Na primavera de 1549 os três japoneses e Xavier, acompanhados do Irmão Juan Fernandez e do Padre Cosme de Torres, partem para o Japão, chegando nos portos de Kagoshima em 15 de Agosto do mesmo ano.

⁵⁹ 種子島

⁶⁰ 鹿児島

Xavier tentou evangelizar em território japonês, e também entrar em contato com o imperador, mas suas tentativas foram frustradas. Dessas experiências, tira algumas conclusões:

He knew that the emperor had no real power and that the actual rulers of Japan were the local daimyô; he, moreover realized that his failure at Yamaguchi was due, in no small degrees, to his humble manner and poor appearance.

LAURES, 1957. p.7

Ele soube que o imperador não tinha nenhum poder real, e que o Japão era governado pelos daimyô de cada região; ele, futuramente, percebeu que o seu fracasso em Yamaguchi foi devido, em grande parte, as suas maneiras humildes e sua aparência pobre.

(Tradução nossa)

Apesar das tentativas de evangelização de Xavier não terem obtido sucesso, foram importantes as suas experiências para a futura ação missionária da Companhia de Jesus:

“(...) as impressões deixadas por Xavier sobre o Japão seriam, posteriormente, decisivas para definir a forma de atuação dos missionários jesuítas no país. Ele percebeu a importância dos navios mercantes portugueses para atrair os senhores de ‘feudos’ do Japão. Sentiu enorme dificuldade com a língua japonesa e considerou-a ‘criada pelo demônio para impedir a conversão dessa gente’ (Sette 1991: 17)”

TASHIRO, 2004, p. 200

Xavier então teve que retornar para a Índia, deixando o padre Torres, juntamente com o Irmão Fernandes trabalhando na cidade de Yamaguchi. Antes da sua morte em 1552, Xavier não havia esquecido momento algum do Japão e enviou o padre Baltazar Gago (1515-1583), acompanhado de Duarte da Silva (s.d.) e Pedro de Alcaçova (s.d.) para auxiliar nos trabalhos de evangelização.

Baltazar Gago iniciou seus trabalhos na região de Bungo⁶², atual província de Ôita⁶³, onde, juntamente com Yamaguchi, foram os dois primeiros centros cristãos no Japão. Principalmente,

⁶¹ 国

⁶² 豊後

⁶³ 大分

Yamaguchi e futuramente Hirado⁶⁴, localizado na atual província de Nagasaki, por terem melhores portos.

O interesse dos japoneses pelos estrangeiros pode ser claramente observado nas atitudes tomadas pelo daimyo das terras que constituem hoje a província de Kagoshima. Shimazu Takahisa (1514-1571) manteve sempre uma posição adversa ao cristianismo, não permitindo a construção de igrejas ou a evangelização. Porém, com a chegada de navios portugueses interligando o comércio com Macau, os daimyos, entre eles Takahisa, convocam os jesuítas para realizar a confissão em Kagoshima, para atrair esses navios e para que não fossem para outros portos. Com isso, os missionários conseguiram estabelecer-se em Kagoshima.

Porém, os mercadores portugueses ainda preferiam aportar em Hirado, por esse ter melhores portos. Observando isso, Takahisa novamente expulsa os missionários, cedendo às pressões de outros líderes religiosos da região, os quais acreditavam que a religião Cristã era uma crença de pobres e doentes (Laures, 1957, p.23)⁶⁵.

O trabalho jesuítico no Japão não foi um trabalho nem pacífico, nem livre de manipulações políticas. Boa parte da nobreza japonesa resistia à conversão, principalmente por medo de enfraquecerem alianças políticas ou pela imagem que a conversão em massa deixava. Mas os jesuítas insistiam e tratavam de aprender o idioma dos japoneses para poder convertê-lo à fé cristã.

O domínio da língua local sempre foi a preocupação dos jesuítas para suas missões. No caso do Japão, o Pe. Melchior Nunes Barreto (1520-1571), Vice-Provincial da Índia, escreveu ao Provincial de Portugal uma carta, em 1553, na qual diz: ‘Os que vamos para o Japão havemos de ter muito cuidado de saber muito bem a língua, porque é grande meio para – assim como nós os outros padres que vieram de Portugal para o Japão podermos muito frutificar dando nos Deus Nosso Senhor aquela graça e espírito que para empresa de nós manda requerer’

(Catz 1983, 37, apud TASHIRO, 2004, p. 201)

No ano de 1570, o padre Francisco Cabral (1533-1609) foi enviado da Índia para o Japão com o objetivo de substituir o padre Torres como superior da missão jesuítica no Japão. Até então os trabalhos dos missionários havia logrado grandes conquistas, conseguindo batizar vários

⁶⁴ 平戸

⁶⁵ They believed that the Christian religion was the Faith of the poor and the sick.

samurais e alguns daimyos. Porém, Francisco Cabral não tinha interesse em aprender a língua ou compreender a cultura local, causando conflitos não só entre os locais mas com outros jesuítas da missão.

Em Julho de 1579, o padre Alessandro Valignano (1539-1606) chega ao Japão por Kuchinotsu⁶⁶, um dos principais portos de Arima⁶⁷, na atual província de Nagasaki, para a sua primeira visita à missão japonesa.

Observando a grande disparidade entre as atividades realizadas até o momento e a situação naquele momento, Valignano deparou-se com dois grandes problemas: O número insuficiente de missionários para instruir propriamente os novos cristãos e a falta ainda de entendimento da língua e cultura japonesa dos mesmos, em especial de seu superior, Padre Cabral. Como conclusão, toma algumas providências:

He drew up a set of rules and principles for the superior of the mission which demanded that he govern his subjects in the spirit of love and sympathy. European and Japanese members of the Order were to be treated alike in every respect. To remedy the scarcity of missionaries many Japanese were to be received into the order, given a thorough ascetical training, admitted to the higher studies of philosophy and theology and finally promoted to holy orders. The European missionaries were to study the language of the country, adapt themselves to the Japanese way of life and above all, know and strictly observe the Japanese rules of courtesy.

LAURES, 1957, p. 103-104

Ele traçou uma série de regras e princípios para o superior da missão na qual demandava que ele governasse seus subordinados no espírito de amor e simpatia. Membros europeus e japoneses da ordem deveriam ser tratados igualmente em todos aspectos. Para remediar a escassez de missionários, muitos japoneses seriam recebidos na ordem, através de um austero treinamento, aceitos nos mais altos estudos de filosofia e teologia e finalmente promovidos à membros da ordem. Os missionários europeus tinham que estudar a língua do país, se adaptarem ao estilo de vida japonês e, acima de tudo, observar cuidadosamente as regras de cortesia japonesa.

Tradução nossa

Para facilitar a administração das missões, ele também dividiu o território da missão japonesa em três regiões: Ximo⁶⁸, no noroeste de Kyūshū⁶⁹; Bungo, à leste de Kyūshū e oeste da

⁶⁶ 口之津

⁶⁷ 有馬

ilha de Honshū⁷⁰; e Miyaco⁷¹ no centro japonês. E antes de partir do Japão, no ano de 1581, passou a supervisão da missão jesuítica de Cabral para o padre Gaspar Coelho (s.d.).

Foi com o assassinato de Nobunaga Oda (1534-1582), em 1582, e a ascensão de Toyotomi Hideyoshi (c.1536-1598) ao poder, que a perseguição contra os jesuítas tornou-se mais intensa. Sob a acusação de conspiração, os missionários chegaram a receber um ultimato de abandonarem o solo japonês dentro de vinte dias. Porém, Padre Coelho, afirmando que seria impossível conseguir transporte para tantos, conseguiu então mais seis meses, desde que todos os missionários permanecessem reunidos em Hirado. Esta ordem acabou sendo revogada, permitindo com que os missionários continuassem em território japonês, porém a sua atuação estava bastante restrita.

Quando Valignano e outros enviados da Santa Sé chegaram em Macau em 1588 e souberam da perseguição realizada por Hideyoshi, decidiram abandonar o plano de criar uma embaixada no Japão. Porém, não abandonaram a missão e uma nova visita foi planejada e trouxeram com eles uma máquina tipográfica.

In 1590 (..) he brought a printing press which was installed at the Jesuit college at Kazusa⁷² in Hizen⁷³ (Present day Saga⁷⁴) and Nagasaki prefectures. In 1592, both the press and school were moved to Amakusa⁷⁵, and on the occasion of Valignano's third visit in 1598 the school was left at Amakusa but the press was moved to Nagasaki.

BAILEY, 1960, p.296

Em 1590 (...) ele trouxe uma máquina tipográfica que foi instalada no colégio de Kazusa em Hizen (Atual Saga) e na prefeitura de Nagasaki. Em 1592, tanto a prensa quanto a escola foram deslocadas para Amakusa, e na ocasião da terceira visita de Valignano em 1598 a escola foi mantida em Amakusa, mas a prensa foi levada para Nagasaki.

Tradução nossa.

⁶⁸ 下

⁶⁹ 九州

⁷⁰ 本州

⁷¹ 京

⁷² 上総

⁷³ 肥前

⁷⁴ 佐賀

⁷⁵ 天草

Segundo Laures (1954. p. 139-140) os primeiros tipos foram feitos em madeira, para depois serem substituídos por tipos de metal próximo ao ano de 1598, quando a máquina foi para Nagasaki. Antes da adoção dos tipos móveis os impressos eram feitos utilizando uma técnica⁷⁶ que consistia em colar uma página impressa em uma placa de madeira e então esculpir a mão um novo modelo.

Várias obras foram publicadas até o ano de 1614, quando ela foi transportada para Macau, deixando um legado bibliográfico-intelectual muito importante no Japão.

As publicações sobre assuntos sacros são traduções para o japonês de obras como *Guia do Pecador* (1599), *Doctrina Christiana* (1591), *Contemptus Mundi* (1596), *Compendium Spiritualis Doctrinae* (1596), *Salvator Mundi* (1598), *Aphorismi Confessariourum* (1603), *Manuale ad Sacramenta Ecclesiae Ministranda* (1605). (...) Elas foram escritas no estilo literário da época (estilo chamado *bungotai*, em japonês) e impressas na grafia do alfabeto latino ou na grafia japonesa. As obras literárias foram reescritas para a língua oral e impressas na grafia do alfabeto latino. São elas *Feike monogatari* (*As narrativas de Heike*), de 1592, *Issopu monogatari* (*As fábulas de Esopo*), de 1593, e *Kinkushû* (*Coletânea de máximas*) de 1593. As publicações linguísticas foram a versão japonesa do *De Institutione Grammaticae Libri Tres*, impressa em 1594, o *Dictionarium Latino-Lusitanicum ac Iaponicum* (1595), o *Racuyôxû*, um dicionário de ideogramas, publicado em 1598, o *Vocabulário da Lingoa de Iapam* (1603), a *Arte da Lingoa de Iapam* (1608) e a *Arte Breve da Lingoa Iapoa* (1620)”

TASHIRO. 2004, p. 202

Apesar de um cenário político nada favorável, a missão jesuítica continuou os seus trabalhos em território japonês. No ano de 1614 uma grande perseguição é iniciada sob o governo de Ieyasu⁷⁷, quando igrejas foram destruídas e iniciaram as ameaças de morte a todos os cristãos que não abnegassem a sua religião.

No ano de 1627, foi introduzida a prática do *fumi-e*⁷⁸, na qual o suspeito de ser cristão, a religião então proibida, deveria pisar sobre uma figura de Jesus ou Maria para provar que não era seguidor cristão. Outra atividade para reprimir o cristianismo foi o *Shūmon aratame*⁷⁹,

⁷⁶ Em japonês, habuse-bori かぶせ刻り.

⁷⁷ 家康

⁷⁸ 踏絵

⁷⁹ 宗門改め

literalmente “verificação de religião”. Neste processo, todo japonês deveria visitar anualmente um templo budista e declarar oficialmente a qual seita budista pertencia.

Durante o xogunato de Ieyasu, a política de isolamento cresceu, e as relações com o ocidente foram cortadas. Conforme Lares (1954, p.176-177) os ingleses saíram voluntariamente do Japão e os espanhóis foram expulsos logo no ano seguinte. Os portugueses ainda mantiveram relações até o ano de 1635, mas depois a sua chegada em portos japoneses foi definitivamente proibida. Os únicos que ainda mantiveram contato com os japoneses durante este período foram os holandeses.

E a relação entre Japão e Portugal, iniciadas em 1547, foram encerradas, vindo a se reestabelecer somente no ano de 1854, quando o comandante americano Matthew Perry (1794-1858) forçou a abertura dos portos japoneses.

Capítulo 2 – A lexicografia japonesa

Os primeiros trabalhos lexicográficos apareceram no Japão através da introdução do sistema de escrita chinês no Japão. O primeiro registro é de um trabalho denominado *Niina*⁸⁰, um dicionário de caracteres chineses que fora compilado em 683. Apesar de nenhum exemplar ter chegado aos dias de hoje, a sua existência foi registrada no volume 29 do *Nihon-shoki*⁸¹.

Although Nara dictionaries have not survived, and although it is possible that Chinese imports were used exclusively during this period, early Heian works are so far from beginners' efforts that it seems likely that dictionaries were also compiled by Japanese in the Nara period.

(BAILEY, 1960, p.2)

Apesar dos dicionários do período Nara não terem sobrevivido, e apesar de ser possível que importações da China terem sido utilizados exclusivamente neste período, os primeiros trabalhos da era Heian estão muito além de um esforço pioneiro que aparentemente dicionários já haviam sido compilados por Japoneses no período Nara.

(Tradução nossa)

Um exemplo destes dicionários eram os *ongi*⁸² usados pelos monges budistas. Sendo, na realidade, um glossário especializado, esses reuniam vários vocábulos apresentando a sua respectiva leitura através de um sistema denominado *man'yōgana*⁸³, que consiste em representar a leitura de um determinado sinograma através de outro mais comum e cotidiano. Essa técnica de substituição de caracteres para auxiliar a leitura já era usada na China, com o nome de *fǎnqiè*⁸⁴, e pode ter influenciado esta prática no Japão.

Por volta do ano de 831, o estudioso do Confucionismo Shigeno Sadanushi⁸⁵ (185-852) realizou a compilação de um dicionário dividido em mil seções denominado *Hifuryaku*⁸⁶, e apesar de apenas duas seções terem resistido até os dias de hoje, outros trabalhos apontam que

⁸⁰ 新字

⁸¹ 日本書紀

⁸² 音義

⁸³ 万葉仮名

⁸⁴ 反切

⁸⁵ 滋野貞主

esse trabalho chegou coletar informações de mais de 1500 obras chinesas. No mesmo período, Kūkai⁸⁷ (774-835) compilou o *Tenrei banshō meigi*⁸⁸, um dicionário que apresenta aproximadamente mil sinogramas sob 534 radicais e apresenta a sua leitura utilizando o *fǎnqiè*, e o seu significado em chinês. Sua construção foi claramente inspirada pelo *Yù piān*⁸⁹ produzido por Gù Yěwáng⁹⁰ (519-581) e outros trabalhos que conheceu durante a sua estadia na China. Porém, este não pode ser considerado um trabalho de lexicografia japonesa, e sim de um dicionário chinês, mesmo tendo sido produzido por um japonês em território japonês. Esta conclusão pode ser retirada já que nenhuma palavra ou leitura japonesa ser contemplada no trabalho.

The use of *Man' yōgana*, *katakana*, *hiragana*, or even the Siddham alphabet, to indicate Japanese language synonyms for Chinese characters – as opposed to the use of *fan-ch'ieh* or *kana* to indicate the Sino-Japanese Reading only – is the usual criterion used to distinguish Japanese language from Chinese language dictionaries compiled in Japan. *Kana*-indicated Japanese equivalents of Chinese words soon came to be treated as simply the Japanese pronunciations of characters and are called variously *yomi* 読み (reading), *kun* 訓 (lesson, teaching, i.e., the Japanese rendering), *kundoku* 訓読 (*kun* reading), *Wakun* 和訓 (Japanese *kun*), *kokkun* 国訓 (national *kun*), *Waon* 和音 (Japanese sound), *Wamyō* 和名 (Japanese name), etc.

(BAILEY, 1960, p.3)

O uso de *Man' yōgana*, *katakana*, *hiragana*, ou até mesmo o alfabeto Siddham, para indicar sinônimos na língua japonesa para os caracteres Chineses – em contraposição com o uso do *fan-ch'ieh* ou de *kana* para indicar somente a leitura Sino-nipônica – é o critério mais comum para distinguir os dicionários de língua japonesa e de língua Chinesa escritos no Japão. Os equivalentes japoneses escritos em *Kana* de palavras chinesas foram encaradas somente como a pronúncia japonesa dos caracteres e são chamados de *yomi* 読み (leitura), *kun* 訓 (lição, ensinamento, i.e., a interpretação japonesa), *kundoku* 訓読 (leitura *kun*), *Wakun* 和訓 (*kun* japonês), *kokkun* 国訓 (*kun* nacional), *Waon* 和音 (som japonês), *Wamyō* 和名 (nome japonês), etc.

(Tradução nossa)

⁸⁶ 秘府略

⁸⁷ 空海

⁸⁸ 篆隸万象名義

⁸⁹ 玉偏

⁹⁰ 顧野王

O trabalho mais antigo que registra alguma leitura japonesa é o *Shinsen jikyō*⁹¹ escrito por Shōjū⁹² durante o reino Shōtai⁹³ (898-901). Essa obra apresenta 21.300 sinogramas organizados sob 160 radicais. Apesar de o autor afirmar em seu prefácio que só obteve o *Yù piān* em 892, depois de completar a primeira parte, a influência da obra chinesa é clara tanto na organização como na seleção.

No ano de 934, Minamoto Shitagō⁹⁴ compiliou o *Wamyō ruijushō*⁹⁵ a pedido de Kinshi⁹⁶, a quarta filha do imperador Daigo⁹⁷. Este é um dicionário no estilo *bunruitai*, ou dicionário ideológico, que organiza o seu léxico em 24 categorias, subdivididas em um total de 128 sub-categorias. Para cada termo chinês apresentado, são apresentadas a sua fonte, a sua pronúncia através de parônimos ou *fǎnqiè*, uma explicação em chinês e, em alguns momentos, sua leitura em língua japonesa grafada em *man' yōgana*. Esta obra pode ser encontrada hoje em um volume de dez seções ou em uma versão expandida, com vinte seções, apresentando 32 categorias divididas em 249 sub-categorias. A versão maior foi impressa em 1617 por Nawa Dōen⁹⁸, e foi estudada durante o período Edo até a publicação da versão menor no ano de 1883 por Kariya Ekisai⁹⁹ (1775-1835). Um fato interessante é que mesmo separados por apenas quinze anos, tanto o *Shinsen jikyō* como o *Wamyō ruijushō* oferecem leituras japonesas diferentes para os sinogramas apresentados.

Um tipo específico de dicionário muito comum nesse período são os dicionários de rima, conhecidos como *yūnshū*¹⁰⁰. O único dicionário de rimas produzido no período Heian que chegou aos dias do hoje foi o *Dōmō shōin*¹⁰¹, compilado por Miyoshi Tameyasu¹⁰² (1049-1139) no ano de 1109, e separa os caracteres de acordo com a sua rima e tonalidade. Essa obra é conhecida

⁹¹ 新撰字鏡

⁹² 昌住

⁹³ 昌泰

⁹⁴ 源順

⁹⁵ 和名類聚抄

⁹⁶ 勤子

⁹⁷ 醍醐

⁹⁸ 那波道円

⁹⁹ 狩谷棧齊

¹⁰⁰ 韻書

¹⁰¹ 童豪頌韻

¹⁰² 三善為康

como o mais antigo *Monzen-yomi*¹⁰³, uma obra que apresenta uma leitura *on* e uma leitura *kun* para cada sinograma com a função de tornar o texto mais inteligível ao leitor japonês.

Como a poesia e a escrita de cartas tornaram-se conhecimentos fundamentais para os estudiosos, causou uma rica criação de manuais e enciclopédias. Mesmo não podendo ser considerados como dicionários propriamente ditos, esses materiais tornaram-se fontes importantes para futuros trabalhos lexicográficos.

No final do período Heian, o sistema *iroha* começou a ser largamente usado por dicionários. Como pode ser observado na obra de Tachibana Tadakane¹⁰⁴, o *Iroha jiruishō*¹⁰⁵. Essa obra, que inicialmente era composta de dois volumes e terminou em dez volumes depois de quarenta anos de revisão, apresenta os sinogramas agrupados em 47 seções de acordo com a primeira sílaba de sua leitura, e cada seção é subdividida em 21 grupos semânticos. As leituras *on* e *kun* são oferecidas em *katakana* servem de guias para a localização das palavras, e quando explicações aparecem, geralmente tem o intuito de desambiguar caracteres com a mesma leitura *kun*. Como a leitura *on* é oferecida como complemento para a leitura *kun*, pode-se concluir que o leitor desta obra objetiva encontrar o sinograma que mais apropriadamente representa um vocábulo da língua japonesa.

Com o declínio da classe nobiliárquica e a subida das classes militares ao poder durante o período Kamakura, a produção de dicionários e vocábulos durante esse período também caiu significativamente. Porém, não se pode dizer que o trabalho lexicográfico foi nulo, já que correram revisões de trabalhos previamente publicados, em uma tentativa de abordar os vocábulos de maneira coloquial, e a publicação de vários pequenos trabalhos atribuídos a monges zen-budistas.

Essas obras mantinham uma complexa relação entre si, e algumas das obras incluem as primeiras incunábulas, denominadas *kokatsu inpon*¹⁰⁶. Incunábula é o nome dado aos impressos por tipo móvel publicados entre 1450 e 1500, diferenciando-se por imitarem características das obras manuscritas. Como os japoneses só conseguiram possuir uma prensa de tipos móveis a partir do ano 1598, os *kokatsu ipon* são as obras publicadas entre 1596 e 1643.

¹⁰³ 文選読み

¹⁰⁴ 橘忠兼

¹⁰⁵ 色葉字類抄

¹⁰⁶ 古活字印本

Em 1381 foi publicado o dicionário *Sengenshō*¹⁰⁷ sob autoria do imperador Chōkei¹⁰⁸, e consiste em uma coletânea de palavras das Narrativa de Genji (*Genji Monogatari*¹⁰⁹), romance clássico de autoria de Murasaki Shikibu¹¹⁰. Apesar de não ser a primeira obra a realizar este trabalho, apresenta a principal característica de eliminar três divisões de *kana*, ignorando a diferença entre: *wo* - *o*, *we* - *e*, *wi* - *i*. Atitude linguística que será posteriormente adotada por vários outros trabalhos.

No final do período Kamakura, Sugawarano Tamenaga¹¹¹ (1158-1246) publicou um dicionário de sinogramas denominado *Jikyōshū*¹¹², que apresentava a leitura *on* à direita do caractere e a leitura japonesa em baixo. Apesar de organizar os caracteres por radical, existe também uma organização em campos semânticos.

Outro dicionário que organiza os seus elementos por radical do período Muromachi é o *Wagokuhen*¹¹³, cuja edição mais antiga existente data de 1498. Como o nome propõe, esse é um *Yū piān* japonês, e mantém grande semelhança com o *Jikyōshū* na sua estrutura, com exceção de não apresentar nenhuma organização em campos semânticos.

The Kamakura period apparently did not produce any general character dictionaries with the entries in the order of syllabary. (...) In the Muromachi period, however, many appeared, of which the oldest, the *Setsuyōshū*¹¹⁴, (...) was compiled a little before the Bunmei¹¹⁵ reign period (1468-1487).

(BAILEY, 1960, p.42)

O período Kamakura aparentemente não produziu nenhum dicionário geral de caracteres com entradas seguindo a ordem do silabário. (...) No período Muromachi, porém, muitos apareceram, sendo o mais antigo o *Setsuyōshū*, (...) que foi compilado um pouco antes do reinado Bunmei (1468-1487)

(Tradução nossa)

Existem inúmeras versões desta obra. E como foram realizadas várias revisões e suplementações, existem poucas similaridades entre cada uma das cópias. É possível separar

¹⁰⁷ 仙源抄

¹⁰⁸ 長慶

¹⁰⁹ 源氏物語

¹¹⁰ 紫式部

¹¹¹ 菅原為長

¹¹² 字鏡抄

¹¹³ 和玉篇

¹¹⁴ 節用集

¹¹⁵ 文明

estas cópias em três grupos, de acordo com o primeiro termo que aparece na categoria *tENCHI*¹¹⁶ (Céu e terra): *Ise*¹¹⁷, *Indo*¹¹⁸ ou *Inui*¹¹⁹.

The combining in one work of classification by both sound and meaning was, as has been seen, a common feature of Muromachi dictionaries. However, the classification of Chinese characters first by sound and then by form, with some attention as well to semantic classification, appears to have been original with the *Rakuyōshū* (...)

(BAILEY, 1960, p. 52)

A combinação de sons e sentidos em um único trabalho foi, como pode ser observado, uma característica comum em dicionários do período Muromachi. No entanto, a classificação de caracteres chineses primeiro pelo som, e então pela forma, com alguma intenção para a classificação semântica, aparenta ser originária do *Rakuyōshū* (...)

(Tradução nossa)

Pode-se observar uma evolução dos dicionários e vocabulários no Japão caminhando para a publicação do RACVYOXV, eliminando a ideia de esse ser uma obra isolada, mas colocando-a na história da lexicografia japonesa. Uma série de outros trabalhos existiram, mas não serão mencionados nesse trabalho, não por serem de qualidade inferior, mas por serem de uma quantidade imensurável.

¹¹⁶ 天地

¹¹⁷ 伊勢

¹¹⁸ 印度

¹¹⁹ 乾

Capítulo 3 – Sobre o *Vocabulario*

O *Vocabulario*, é um dicionário japonês-português com 803 páginas (659 mais 144 do suplemento) originalmente impresso em Nagasaki¹²⁰ no ano de 1603.

A capa do vocabulário apresenta o brasão retangular com o logo da Companhia de Jesus e dois arabescos decorativos ao lado do brasão. Na parte superior lê-se: VOCABVLARIO/ DA LINGOA DE IAPAM/ com adeclaração em Portugues, feito por/ ALGVNS PADRES, E IR-/ MAÕS DA COMPANHIA/ DE IESV. E abaixo do brasão pode-se ler o seguinte texto: COM LICENÇA DO ORDINARIO,/ & Superiores em Nangaſaqui no Collegio de Ia-/ PAM DA COMPANHIA DE IESVS./ ANNO M. D. CIII. (Figura 1)

A obra inicia com um prólogo que apresenta as suas motivações e objetivos.

PROLOGO

Sendo o Vocabulario meyo tam neceſſario, & importante pera aprender qualquer lingoa, há muito tempo que os Padres da Companhia, que eſtamos em Iapão, deſejauamos fair com elle impreſſo pera os Padres, & Irmãos que vem de nouo a cultuiar, & augmentar eſta Chriſtandade, terem algũa maneira de guia, & ajuda pera aprender eſta lingoa: mas porque pera iſto ſe requeria muita noticia, & experiência do vſo deſta lingoa, & mais exacto exame dos vocábulos, não ſe podia em breue tempo fazer tam grande obra, poſto que ja ha anos auia algũs Vocabularios, & Artes de mão de que ſe ajudauão os que de nouo a aprendião, & principalmente hũ Dictionario da lingoa Latina impreſſo com a declaração em Portugues, & em Iapão, de que ſe ajudauão muito aſſi os de Europa pera aprender a lingoa de Iapão, como os meſmos Iapões Irmãos, & Dôjicos pera aprender a Latina. Agora que com as muitas perſeguições deſta Chriſtandade vagou um tempo mais aos Padres, & Irmãos Iapões para reuer, & examinar melhor os Vocabularios, que eſtauão ja ha anos feitos poſto que imperfeitamente: alguns dos que melhor ſabião a lingoa de Iapão, com a ajuda também de alguns naturaes entendidos nella nos aplicamos com diligencia por alguns anos a examinar, acrescentar, & aperfeiçoar eſte Vocabulario, o qual ſe não fair tam perfeito como ſe deſeja, por ſer a lingoa de Iapão mui abundãte, & varia no vſo, ſendo hum o eſtillo das cartas, outro o dos liuros, outro o da pratica familiar, & ontro o das pregações; & tendo eſta lingoa incorporadas em ſi muitas palavras da China, cuja declaração depende muito dos meſmos liuros, & caracteres da China: todauia ſegundo a diligencia, & exame, que ſe tem feito he obra de que os noſſos ſe ajudarão muito, & ainda os Iapões: Por que ſe declara nella não fomite o ſentido corrente, & vſo ordinário dos vocábulos, mas

¹²⁰ 長崎

Figura 1 – Capa do Vocabulario

também o extraordinário, & metaphorico, & muitos, mui vários, & elegantes modos de falar que tẽ afsi na pratica, como na eſcritura. E poſtoque nelle ſe poẽ muitas palauras Cobitas mais correntes, & vjadadas afsi na pratica, como nos liuros, & cartas: todauia de propoſito ſe deixarão os nomes próprios de lugares, homens, & outros impertinentes por não ſerem tã neceſſarios pera aprender a lingoa.

Logo em seguida, os jesuítas apresentam algumas conſiderações sobre a conſtrução da obra.

Alguãs aduertencias neceſſarias pera o vſo, & intelligẽcia deſte Vocabulario.

Na collocação, & ordem dos vocábuloſ Jeguimos o mofo que ſe teue no dictionario Latino já impreſſo, não indo pollas cabeças, & deriuacão das palauras, mas pella ordem do Alphabeto Latino, porque afsi ſe acha melhor, & mais deprefa o vocábulo que ſe buſca.

Ordinariamente quando o vſo da palaura na partes do Cami he diferente do de cà, deſtes reinos Ximo, ou de outras partes, dizemos no Cami ſe diz afsi, ou ſe vja deſtamaneira, &c. Quando ſomente vja neste Ximo, pomos no cabo da palaura, ou da declaração dela hum, X. quando nem em todo Ximo, nem em todo o reino de Iapão o ſentido he corrente, pomos, (alicubi) quando a palaura ſerue ſomente na poesia, pomos hum P. qñ ſo na eſcritura como em liuros, ou cartas, hũ S. qñ he palaura do Buppô, pomos, Bup. poſto que muitas deſtas por ſerẽ eſcuras, & pouco viadas, & como términos próprios de certa doutrina, ou feita, deixarmos de as por. Quãdo no cabo da dição, ou declaração eſta hum. B. quer dizer que aquella palaura he baixa.

Na ordem dos vocábuloſ, que começam pella letra, G. depois de, Ga, & Gan, ſe ſegue, Gue, Guen, Gui, Go, Gu, Guan, Gi, Gio, Giu: & da meſma maneira depois de por os vcabulos que começam por I, vogal, ſe ſeguem os do, I, conſoante. ſ. Ia, Ie, Ii, Io, Iu: deixando pera o, Y, Grego no cabo antes do, Z, os vocábuloſ ſomẽte, que começam por Ya, Ye, Yo, Yu. E no meyo das palavras pella môr parte ſe guarda também eſta ordem. Algũs vocábuloſ onde entra, I, vogal por Ji, tendo letra própria pera a diſtinguirmoſ como ſylaba ſeparada ſe eſcreue deſta maneira, vt, Gu-i. Vorocana cocoro: pera que ſe não lea Gui. Me-i. Sugureta ixa, &c. quando he hua ſo letra a que reſponde hum vocábulo como Vguyſu, ou ſe eſcreue com, Y, Grego por que ſe não lea Vguiſu, ou ſe aparta, o I, hum pouco, & ſefaz, o V, mayor vt, Tagvi, Vôgvi.i, Vôqini cu. Pera que ſe não lea Vôgui.

Nos vocábuloſ que tem acento longo como, Fiõrõ, Meõji, &c. Eſcreuemos a primeira ſylaba ora por, E, ora por, I: & da meſma maneira os que tem o acento breue como Fiô, Qiô, melhor foão com I, dizendo Qiô, que Qeô. Mas por que eſta introduzido eſcreuerenſe por E, conforme ao modo deſcreuer em Cana, por iſſo eſcreuemos eſtes vocábuloſ indifferentemẽte por E, ou I. E afsi qñ ſe não achar hum vocábulo deſtes com E, buſqueſe com Ie na I, &viceuerſa: como, Meõji, I, Miõji; Riõchi, I, Reõchi.

Não ſe poẽ em todas as palauras aque chamão Coyes, ſeus Yomis, parte por ſe não ſaberẽ todos, & parte por não reſpõderem ao ſentido da palaura: qñ he próprio Yomi, ou declaração, que reſponde à letra China eſcreueſe ſimpleſmẽte:

mas qñ. He fynonimo, ou paraphraſi, que explica mais o ſentido do vocábulo, ajuntafelhe hũ ideſt: vt Cannet, Samui, atçui. Nôjo, ideſt, yoi mono caqi.

Por que neceſſariamente ham de faltar alguns vocábulos, pois não he poſſiuel eſpotar a multidão, & variedade deles de maneira que não fiquem muitos, & alguns ainda no treſladar, ou no comporna empreñſſa ſe deixarião, por iſſo ſe fará hum ſuplemento no cabo pella meſma ordẽ do Alphabeto Latino pera ſuprir o que faltou no corpo do Vocabulario, emendando também, ou acrescentando algum ſentido mais.

Não ſe poſerão aqui os vários modos e cotar que há ã Iapão: por que cõ o fauor Diuino ſe fará hũ tratado das cõtas ã particular & ſe imprimira logo juntamẽte cõ Arte.

A partir dessas advertências é possível perceber a preocupação em resgatar um léxico o mais variado possível e deixar claro o seu uso e características específicas da língua.

(...) como o nível mínimo era conseguir ouvir confissões na língua japonesa, esses confessores deveriam compreender as variedades dialetais e a língua falada pela ‘população baixa’. Os missionários responsáveis pela pregação, por outro lado, necessitavam saber falar a língua culta corretamente, condizente com a religião cristã que defendiam e de modo a não confundi-la com os dogmas do budismo.

(TASHIRO, 2004 p. 203)

Antes de entrar no texto lexicográfico, ainda existe a aprovação feita por Nicolau Davila:

Approuação.

VI por mandado do Senhor D. Luis de Cerqueira Biſpo de Iapão, este Vocabulario Japonico feito agora de nouo, & Irmãos de noſſa Companhia: o qual me pareceo não ſoamente proueitoſo, mas a inda neceſaria pera os que deſejam aprender a lingoa Iapoa: pelo que julgo ſe pode, & deue imprimir. Em Nangaſaqui, no Collegio da Companhia de IESV. A 4. De Agoſto de 1602. Annos.

Nicolao dauila.

¶. VISTA A a informação acima podeſe imprimir este Vocabulario. O Biſpo de Iapão.

E por final a Licença assinada por Francisco Pasio:

LICENÇA

EV Francisco Paſio Viceprouincial da Companhia de JESV na Viceprouincia de Iapam, & China por particular comi βam que pera isto tenho de Noſſo R. P. Geral Claudio Aquaviva dou licença que ſe imprima o Vocabulario Iaponico, feito agora de nouo pelos noſſos Padres. O qual foy viſto, & examinado por pe βoas inteligentes da lingoa, & homens graues de no βa Companhia. Em

testemunho do qual deu este afinado de meu nome, & fellado com o fello de meu officio. No Collegio de Nangasaqui da mefma Companhia. A 2. De Janeiro. De 1603. Annos.
Francisco Pafio

O texto contém 32.798 entradas dispostas em duas colunas por página, e todas as palavras japonesas estão romanizadas de acordo com o seguinte sistema criado pelos missionários portugueses (Quadro 1).

Quadro 1: Sistema de romanização para o *gojūon* no *Vocabulario*.

あ a	い i, j, y	う v, u	え ye	お vu, uo
か (くわ) ca (qua)	き qi, qui	く cu, qu	け qe, que	こ co
が (ぐわ) ga (gua)	ぎ gui	ぐ gu	げ gue	ご go
さ sa	し xi	す su	せ xe	そ so
ざ za	じ ji	ず zu	ぜ je	ぞ zo
た ta	ち chi	つ tçu	て te	と to
だ da	ぢ gi	づ zzu	で de	ど do
な na	に ni	ぬ nu	ね ne	の no
は fa	ひ fi	ふ fu	へ fe	ほ fo
ば ba	び bi	ぶ bu	べ be	ぼ bo
ぱ pa	ぴ pi	ぷ pu	ぺ pe	ぽ po
ま ma	み mi	む mu	め me	も mo
や ya		ゆ yu		よ yo
ら ra	り ri	る ru	れ re	ろ ro
わ va, ua				

Esse sistema de romanização ainda usa dois diacríticos: o caron e o circunflexo para diferenciar as duas pronúncias possíveis na época, definidas como sons abertos e fechados.

Capítulo 4 – Sobre o RACVYOXV

4.1. Características gerais

Esta obra foi impressa em papel tipo *minogami*¹²¹, medindo 26,4x19cm, podendo variar em alguns centímetros de um exemplar para outro. Porém, analisando a cópia existente na Universidade de Leyden, possivelmente todos os exemplares tinham uma capa de papel conservada com essência de caqui, conhecido como *shibugami*¹²².

A paginação não é consecutiva como na maioria das obras ocidentais, consequência do tipo de encadernação utilizada na época, nominada *sensōbon*¹²³ ou *fukurotoji*¹²⁴. Também conhecido como *double-leaved printing* em inglês e *encadernação com folhas duplas* em português, consiste na impressão de duas páginas em um único lado do fólio (*chō*¹²⁵ em japonês), deixando o seu verso em branco. Cada fólio é então dobrado ao meio e a costura é feita sobre as abas abertas, deixando a dobra da página exposta (Figura 2). Cada meio fólio é decorado com uma borda preta de aproximadamente 1,5 cm que se interrompe em um espaço retangular localizado no centro geométrico do fólio aberto. Neste espaço encontra-se a numeração do fólio e todas as entradas em *hiragana* encontradas neste fólio, formando um índice (Figura 3). Como cada fólio recebe uma única numeração, os estudiosos do RACVYOXV identificam cada página pelo número do fólio mais a marcação frente ou verso.

Na primeira página encontra-se o título da obra, RACVYOXV, seguido da descrição: *IN COLLEGIO IAPONICO SOCIETATIS / IESV. / Cum facultate Superiorum. / ANNO M. D. XCVIII*. No centro encontra-se o brasão da Sociedade de Jesus, que consiste na inscrição IHS circulada pelo mote *IESV NR̃A REDĒPTIO* (Figura 4). Este símbolo já havia sido usado pelo *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum* publicado no colégio de Amakusa¹²⁶ no ano de 1595 e, posteriormente, seria utilizado no

¹²¹ 美濃紙 – Este tipo de papel era muito utilizado em documentos e outros registros pela sua durabilidade. Seu nome origina-se da região onde era produzido, Mino, atual província de Gifu. Como era produzido em especial nos vilarejos de Mugi, também recebe o nome de mugigami (武儀紙).

¹²² 渋紙 – Um papel grosso, constituído de várias camadas, embebidas em tanino de caqui e depois secas. Comumente utilizada em embalagens, acolchoamento de pacotes e encadernações de documentos.

¹²³ 綫袋本

¹²⁴ 袋綴じ

¹²⁵ 丁

¹²⁶ 天草

livro *Contemptus Mundi* atribuído ao dominicano Luís de Granada e publicado em 1610 na cidade de Quioto¹²⁷, adaptação da obra *Imitatio Christi*, de Thomas a Kempis (1380-1471).

Figura 2 –*Sensōbon* ou *Fukurotoji*

Yamagiwa (1995, p. 75-6) divide a obra em três partes: *Rakuyōshū Honpen*¹²⁸, doravante *Honpen*, *Irohajishū*¹²⁹ e *Shōgyokuhen*¹³⁰. Com exceção do *Irohajishū*, algumas considerações devem ser colocadas a respeito da adoção romanizada destes subtítulos.

Apesar de a primeira seção apresentar somente o nome *Rakuyōshū* escrito em sinogramas, para evitar a confusão com o título da obra adicionamos o termo *honpen* (Texto principal) como sugerido por quase todos os pesquisadores da obra. Já o *Shōgyokuhen* é por vezes romanizado como *Shōgokuhen*, não existindo um consenso entre os pesquisadores da obra. Para o presente trabalho, será utilizada a primeira por ser a mais usada na bibliografia consultada.

O *Honpen* é constituído de 62 fólios, e lista os sinogramas pela sua leitura on, denominada de coye pelos missionários da época. Complementado esta seção, encontra-se também uma lista de números e suas respectivas leituras e algumas erratas. Esta é a parte principal da obra e que lhe deu o nome.

O *Irohajishū* é constituído de 27 fólios, e lista os sinogramas pela sua leitura kun, também denominada yomi pelos jesuítas. Anexadas encontra-se uma seção denominada *Hyakkan*¹³¹, uma lista dos

¹²⁷ 京都

¹²⁸ 落葉集本編

¹²⁹ 色葉字集

¹³⁰ 小玉篇

¹³¹ 百官

nomes de cem governadores japoneses e seus equivalentes chineses, e o *Nihon Rokujū yoshū*¹³², uma lista da denominação de sessenta antigas províncias japonesas, e algumas erratas.

O *Shōgokuhen* é o menor de todos, constituído de apenas 19 fólhos, apresentando uma lista de sinogramas ordenados pelos radicais em 105 entradas, tornando a organização deste volume mais próxima dos dicionários modernos. Anexada a esta seção, temos apenas uma errata.

Com exceção do prefácio que não tem nenhuma marcação de linhas, cada meio fólho é dividido em 8 ou 11 linhas. O *Honpen* e o *Shōgokuhen*, por apresentarem a leitura dos sinogramas tanto na esquerda quanto na direita, são ornados com 8 linhas. Já, nos anexos *Hyakkan*, no anexo *Nihon Rokujū Yoshū* e no índice do *Shōgokuhen*, onde a leitura dos sinogramas aparecem apenas do lado direito, a divisão é feita em 11 linhas.

Como o *Shōgokuhen* apresenta a leitura dos sinogramas dos dois lados em determinados momentos e somente do lado direito em outros momentos, existe uma mistura das duas medidas acima citadas. Se a divisão decorativa for ignorada, o número de divisões varia de 8 a 9 linhas, com a única exceção do Fólho 16-Verso que apresenta 10 linhas.

Os elementos decorativos da obra têm, além da função de preencher espaços em branco, discriminar elementos e funções do texto. Porém, Doi (1986, p.5) afirma que “三部の各巻頭書名位置の装飾小模様は、本篇は未植字、色葉字集には上下各一個、小玉篇には上一個下二個を植字するなど、必ずしも画一的ではない¹³³”.

Toda a obra foi escrita em japonês, fazendo uso dos dois silabários (*hiragana* e *katakana*) e de vários sinogramas usados no Japão da época. Para a escrita da obra foram adotadas caligrafias cursivas e algumas formas abreviadas, denominadas *gyōsō*¹³⁴. Todos os *kana* modernos são utilizados na obra, e, adicionado a estes, também há vários *hentaigana*, já que a obra foi produzida antes da normalização da ortografia, de 1890.

O RACVYOXV apresenta também o uso do dakuten¹³⁵, para indicar vozeamentos e do *handaku-ten*¹³⁶ sobre as sílabas ha, hi, fu, he e ho para apresentar os sons pa, pi, pu e po. Apesar destes símbolos serem já estarem em uso há muito tempo, esta foi a primeira vez que foram incorporados à um dicionário impresso em tipos móveis.

¹³² 日本六十余州

¹³³ A decoração dos campos onde se encontram os títulos de cada uma das três partes, é inexistente no *Honpen*, existe uma acima e outra abaixo do nome do *Irohajishū*, e um acima e dois abaixo do *Shōgokuhen*, não apresentando uma regularidade (Tradução nossa).

¹³⁴ 行草

¹³⁵ 濁点

¹³⁶ 半濁点

Figura 3 – Fólio 23 Verso. No canto direito localiza-se o índice RA-UM-U(らむう) e a numeração da página 23 (二十三).

Figura 4 – Capa da cópia do Arquivo da Sociedade de Jesus em Roma.

4.2. Cópias existentes

RACVYOXV é uma das obras jesuítas com mais cópias que restaram ao redor do mundo. Bailey (1960) aponta a existência de três cópias completas que se encontram no Museu Britânico, na Biblioteca particular do Conde de Crawford e Balcarres, e no Arquivo da Sociedade de Jesus em Roma, e duas cópias incompletas encontradas na Biblioteca da Universidade de Leyden e na Biblioteca de Paris. Adicionada a estas, Doi (1986) apresenta o surgimento de mais uma versão, conservada na Biblioteca de Tenri.

Foram também encontrados fragmentos da obra RACVYOXV costurado dentro da capa de outras obras, costume bastante comum na época de reaproveitamento do papel, devido ao seu alto custo. No ano de 1940, o Pe. Joseph Shütte encontrou o fôlio 3 do Honpen em um volume de cartas manuscritas no Arquivo da Sociedade de Jesus em Roma. No ano de 1954, o Dr. Joseph K. Yamagiwa encontrou mais dois fragmentos deste mesmo fôlio colado dentro da capa da cópia do RACVYOXV da Biblioteca de Paris. Encontra-se na Biblioteca de Tenri uma versão fragmentada da obra, formada dos fôlios 14, 17, 18, 25, 26, 30, 32, 34, 37, 38, 39 e 57.

The Japanese fragmente of 12 leaves from the *Rakuyōshū* proper, purchased in 1936 and still owned by the Tenri Library, was originally owned by the late Uchino Gorōzō and was discovered in 1929 in the form of cover-binding liners of six volumes of Jesuit Missiom Press' s *Taiheiki nukigaki* (Extracts from the History of the Great Peace)

(BAILEY, 1960. p. 294)

O fragmento japonês de 12 folhas do *Rakuyōshū honpen*, adquirido em 1936 e ainda presente na biblioteca de Tenri, foi originalmente propriedade de Uchinno Gorōzō ¹³⁷e foi descoberta em 1929, como forro da encadernação das capas de seis volumes da obra da Imprensa da Missão Jesuítica *Taihei nukigaki*¹³⁸ (Extratos da História da Grande Paz).

(Tradução nossa)

¹³⁷ 内野五郎三

¹³⁸ 太平記拔書

Essa obra fragmentada foi reconhecida como Importante Bem Nacional¹³⁹ pelo governo japonês em Julho de 1952.

A seguir, apresentam-se brevemente cada uma das cópias completas existentes hoje do RACVYOXV

4.2.1. Cópia do Museu Britânico

Adquirida pelo Sir Ernest Mason Satow (1843-1929), foi doada para o Museu Britânico, juntamente com outros documentos japoneses no ano de 1885, depois do seu retorno do Japão para a Inglaterra.

Bailey (1960, p.292) afirma que em algum momento, provavelmente após a saída da cópia do Japão, esta foi reencadernada no estilo ocidental, assim como a cópia da Biblioteca da Universidade de Leyden e da Biblioteca Pessoal do Conde de Crawford e Balcarres. Sobre algumas características físicas da obra, apresenta que

In the lower right-hand corner of the title page of the British Museum copy of the *Rakuyōshū* there appear in the form of a red seal the three kanji designating the shop Taikadō¹⁴⁰ and at the very end of the text, also a red seal form, are a row of characters of which the legible ones read Edo yokkaichi kokonchinshokai Darumaya¹⁴¹ These notations indicate the bookshops which at one time or another had this copy for sale

(BAILEY, 1960, p.291)

Na parte direita inferior da página título da cópia do Museu Britânico do *Rakuyōshū* encontra-se, na forma de um selo vermelho, os três *kanji* que designam o nome da loja Takaidō e no final do texto, novamente na forma de outro selo, é encontrada uma série de caracteres onde, os legíveis, apresentam o texto Edo Yokkaichi Kokonchinshōkai Darumaya, estas anotações indicam as livrarias que em algum momento colocaram esta obra à venda.

(Tradução nossa)

Também informa outras particularidades desta obra:

¹³⁹ 重要文化財

¹⁴⁰ 待買堂

In the *Rakuyōshū* proper and the “Shōgokuhen” section of the British Museum copy the “empty” circles accompanying catch words in the text have been filled in with black ink. In the “Irohajishū” this occurs in the appendix on government offices and in the text itself at the beginning of lists of words whose transcription requires more than one *kanji*. In the Jesuit Archives and Leyden copies of the *Rakuyōshū* the black space within these circles has not been inked out.

(BAILEY, 1960, p.292)

Nas seções *Rakuyōshū* honpen e “Shōgokuhen” da cópia do Museu Britânico, os círculos vazios que acompanham as entradas no texto foram preenchidas com tinta preta. No “Irohajishū” isto acontece no apêndice sobre oficiais do governo e, no texto principal, no começo das listas de palavras cuja transcrição exige mais de um *kanji*. Nas cópias do Arquivo Jesuíta e Leyden do *Rakuyōshū* os espaços pretos destes círculos não foram preenchidos.

(Tradução nossa)

Kojima (1978, p.3) ainda afirma que existem anotações feitas à pincel no texto. Infelizmente, o estado de conservação desta obra é considerado uma das mais precárias entre as cópias existentes. Hoje, a cópia original encontra-se classificada como Or. 59. b. 11 e uma versão fac-símile, produzida pela Editora Bensei¹⁴², foi comercializada.

4.2.2. Cópia da Biblioteca pessoal do Conde de Crawford e Balcarres

Ao contrário das outras cópias, o Shōgokuhen encontra-se entre o Honpen e o Irohajishū, e não no final.

Segundo Bailey (1960 p.292), “The time and route by which it left Japan are not known, but it came into the possession of the family of its present owner in the spring of 1863” – “As

¹⁴¹江戸四日市古今珍書達磨屋

¹⁴² KIRISHITAN-BAN Rakuyōshū. Prefácio de Kunimichi Fukushima. Tóquio: Bensei, 1977.

datas e a rota pela qual ela saiu do Japão são desconhecidas, mas ela chegou à posse da família do atual proprietário na primavera de 1863” (Tradução nossa).

Adiciona ainda que:

In the upper right-hand portion of the rakuyōshū owned by the Earl of Crawford and Balcarres is written in two lines in pen and ink: “Martin Bartasan / Nagasaki 1753” signifying, apparently, that it was acquired in Nagasaki on that date.

(BAILEY. 1960 p.292)

Na parte direita superior do rakuyōshū adquirido pelo Conde de Crawford e Balcarres está inscrito em duas linhas à tinta: ‘Martin Bartasan / Nagasaki 1753’ significando, aparentemente, que esta foi adquirida em Nagasaki nessa data.

(Tradução nossa)

Revelando que originalmente foi adquirida por Martin Bartasan antes de chegar nas mãos da família Crawford. Doi (1986, p.7) complementa que a aquisição “ “Foi feita na loja parisiense de livros antigos Maisonneuve” ¹⁴³.

4.2.3. Cópia do Arquivo da Sociedade de Jesus em Roma

Classificada como Jap-Sin I, 201, esta obra tem uma capa adicional composta de 57 flores de kiri em prata e desenhos de folhas em ouro tratadas com mica. O título desta capa foi escrito em pincel usando as mesmas fontes do texto.

It is not known how long the Roman copy of the Rakuyōshū, the most perfectly preserved complete copy, has been in the west. It was only located in recent times in the Archives of the Society of Jesus by Father Georg Schurhammer, and probably its most outstanding feature (···) is the fact that the date 1598 appears at the end of the complete work.

(BAILEY, 1960 p.293)

¹⁴³ “パリの古書肆 Maisonneuve から入手したもの”

É desconhecido o tempo pelo qual a cópia de Roma do Rakuyōshū, a mais bem preservada cópia completa, está no ocidente. Esta foi localizada recentemente no Arquivos da Sociedade de Jesus pelo Padre Georg Schurhammer, e sua mais importante característica (...) é o fato da data 1598 aparecer no final da obra.

(Tradução nossa)

Acredita-se que esta cópia foi doada diretamente para o Arquivo, pois antes da primeira capa existe um texto explicando o conteúdo e as circunstâncias de impressão da obra.

4.2.4. Cópia da Universidade de Leyden

Esta cópia foi apresentada a Joseph Scalinger (1540-1609), professor da Universidade de Leyden durante os anos de 1593 e 1609, pelo gerente da Companhia Holandesa das Índias Orientais, Reyner Pau, no ano de 1605, que posteriormente doou a obra para a biblioteca da universidade.

This information is based on the fact that on the lower edge of the title-page has been pasted a narrow strip of paper on which is printed in one line: Ex Legato Illustris Viri Josephi Scaligeri, and on the reverse side of the front cover there is handwritten in seven lines: Ex dono prudentis viri/ Reyeri Pau Amsteldã/ Curatoris Orientalis / Indicae Nesotitionis / Integerrimi. M. 20 1605 / Franco Duyckens Lugdun / Bibliothecae D.D.

(BAILEY, 1960 p.293)

Esta informação é baseada no fato de encontrarmos um pedaço de papel na parte inferior da página principal com os seguintes dizeres: Ex Legato Illustris Viri Josephi Scaligeri, e no verso da capa um texto de sete linhas escrito à mão: Ex dono prudentis viri/ Reyneri Pau Amsteldã/ Curatoris Orientalis / Indicae Nesotitionis / Integerrimi. M. 20 1605 / Franco Duyckens Lugdun / Bibliothecae D.D.

(Tradução Nossa)

Seguindo esta citação, escrita pela mesma mão, existe o seguinte texto em latim:

Nec lectus nec adhuc nostratibus intellectus/ Ad nos qui adverso venit ab orbe liber/ Hoc sacre esto loco: forte hūc volventibus annis/ Quodā posteritas et leget et capiet.

(Apud BAILEY 1960 p.293)

Inelegível e ininteligível para nós/ este livro que atravessou o globo/ é uma obra sagrada que no futuro/ poderemos ler e compreendê-la.

(Tradução Nossa)

Catalogada como Jap. 36, e tendo uma versão fac-símile pela Editora Hitaku (1984), esta cópia é a única versão que ainda contém a capa original em shibugami e está em melhor estado de conservação, já que foi levada para a Universidade de Leyden apenas oito anos depois de sua impressão. Porém, esta obra está incompleta, faltando-lhe a parte do Shōgokuhen e o fôlio número 3. Outra falha é a duplicação do fôlio número 6 do Honpen.

4.2.5. Cópia da Biblioteca de Paris

Classificada como Jap-Sin I, 201, este exemplar tem uma capa adicional composta de 57 flores de kiri¹⁴⁴ (Planta do gênero *Pawlonia*) em prata e desenhos de folhas em ouro tratadas com mica. O título desta capa foi escrito em pincel usando o mesmo tipo de fonte do texto.

Aparentemente foi levada para fora do Japão durante os seus primeiros anos após a impressão, pois a sua existência já está registrada no catálogo da coleção oriental da Biblioteca Nacional (real) de 1742 (144 anos após a sua publicação) e em 1803 (205 anos depois).

Os dois fragmentos do fôlio 3 encontrados colados na capa da obra, juntamente com a análise da cópia do Museu Britânico, produziram claras evidências das severas revisões e correções que ocorreram durante a sua publicação segundo Yamagiwa (1995).

¹⁴⁴ 桐

4.2.6. Cópia da Biblioteca de Tenri

Encontram-se cadastrados no catálogo da Biblioteca de Tenri uma cópia completa do RACVYOXV, no entanto, somente existem pistas do caminho trilhado por esta obra.

Medindo 25,3x19,2 cm, este volume não apresenta a capa original. A sua nova capa remodelada é feita de papel danshi¹⁴⁵, um tipo de papel de alta qualidade feito através da planta Amora de Papel (*Broussonetia papyrifera*), e não apresenta nenhum título ou informação adicional.

O Honpen e o Irohajishū totalizam 90 fólios nesta cópia, 1 fólio a mais do que apresentado por Yamagiwa (1995). Com o Shōgokuhen, que é composto por 19 fólios, a cópia tem ao total 109 fólios.

Um grande diferencial desta cópia comparada à outras é a adição de 8 fólios escritos em pincel no final do Irohajishū, apresentando um trabalho que complementa o anexo Nihon Rokujū Yoshū (Lista das sessenta províncias japonesas), com as suas sub-regiões. Com isso a cópia da Biblioteca de Tenri completa um total de 117 fólios.

Este último anexo termina com um posfácio datado no ano 4 da era Keichō (1599). Com esta data é possível concluir que este só foi anexado um ano depois do término de impressão da obra.

Segundo o Catálogo da Biblioteca Privada de Seisō¹⁴⁶, montada no ano de 1925, o RACVYOXV pertencia à Odzu Keisō¹⁴⁷, pseudônimo de Odzu Hisatari¹⁴⁸ (1804-1858).

Como a obra apresenta o carimbo retangular Obama shi zōsho¹⁴⁹ no fólio 1-Frente do Honpen e no fólio 17-verso do Shōgyokuhen, e também uma marca redonda grafando Obama¹⁵⁰ nos seguintes fólios: fólio 1-Frente do Honpen, fólio 1-Frente do Irohajishū, fólio 1-Frente dos anexos escritos à pincel e fólio 1-Frente do Shōgokuhen; supõe-se que a posse desta obra está ligada a Toshie Obama¹⁵¹ (1889-1972).

¹⁴⁵ 檀紙

¹⁴⁶ 大正十四年十二月 / 西莊文庫 / 第一号

¹⁴⁷ 小津桂窓

¹⁴⁸ 小津久足

¹⁴⁹ 小汀氏藏書

¹⁵⁰ をばま

¹⁵¹ 小汀利得

Outro selo encontrado na guarda da contracapa com a inscrição Rokkō shobō¹⁵² indica que esta cópia pertenceu ao fundador da livraria Yagi¹⁵³, Toshio Yagi¹⁵⁴ (1908-1999), provavelmente o último proprietário antes de ser adquirida pela Biblioteca de Tenri.

Em Junho de 1985, a cópia completa recebeu o mesmo reconhecimento da obra fragmentada, por serem as únicas cópias localizadas em território japonês.

4.3. Rakuyōshū honpen

Rakuyōshū honpen é a primeira e maior parte de toda a obra, com um total de 62 fólios, ocupando mais da metade de toda a obra. Essa parte da obra organiza todos os sinogramas pela sua leitura chinesa, denominada koye ou on, localizada do lado direito dos sinogramas. Complementando-a, a leitura japonesa, denominada yomi ou kun, encontra-se do lado esquerdo e, ocasionalmente, abaixo. Esta seção inicia-se com um prefácio que explica a proposta e organização das duas primeiras partes da obra. Abaixo a transcrição do prefácio e sua tradução para o português:

是つら字書世にふりておほしといへども、ある字のこゑばかりにしてよみなく、或はよみをするしてこゑを記せず。是なんものゝ不足といふべきにや。茲に先達のもてあそびし文字言句の落索を拾ひあつめ、かしらに母字を置き、それにつゞく字を下にならべて、字の音声を右に記し読を左にして、色葉集の跡を追ひいろはの次第をまなんで以て字書をつくる。仍此一冊を落葉集と号す。又此書の終には一字——のよみを本とし、おなじく二三字の世話をも少々相加へて、今一篇のいろはをついづる者也。凡可謂万戸之賜歟。

(DOI, 1971 p.121)

De fato, até agora foram produzidos muitos dicionários. Mas eles apresentam somente o koe e não o yomi, ou às vezes apresentam o yomi, e não registram

¹⁵² 六甲書房

¹⁵³ 八木書店

¹⁵⁴ 八木敏夫

o koe. Não poderíamos dizer que são insuficientes estes trabalhos? Aqui, recolhemos as sobras dos sinogramas e vocabulários e trabalhamos cuidadosamente. Seguindo o Irohashū, foram dispostos segundo ordem do iroha. No topo colocamos a sílaba guia, organizando abaixo os sinogramas relacionados a ela. À direita de cada sinograma registramos a sua leitura on e à sua esquerda o seu yomi e nomeamos este volume de Rakuyōshū. Na parte posterior colocamos, também segundo a ordem iroha, os yomi desses sinogramas e expressões, acrescentando 2 ou 3 palavras comuns.

(Tradução nossa)

Bailey (1960) também oferece uma tradução para o inglês do prefácio.

To be sure, many Japanese dictionaries have appeared in the world before now. Of these, however, it may be said that they are deficient either in that they provide the koe [Chinese reading] of characters, omitting the yomi [Japanese reading], or that they record the yomi and ignore the koe. Herein we propose to assemble “left-over [rakusaku]” kanji and compounds long in use but hitherto overlooked and to arrange them, after the manner of the Irohajishū, in iroha order, their on [Chinese readings] to be on the right and their yomi to be on the left, and thus to produce in one volume a dictionary to be designated the Rakuyōshū. Thereafter we propose to add a section of characters and compounds similarly grouped in iroha order but arranged in terms of their Japanese readings.

(BAILEY, 1960. p. 297)

De acordo com este prefácio, o objetivo da obra, em especial o *Rakuyōshū honpen* e o *Irohajishū*, é corrigir a falha dos dicionários da época apresentando ambas as leituras japonesa (*yomi*) e chinesa (*koe*) dos sinogramas em posições separadas.

Pela lexicografia japonesa moderna, enquanto o *Rakuyōshū honpen* pode ser classificado como um dicionário *onbiki*¹⁵⁵ por ordenar os sinogramas pela sua leitura chinesa, o *Irohajishū* seria classificado como *kunbiki*¹⁵⁶ devido sua organização segundo a leitura japonesa.

O prefácio também sugere uma possível interpretação do título da obra.

If we take the *raku* of *Rakuyōshū* to be that of *rakusaku* and the *yō* to be the Chinese reading of the *ha* of *Irohashū*, then it is possible, as Father Lares suggests, to find in the title not only the literal meaning “Collection of fallen leaves” but also the meaning “Collection in *iroha* order of overlooked (left-over, fallen) [words]” .

(BAILEY, 1960. P. 297)

¹⁵⁵ 音引

¹⁵⁶ 訓引

Se tomarmos o *raku* de *Rakuyōshū* como sendo o de *rakusaku* e o *yō* a leitura chinesa do *ha* de *Irohashū*, então é possível, como o padre Laures sugere, encontrar no título, não somente o significado literal “Coletânea de folhas caídas” mas também “Coletânea em ordem *iroha* de [palavras] negligenciadas (sobras, caídas)” .

(Tradução nossa)

Apesar de estarem à sombra da palavra “sobras (em japonês, *rakusaku*¹⁵⁷)”, é importante observar que a maioria delas é facilmente encontrada em dicionários modernos. É clara a intenção dos autores de reunir uma vasta coleção de palavras úteis, com ênfase em palavras não contempladas por outros trabalhos da época.

Em uma análise das propostas da primeira parte, Bailey observa que:

(...) the primary function of the *honpen* of the *Rakuyōshū* was intended to be that of a *character book* (*jisho*¹⁵⁸) and not that of the type of reference work which the user, in doubt as to a meaning, consulted as a *word book* (*jisho*¹⁵⁹)

(BAILEY, 1960. p. 300)

(...) a função primária do *honpen* do *Rakuyōshū* foi a de ser um *livro de caracteres* (*jisho*) e não o tipo de livro de referências onde o usuário, em dúvida sobre o significado, consulta-o como um *livro de palavras* (*jisho*)

(Tradução nossa)

Depois do prefácio, na frente do primeiro fólio existe o título da obra, escrito em sinogramas, abrindo então o texto do *honpen*.

Essa parte está dividida em 47 índices. Cada um destes índices, denominados *bu*¹⁶⁰ em japonês, corresponde a uma sílaba do *Hiragana*. 44 desses estão inseridos em um quadrado decorado. Porém, os índices para as sílabas YI, O e E, por não apresentarem nenhum conteúdo, diferenciam-se por apenas estarem circulados (Figura 5).

¹⁵⁷ 落策

¹⁵⁸ 字書

¹⁵⁹ 辞書

¹⁶⁰ 部

Figura 5 – Índice E, somente circulado, e o índice TE inserido em um quadrado decorado

Abaixo de cada um destes índices encontram-se as entradas, denominadas *boji*¹⁶¹. Essa denominação foi dada por Morita (1953, p.51) para os sinogramas precedidos por um círculo e que, quando unidos com os demais sinogramas que os seguem, carregará a função de primeiro elemento do vocábulo composto de mais de um sinograma, ou *jukugo*¹⁶². Já os complementos, *jukuji*¹⁶³, são precedidos por um traço vertical, que representa a repetição destas entradas, formando assim diversos vocábulos. Por exemplo, logo abaixo do 24º índice, a entrada U (右) forma quatro vocábulos de acordo com a sua leitura chinesa: Ugan (右眼), Ushu (右手), Usoku (右足) e Udaijin (右大臣) (Figura 6).

Mesmo o foco da obra recaindo sobre a leitura on dos sinogramas, é evidente a presença da leitura japonesa, porém:

The *kun* readings given for run-on *kanji* (whose *on* readings join with the *boji* to form a compound) are not to be considered necessarily applicable in their meanings to the meaning of the *on* compound, nor do they necessarily join with the *kun* reading of the *boji* to form a *kun* compound. These *kun* readings are meant, generally, to indicate a Japanese reading for the *kanji* to which are attached and nothing more.

(BAILEY, 1960 p.300)

O sentido das leituras *kun* atribuídas aos *kanji* complementares (cujas leituras *on* unem-se com os *boji* formando um vocábulo) não podem ser consideradas necessariamente aplicáveis ao sentido geral dos vocábulos formados, nem necessariamente relacionam-se com as leituras *kun* do *boji* para formar um sentido composto. Estas leituras *kun* servem, geralmente, para indicar a leitura japonesa do *kanji* ao qual está adicionado, e nada mais.

(Tradução Nossa)

¹⁶¹ 母字

¹⁶² 熟語

¹⁶³ 熟字

Figura 6 – Extrato do fólio 23 verso e transcrição para as fontes modernas.

Baseado na pronúncia da língua japonesa nos finais da era Muromachi, o honpen não contempla somente uma única leitura on, repetindo o mesmo sinograma quantas vezes necessária compondo assim entradas distintas. “(...) Not only are long and short syllables distinguished, but also voicing is indicated through the use of special symbols, as are voiceless bilabial stops.” (BAILEY, 1960, p. 300)¹⁶⁴. Esta característica revela a atenção da obra para a fonética, inexistente em outros dicionários da época.

¹⁶⁴ Não somente distingue as sílabas longas das curtas, mas também o vozeamento é indicado através do uso de símbolos especiais, assim como as oclusivas bilabiais surdas (Tradução nossa).

A organização das entradas e dos seus complementos aparenta ser completamente aleatória à primeira vista. Isto ocorre, pois uma série de regras, tanto gráficas como semânticas, foram utilizadas, criando uma série de inconsistências.

Primeiramente, a organização da maioria das entradas segue as seguintes regras: Entradas iniciadas por uma sílaba surda precedem as suas correspondentes vozeadas. Todas as entradas cuja leitura é formada de apenas uma sílaba precedem as que são formadas de duas ou mais sílabas. As sílabas palatizadas, conhecidas como *yōon* em japonês, podem tanto seguir a regra de número de sílabas como aparecer como último elemento depois da lista de surdas e vozeadas. E em caso de homofonia, as entradas são colocadas lado a lado, porém sem nenhuma organização aparente.

Sobre a organização das entradas polissilábicas, “Professor Doi notes an order of listing apparently governed by the sequence of syllabic endings *-ku, -i, -n, -tsu, -u.*” (BAILEY, 1960. P. 306-7) – “Professor Doi percebeu uma organização aparentemente regida pela sequência de terminações silábicas em *-ku, -i, -n, -tsu, -u*” (Tradução nossa).

Porém, pode-se observar que esta regra não é consistente. Conforme exemplificado por Bailey (1960, p.310), a sequência dos *boji* da entrada SO são: *so, so, sō (so-u), (so-u), soku, soku, son, son, sotsu, sotsu, zō (zo-u), zō (zo-u), zoku, zoku, zon, zotsu*¹⁶⁵. Nesse exemplo, a terminação em *-u* precede a terminação em *-tsu*, desrespeitando a regra estabelecida por Doi.

Observando esta inconsistências, “In spite of the fact that *Rōma-ji* (···) are not employed in the *Rakuyōshū*, in 1953 Morita Takeshi discovered that alphabetic principles obtain to some extent, both in the sequence of the listing of nucleus *kanji* and of the run-entries, that is, compounds, given under them.” (BAILEY, 1960. P. 307) – “Desconsiderando o fato de que o *Rōma-ji* (...) não é utilizado no *Rakuyōshū*, em 1953 Morita Takeshi descobriu que princípios alfabéticos foram utilizados, até certo ponto, tanto na lista dos *kanji* centrais e suas sub-entradas, isto é, os seus componentes dados sob elas” (Tradução nossa). Assim, ao transcrever o exemplo anterior para o sistema de romanização utilizado pelos jesuítas: *so, so, sô, sô, soc, soc, son, son, sot, sot, zô, zô, zoc, zoc, zot*; temos uma organização alfabética perfeita.

¹⁶⁵ 疎・訴・窓・惣・息・即・尊・村・即・足・憎・増・俗・賊・存・俗

É importante observar que o sokuon, supressão de vogal, apesar de ser grafado de maneiras diversas pelo sistema de romanização jesuítico, podendo ser c-, x-, t- ou p-, quando grafado em língua japonesa é sintetizado sob o kana –tsu. Por isso, toda a romanização do *sokuon* será sempre –t, idêntica a grafia da pronúncia *nisshō* do -tsu.

Existem, porém, algumas sequências que fogem à regra alfabética, revelando algumas modificações na organização dos *boji*.

Examination of the whole text of the *honpen* reveals that although alphabetical principles are applied throughout, alphabetic order, consistent with the exceptions just discussed, is not applied evenly throughout of the 44 *bu* (···) In fact, of the 44 *kana* headings (*bu*) under which nucleus *kanji* (*boji*) and compounds (*jukuji*) are listed, only twenty [*nu, wa, yo, so, tsu, ne, na, mu, u, ya, ma, fu, a, yu, me, mi, shi, hi, mo, su*] are conspicuously consistent in the use of alphabetical order.

(BAILEY, 1960. P. 313)

Um exame do texto completo do *honpen* revela que, apesar de princípios alfabéticos terem sido aplicados pela obra, a ordem alfabética, respeitando as exceções discutidas anteriormente, não é aplicável por todos 44 *bu* (...) Na realidade, dos 44 índices em *kana* (*bu*) em que os *kanji* centrais (*boji*) e os seus componentes (*jukuji*) são listados, apenas vinte [*nu, wa, yo, so, tsu, ne, na, mu, u, ya, ma, fu, a, yu, me, mi, shi, hi, mo, su*] são visivelmente consistentes ao uso da ordem alfabética.

(Tradução Nossa)

Uma dessas inconsistências observada por Bailey (1960, p.313) aparece na organização das entradas do 5^o índice, Ho: *fô, foc, fot, fon, fot*¹⁶⁶. Sob o olhar das regras acima estabelecidas, o terceiro item desta sequência claramente estaria mal localizado. Porém, observando o segundo e o terceiro sinograma, podemos perceber que os compiladores tiveram a intenção de manter próximas as representações dos sinogramas polifônicos.

Morita (1953, p.54) analisou a organização das entradas e complementos do *honpen*, apontando a frequência do uso da organização alfabética em cada índice (Tabela 1), para esta análise, foram ignoradas as entradas com menos de cinco complementos, já que, visualmente, o consultante não teria grandes problemas de visualizar o que procura.

¹⁶⁶ 奉・北・北・本・法

Tabela 1 – Frequência na organização alfabética nas entradas e complementos

Índice	Entrada	Complementos	ABC	%
I	34	466	32	6,8
RO	13	60	0	0
HÁ	48	444	57	12,8
NI	14	127	0	0
HO	33	288	64	22,2
HE	19	165	43	26
TO	33	175	28	16
CHI	65	436	189	43
RI	32	216	53	24,5
NU	1	3	0	0
RU	8	35	24	68,5
WO	17	65	10	15,4
WA	13	88	42	47,7
KA	86	651	420	64,5
YO	13	70	47	67,1
TA	65	454	272	59,9
RE	23	126	64	50,7
SO	31	152	59	38,8
TSU	7	39	13	33,3
NE	4	45	38	84,4
NA	9	75	50	66,7
RA	26	169	75	44,3
MU	5	91	71	78
U	9	85	28	32,9
KU	83	603	221	36,7

Continua

Continuação

YA	14	121	69	57,2
MA	19	114	28	24,5
KE	96	494	214	43,3
FU	50	442	262	59,2
KO	73	496	258	52
TE	50	366	200	54,6
A	16	163	122	74,8
SA	63	439	216	49,2
KI	100	718	378	52,6
YU	20	91	24	26,4
ME	13	130	57	43,8
MI	12	78	39	50
SHI	227	1501	729	48,5
WE	44	252	134	53,2
HI	52	337	218	64,7
MO	19	96	55	57,3
SE	101	652	324	49,7
SU	22	175	115	65,7

Conclusão

As inconsistências são mais frequentes nos dez primeiros índices, revelando que o agrupamento semântico era a primeira orientação adotada pelos missionários. E em algum momento da produção essa posição foi abandonada, mas não por completo como pode ser observado nos demais índices.

Sobre esta organização com base semântica Bailey (1960, p.318) conclui que a organização semântica das entradas resume-se a colocar lado a lado representações do mesmo sinograma com leituras distintas. Já a organização semântica dos componentes consiste na

aproximação de vocábulos que compartilhem relações de sentido entre si dentro de um determinado campo.

Um caso especial de organização ocorre quando o complemento é o mesmo que a entrada. Este tipo de repetição de elementos, comum na língua japonesa, é marcado por um *odoriji*¹⁶⁷ (々 ou 𐤀), e mesmo desrespeitando qualquer regra alfabética ou semântica, esta marca é a primeira a aparecer entre os complementos.

In summary, then, the arrangement of compounds in the main text of the *Rakuyōshū* is primarily alphabetic, but inconsistent to the extent that words of related meaning are often grouped together, especially in the early portions of the *honpen*. In addition, there are a few places where entries are listed in apparently arbitrary order, neither alphabetic nor semantic arrangement obtaining.

(BAILEY, 1960, p. 323)

Em resumo, a organização dos componentes no texto principal do *Rakuyōshū* é, primeiramente, alfabética, mas inconsistente do ponto de vista que as palavras com sentidos próximos estão agrupadas juntas, especialmente no início do *honpen*. Além disso, existem alguns pontos onde as entradas estão listadas em uma ordem aparentemente arbitrária, nem alfabética e nem semântica.

(Tradução nossa)

4.4. Irohajishū

Como apresentado anteriormente, o Irohajishū organiza as suas entradas pela leitura japonesa, ao contrário do *honpen* que as organiza pela leitura chinesa. Esta separação das duas leituras era bastante incomum nos dicionários da época, mas foi de extrema importância para os usuários ocidentais que não conseguiam diferenciar essas diferentes leituras apesar de terem consciência de sua existência.

Esta parte do inicia-se com o título escrito em sinogramas e os índices em ordem *iroha*, decorados de maneira idêntica ao *honpen*. Dos 47 índices, 8 deles (wi, e, o, ra, ri, ru, re, ro) não apresentam nenhum conteúdo, o que significa que apenas 39 são produtivos. Cada índice apresenta duas áreas, separadas por uma linha decorativa. Uma área é constituída por vocábulos que são formados de apenas um sinograma, e

¹⁶⁷ 踊り字

outra área contemplando os vocábulos compostos de dois ou mais sinogramas. Em comparação com um dos dicionários da época, o *Setsuyōshū*, a apresentação apresenta uma peculiaridade:

In the *Setsuyōshū* there is a general tendency to list first under each classified heading (*mon*), those words composed of two or more characters, and to group a single-character words last. Under the phonetic (*iroha*) headings of the “*Irohajishū*” the reverse obtains. Single character words (*tanji*¹⁶⁸) are invariably listed first and compounds (*jukuji*¹⁶⁹) last. (BAILEY, 1962, p.215)

Existe uma tendência geral no *Setsuyōshū* de primeiramente listar abaixo dos cabeçalhos de classificação (*mon*) os vocábulos compostos de dois ou mais caracteres, e agrupar os vocábulos formados de apenas um caractere por último. Sob os índices fonéticos (*iroha*) o “*Irohajishū*” apresenta o oposto. Os vocábulos formados de um caractere (*tanji*) são invariavelmente listados primeiro e os compostos (*jukuji*) por último. (Tradução nossa)

Do lado direito de cada sinograma existe a transcrição em Hiragana da leitura japonesa mais comum ou mais usada. Do lado esquerdo encontra-se a leitura chinesa do sinograma e abaixo, outras possíveis leituras japonesas dele.

Porém é possível pensar que a leitura do *Irohajishū* não foi intencionada para ser do sinograma para a sua leitura japonesa, mas sim ao contrário. O leitor, tendo conhecimento da palavra japonesa, procuraria o sinograma que melhor a representa. Isso, porém, não significa que o mesmo sinograma apareça mais de uma vez em diferentes seções. As demais leituras são meras apresentações de possibilidades de leitura e escrita do sinograma, muitas das vezes leituras raras e inusuais.

Esta suposição fica mais evidente com os vocábulos formados pela combinação de dois ou mais sinogramas. Neste caso não existe nenhuma leitura chinesa, ou leitura japonesa complementar.

A organização da primeira área, onde cada vocabulário é composto de apenas um sinograma, leva em consideração a forma do sinograma, agrupando aqueles que compartilham de um mesmo radical. Já a organização da segunda área, formada de vocabulários compostos de dois ou mais sinogramas, aparenta ser organizada pela ordem iroha. Porém, como em todo a obra, algumas inconsistências podem ser encontradas.

Apesar da proposta inicial do *Irohajishū*, como apresentada pela introdução do próprio texto, ser de organizar os seus elementos através da leitura japonesa, criando um contraponto com o honpen,

¹⁶⁸ 单字

¹⁶⁹ 熟字

encontram-se vários elementos da leitura chinesa misturados. Porém, estas inconsistências não representam necessariamente o desconhecimento dos missionários, mas revelam diferentes posturas referentes à adoção de léxico.

O primeiro posicionamento que se pode observar é a relação que a obra tem com os vocábulos compostos de mais de um sinograma onde o primeiro apresenta a leitura japonesa e os demais, a leitura chinesa, conhecido como *jūbakoyomi*¹⁷⁰ em japonês, ou o contrário, nominado *yutōyomi*¹⁷¹. Independente de qualquer consideração morfológica, todos são registrados no *Irohajishū* como se fossem compostos exclusivamente pela leitura japonesa.

Já outros empréstimos da língua chinesa foram tratados como leitura kun, por estarem há muitos anos sendo utilizada pelos japoneses, sendo quase que desnecessária a sua distinção com os vocábulos nativos. Alguns exemplos que podem ser encontrados são: *mikan*¹⁷² ou *dachin*¹⁷³.

Complementando essa seção, primeiramente temos o anexo intitulado *Hyakkan narabi-ni Tōmyō no taigai*, que lista cem títulos oficiais japoneses e seus equivalentes chineses em ordem decrescente de importância, iniciando com *sesshō*¹⁷⁴ e terminando em *tachiwaki-no-jō*¹⁷⁵. O segundo anexo, *nihon rokujūyoshū*, oferece o nome das antigas províncias japonesas sob nove categorias: A região de Quioto conhecida como *Gokinai*¹⁷⁶ as sete regiões administrativas conhecidas como *Tōkaidō*¹⁷⁷, *Tōsendō*¹⁷⁸, *Hokurokudō*¹⁷⁹, *Sen' indō*¹⁸⁰, *Sen' yōdō*¹⁸¹, *Nankaidō*¹⁸² e *Saikaidō*¹⁸³, e as das duas ilhas *Iki*¹⁸⁴ e *Tsushima*¹⁸⁵. Dentro dessas categorias, são apresentadas as 66 províncias, os seus nomes formais e a quantidade de distritos existentes em cada uma.

¹⁷⁰ 重箱読み

¹⁷¹ 湯桶読み

¹⁷² 蜜柑

¹⁷³ 駄賃

¹⁷⁴ 摂政

¹⁷⁵ 帶刀允

¹⁷⁶ 五機内

¹⁷⁷ 東海道

¹⁷⁸ 東山道

¹⁷⁹ 北陸道

¹⁸⁰ 山陰道

¹⁸¹ 山陽道

¹⁸² 南海道

¹⁸³ 西海道

¹⁸⁴ 壱岐

4.5 Shōgokuhen

O *Shōgokuhen* inicia-se com um prefácio que apresenta a principal diferença entre ele e as duas últimas partes:

Althoug the Rakuyōshū [proper], [arranged] in iroha [order] in terms of the Koe [Chinese pronunciation] of the characters, and the “Irohajishū”, wich records their yomi [Japanese pronunciation] are useful if one knows the yomi or koe of characters but not their configuration, the “shōgokuhen” has been compiled from the contents of the two preceding sections”

(Bailey, 1962 p. 232)

Enquanto o Rakuyōshū [próprio – honpen], [organizado] na [ordem] iroha pela leitura Koe [Pronúncia chinesa] dos caracteres, e o Irohajishū, que grafa sua leitura [Pronúncia japonesa] são úteis se o leitor conhece a leitura yomi ou koe dos caracteres e não a sua configuração, o shōgokuhen foi compilado através dos conteúdos das duas seções precedentes.

(Tradução nossa)

Ou seja, enquanto o Honpen e o Irohajishū organizam os sinogramas por ordem de leitura seguindo o sistema Iroha, o Shōgokuhen apresentando uma lista de sinogramas ordenados pelos radicais, tornando a organização deste volume mais próximo dos dicionários modernos de sinogramas. Também é o menor volume, constituído de apenas 19 fólios.

Sobre o significado do título, Bailey nos informa que:

The title suggests correctly that it is a smaller work than a then current character dictionary, the wagokuhen, which in turn, is a Japanization of the Chinese Yü p’ ien.

(Bailey, 1962 p.232)

O título sugere corretamente que este é um trabalho menor que o então contemporâneo dicionário de caracteres, o Wagokuhen, que por sua vez, é a versão japonizada do dicionário chinês Yü p’ ien.

(Tradução nossa)

Presente em somente quatro exemplares (Exemplar do Museu Britânico, da Biblioteca particular do Conde de Crawford e Balcarres, do Arquivo da Sociedade de Jesus em Roma e da Biblioteca de Tenri) compõe a última parte do dicionário, com exceção da cópia do exemplar da Biblioteca particular do Conde

de Crawford e Balcarres, onde ele se encontra entre o *Honpen* e o *Irohajishū*. Pela análise da datação colocada na primeira página e na última página do *Irohajishū*, supõe-se que este volume foi escrito posteriormente, sendo um anexo para os dois primeiros volumes.

Após o prefácio, existe uma index intitulado *shōgokuhen no mokuroku*¹⁸⁶ que organiza os 105 entradas em 12 categorias temáticas (Tabela 2).

Tabela 2 – Lista de categorias do *shōgokuhen no mokuroku*

Número	Título	Título romanizado	Tradução
01	天文	Tenmon	Fenômenos naturais
02	地理	Chiri	Elementos geográficos
03	人物	Jinbutsu	Ser-humano
04	声色	Seishoku	Visão e audição
05	器材	Kizai	Materiais
06	草木	Sōmoku	Flora
07	飲食	Inshoku	Comidas e bebidas
08	鳥獸	Chōjū	Fauna
09	言語	Gengo	Palavras em geral
10	衣服	Ifuku	Vestimentas
11	冠弁	Kanben	Radicais de coroa
12	雑字	Zatsuji	Miscelâneas

Os radicais aparecem logo após o nome da categoria, separados por uma barra decorada. Com exceção dos radicais que encabeçam cada uma das categorias, todos são precedidos por um círculo, indicando novo conteúdo.

Do lado direito de cada radical aparece escrito em hiragana o nome deste, em alguns casos aparece uma segunda possibilidade de nomeação do radical abaixo dele. Os jesuítas também registraram variações na forma de cada radical, contemplando não só as variações que ocorrem devido ao posicionamento do

¹⁸⁶ 小玉編の目録

radical, mas também as variações resultadas pelo estilo de escrita. Por fim, logo após cada radical encontra-se a numeração indicando a posição deste no texto.

No corpo principal do texto a mesma estética adotada nas outras duas partes é aplicada. Apesar dos índices estarem organizados por campos semânticos, a organização dos elementos internos aparenta ser bem mais aleatória, não respeitando nem uma ordem por leitura, nem uma ordem semântica.

Alguns dos sinogramas apresentados nesta parte da obra apresentam uma peculiar característica: a quantidade de leituras japonesas atribuídas são relativamente maiores que nas partes anteriores. Como exemplificado por Bailey (1962, p.241), Enquanto o sinograma shu¹⁸⁷ apresenta a leitura omomuki no honpen (Figura 7), e no Irohajishū apresenta as leituras omomuki e mukau (Figura 8), no Shōgokuhen, apresenta as leituras omomuki, mukau, wazukani, unagasu, washiru, utsu, sumiyaka, yoshi, susumu e moyōsu (Figura 9). Revelando que os jesuítas provavelmente adotaram mais de um material de consulta e constantemente revisaram a obra durante o processo de impressão.

Figura 7 – Extrato do Fólio 38 – Frente do honpen

Figura 8 – Extrato do Fólio 5 – Frente do Irohajishū

¹⁸⁷ 趣

Figura 9 – Extrato do fólio 16 – Frente do Shōgokuhen

No final dessa seção encontram-se duas pequenas listas antes das erratas: *Jikkanno imyō*¹⁸⁸ e *Jūnishino imyō*¹⁸⁹. Estas duas colunas representam as possíveis leituras para os sinogramas que apresentam aos dez signos do calendário e aos 12 signos, utilizados para marcar o ciclo sexagenário.

¹⁸⁸ 十干の異名

¹⁸⁹ 十二支の異名

Parte III – Análise e comparação das duas obras

Capítulo 1 – A organização e apresentação dos dois dicionários

Como observado, ambos os dicionários apresentam estruturas distintas. Isto deve-se por pertencerem à duas tradições lexicográficas distintas. Enquanto o *Vocabulario* segue os modelos europeus de organização de vocábulo, o RACVYOXV acompanha uma tradição de dicionários chineses e japoneses. Porém, sendo ambos dicionários que objetivavam o estudo da língua japonesa por estrangeiros, é possível acreditar que esses dicionários compartilham características em comum.

Pela classificação oferecida por Biderman (1984), o *Vocabulario* poderá ser classificado como um dicionário padrão bilíngue, já que um falante da língua portuguesa poderá encontrar nesse o significado e uso das palavras japonesas consultadas, encontrando não só definições mas exemplos de uso e algumas referências à outras obras.

Já o RACVYOXV pode aparentar ser somente um manual de escrita, e não um dicionário propriamente dito. Mas, podemos classificá-lo como um dicionário especial, que aborda um aspecto específico da língua japonesa: os sinogramas. Enquanto que obras organizadas em grupos semânticos eram consideradas manuais para escritores e obras organizadas pela forma ou som eram tidas como guias de leitura, a união das três partes do RACVYOXV revela uma preocupação para essas duas habilidades. Um consulente do *Honpen* encontraria não somente a escrita do sinograma, mas também o seu significado. E o mesmo ocorre para as demais seções da obra.

Observando a macroestrutura, percebemos que, apesar de algumas inconsistências, ambos os dicionários utilizam primariamente sistemas de organização alfabética. O *Vocabulario*, em especial, usa exclusivamente o índice alfabético com base no alfabeto latino utilizado no século XVI. Porém percebemos uma consciência dos missionários do sistema silábico japonês de escrita quando observamos as suas subdivisões desses índices. Por exemplo, o índice para a letra *B* é marcada pelo cabeçalho *Palauras iniciadas em B*, e logo em seguida temos *B antes de A*, e assim por diante. E a consciência dessa teoria é fortalecida em algumas inconsistências na organização das entradas. Em alguns momentos a sílaba *que* ou *qe* aparece entre o *ca* e o *co*. mesmo alfabeticamente tendo que aparecer bem mais para o final do índice, depois de quase todas as

outras sílabas segundo a organização puramente alfabética, mas é compreensível levando em consideração que quando utilizado o sistema japonês de escrita o *qe* é graficamente mais próximo de *ca* e *co* do que *ra* *esa*.

O RACVYOXV por sua vez organiza os seus índices segundo o sistema *iroha* nas duas primeiras seções e segundo a sua forma na última. Mesmo apresentando índices de organização onomasiológica em toda a obra, principalmente no *Shōgokuhen* onde ela é evidente, a organização visual parte da forma e não do sentido. Por isso pode-se pressupor que o consulente do RACVYOXV não buscará sinônimos, mas definições exatas para aquilo que pretende escrever ou está lendo.

Já na análise da microestrutura, os dois dicionários apresentam características distintas. No *Vocabulario*, a microestrutura é semelhante à de dicionários de línguas europeias modernas. Por exemplo, no verbete abaixo temos:

Guengiû. *Iustiça, & feveridade.* ¶ Guēgiûni xōbatuo voconō. *Dar premio, ou castigo recta, & feueramente.*

(*Vocabulario*, f.116)

Primeiramente é apresentada a entrada, depois o seu equivalente em língua portuguesa. Em algumas situações, um uso ou expressão é apresentada depois do sinal de parágrafo (¶, *Pilcrow* ou Pé de mosca). A distinção entre vocábulos da língua japonesa e portuguesa é gráfica, sendo a segunda sempre grafada em itálico. Outros elementos podem ser apresentados, como a apresentação dos sinogramas com que o vocábulo é grafado. Isso é realizado através da apresentação da leitura *kun* dos componentes como pode ser observado abaixo:

Guenji. Minamoto vgi. *Hũa geração nomeada, & antiga em Iapão.*

(*Vocabulario*, f. 116)

Uma preocupação especial é dada para os diversos usos e variantes que um vocabulário pode ter. Existem marcações no texto e símbolos para indicar se uma determinada entrada é mais usada pelas classes baixas ou se o seu uso é vulgar, se ela é mais usada por mulheres ou em uma determinada região. O texto também apresenta várias remissões, para indicar sinônimos ou

correções. A remissão para sinônimos é semelhante aos dicionários modernos, e a remissão para correções fortalece a divisão entre linguagem popular e língua culta.

Já a microestrutura do RACVYOXV, apesar de ser distinta nas três seções, apresenta bem menos elementos que a do *Vocabulario*. No *Honpen*, logo após a entrada, que é marcada por um círculo, temos uma lista de possíveis sinogramas complementares precedidos por um sinal de omissão. Substituindo o sinal de omissão pela entrada tem-se a formação de vocábulos, todos substantivos. Do lado direito do sinograma existe a apresentação da sua leitura *on*, e do lado esquerdo a sua leitura *kun*, fornecendo assim o sentido do sinograma. Enquanto os sinogramas que ocupam a posição de entrada podem receber mais de uma leitura japonesa, aqueles que ocupam a posição de complementos recebem até uma leitura. É possível observar que alguns sinogramas também não apresentam nenhuma leitura *kun*.

Já no *Irohajishū*, não temos a presença desses complementares, ou é apresentada uma entrada formada de um único sinograma, ou ela é formada de um vocábulo escrito em sua forma composta completa, sem o uso de sinais de omissão. À direita é apresentada a leitura *kun* e do lado oposto localiza-se a leitura *on*. Em alguns casos, são apresentadas mais algumas leituras em língua japonesa na parte inferior do sinograma, mas essas devem ser entendidas mais como complementos semânticos do que reais leituras para os sinogramas.

Por final, no *Shōgokuhen* pode-se considerar os radicais como índices (ou sub-índice se considerarmos a organização por campos semânticos oferecido no *Shōgokuhen no mokuroku*) e cada um dos sinogramas que são apresentados logo em seguida compõe uma entrada individual, informando ao consulente a sua leitura chinesa e o significado do caractere através da sua leitura japonesa.

Capítulo 2 – Comparação entre os dois dicionários

O uso de dicionários de sinogramas e dicionários bilíngues é muito comum entre estudantes da língua japonesa como língua estrangeira. Quando existe uma dúvida sobre a leitura de um determinado vocábulo, utiliza-se o dicionário de sinogramas, e logo em seguida o dicionário bilíngue é utilizado para a verificação de sentido. Nos dias de hoje o processo de escrita foi facilitado pois as opções de escritas em língua em japonesa são oferecidas logo após a entrada, mas em dicionários como o *Vocabulário*, a consulta de uma outra obra faz-se necessária.

Este uso concomitante faz-se necessário por basicamente dois motivos:

1. A grande quantidade de homófonos na língua japonesa, principalmente de palavras de origem chinesa; e
2. A inability dos sinogramas de evocar representações fonéticas, tornando a sua leitura impossível se o estudante não tiver sido apresentado preliminarmente à ela.

Separados por apenas alguns anos, é possível imaginar que os missionários responsáveis entre o *Vocabulário* e o *RACVYOXV* mantivessem um intercâmbio de fontes e materiais para a produção dessas duas obras. Porém é desconhecido até que ponto essa conexão existia. Para realizar uma primeira verificação dessa possível relação entre as duas obras, o presente trabalho estendeu o trabalho realizado por Bailey em seu artigo de 1960. Em seu artigo, Bailey listou todas as entradas do índice *KA* do *Honpen*, a sua leitura chinesa de acordo com o sistema de romanização portuguesa e o significado de cada palavra.

O autor não informa em qual exemplar ele baseou o seu sistema de romanização, porém algumas diferenças foram percebidas em relação ao sistema de romanização do *Vocabulário*. Um exemplo é a romanização *ti* utilizada por Bailey que, no *Vocabulário*, é *chi*. O autor também não apresenta em quais obras baseou a sua tradução dos termos, e como pode ser observado no quadro 1, algumas poderiam ter sido retiradas do *Vocabulário*, mas provavelmente foram

retiradas de algum Thesaurus da língua japonesa como o *Genkai*¹⁹⁰. A seleção proposta pelo autor também apresenta alguns pontos distintos com a versão utilizada nessa pesquisa (a cópia de Tenri).

Por esses motivos, somente foi aproveitado o trabalho oferecido pelo autor de decodificação dos sinogramas para a forma mais conhecida nos dias de hoje. Complementando esse trabalho, apresenta também a leitura *on* e *kun* repectivamente, respeitando ao máximo o uso dos *hiraganas* não sendo possível apenas a representação de *hentaiganas* que foram substituídos pelos seus equivalentes modernos. Por final, quando existente, apresenta-se aqui a definição oferecida para esses vocábulos no *Vocabulario*.

Quadro 1. Lista de entradas do índice *KA* do *RACVYOXV* e seus equivalentes no *Vocabulario*

Índice KA (か)				
1. 加 (か) (くハふ)				
01	一番	ばん	つゝひ	Caban Banuocuuayuru. <i>O por vigias, ou guardas.</i>
02	一病	びやう	やまふ	Cabið. <i>Curar o enfermo & ter conta com ele, ainda que a própria palavra he canbið, toda via na pratica corre também Cabið ¶ Teuoiuo cabið furu. Curar o ferido.</i>
03	一判	はん	ことハる	Cafan. Fanuo cuuayuru. i. Fito no fanno jobani fuyuru. <i>Assinarem muitos juntos. ¶ Cafan furu. Idem.</i>
04	一筆	ひつ	ふで	Cafit. Fudeuo cuuayuru. <i>Dar encomendas por carta. vt, Fitoni cafituo mōxifori dar encomendas por carta a alguém.</i>

Continua

¹⁹⁰ 言海

Continuação

05	一扶持	ふち	たすけもつ	Cafuchi. Qiùbunuo cuuayuru. I, fuchiyo cuuayuru. <i>Acrescentar a mercê, comedia ou renda aos criados</i> ¶ Cafuchiyo furu. <i>Idem.</i>
06	一賀	が	よろこぶ	
07	一護	ご	まもる	Cago. Cuuaye mamoru. <i>Aiuda, ou proteção.</i> Vt, Deuino Gocagouo cõ muru. <i>Receber o favor diuino.</i>
08	一減	げん	へらす	Caguen. Tempara ¶ <i>Item, se toma polla boa disposição da coufa, ou cõjunção, &c</i>
09	一行	ぎやう	をこなふ	
10	一持	ぢ	もつ	Cagi, <i>certas ceremonias gẽtilicas, ou de precações de feita Xingoju</i> ¶ Cagifuru <i>Fazer estas deprecações, &c</i>
11	一味	み	あぢハひ	
12	一力	りよく	つから	Cariocu. Chicara uo cuuayuru. i. Cariocu <i>o ajudar, ou ajuda.</i>
13	一勢	せい	いきとひ	Caxeí. Xeiyo cuuayuru. Socorro de gente pera a guerra.
14	一増	ぞう	ます	Cazô. Cuuaye mafu <i>Acrecentamento.</i> Vt Chiguiõni cazô uo furu. <i>Acrescentar a renda.</i>
15	一葉	やく	くすり	Cayacu. Cufuri uo cuuayuru. <i>Mezinha que se arecenta fora do regimento ordinário pera algum efeito.</i>
16	一地子	ぢし	つちこ	

Continuação

Continua

17	一寮	れう	いやす	Careô Cuuaye reôgi furu. <i>Curar doentes, &c.</i>
2. 河 (か) (かハ)				
18	一辺	へん	をとり	Cafen. Cauano foteri. <i>Borda do rio, cojûto do rio.</i>
19	一外	ぐはい	おか	
20	一流	りう	ながれ	Cariû Caua no nagare. <i>Corrente do rio.</i>
21	一水	すい	みづ	Caſui. Cauano mizzu. <i>Agoa do rio ou ribeira.</i>
22	一頭	とう	おとり	Catô. P. Caua fotori. <i>Borda do rio.</i>
23	一上	しやう	かみ	
3. 歌 (か) (うた)				
24	一唄	ばい	うたふ	
25	一舞	ぶ	まふ	Cabu. Vtai mǝ. <i>O cantar, & bailar; ou dançar.</i>
26	一閑	かん	しづかなり	
27	一童	どう	はらハベ	Cadô. Vta varanbe. <i>Menino que canta.</i>
28	一道	だう	みち	Cadô. Vta no michi. <i>Arte de fazer versos, ou poesia.</i>
29	一道者	だうしや	みちひと	Cadôxa. Vtano michiuo xiita fito. <i>Poeta.</i>
30	一学	がく	まなぶ	Cagacu. Vta no manabi. i. Vtauo narǝ. <i>O aprender a fazer versos de Iapão ou China</i>
31	一吟	ぎん	むめく	
32	一女	ぢよ	をんな	Cagio Vtǝ vonna. <i>Molher que canta</i>

Continua

Continuação

33	一人	じん	ひと	Cajin Vtabito: Vtayomi <i>Poeta</i>
34	一曲	きよく	まがる	Caqiocu Vtano qiocu. <i>Armonia, ou furuidade do canto</i>
35	一樓	ろう	やぐら	
36	一吹	すい	ふく	
37	一台	たい	うてな	
38	一声	せい	こゑ	
39	一書	しよ	かく	Caxo Vta no caquimono. <i>Livro de versos, ou cantigas.</i>
40	一窓	そう	まど	

4. 佳 (か) (よく)

41	一木	ぼく	き	Canbocu. Yoi qi. <i>Boa aruvre.</i>
42	一客	かく	いへ	Caracu. Yoi marebito. <i>Bôs hóspedes</i>
43	一句	く		
44	一期	ご	とき	
45	一士	じ	おとこ	
46	一人	しん	ひと	
47	一実	じつ	まこと	Cajit. Yoi mi. i. yoi conomi. <i>Boa fruta. P.</i>
48	一序	じよ	はじめ	
49	一樹	じゆ	き	
50	一名	めい	な	Camei. Yoi na. <i>Bom nome, ou boa fama.</i>
51	一眼	めん	ねむる	

Continua

Continuação

52	一会	くはい	あふ	
53	一景	けい	ひかげ	Caquei. Yoqi qei. <i>Boa vista. Vt. Caquei nagamuruni acazu. Não fe fartar com a boa vista.</i>
54	一慶	けい	よろこぶ	Caquei. Yoqi yorocobi. <i>Alegres festas que se dão no primeiro dia do anno. Vt Cainenni caquei chinhôni ſoro. Dou vos os anos bõs deste anno novo. S.</i>
55	一境	きやう	さかひ	Caqiõ Yoi ſacai. <i>Termo, ou confins. Vt, Caqiõ farigataxi. He difficulतोso apartafe de ſeuus confins, ou termo.</i>
56	一例	れい	ためし	Carei Yoqi tamexi. <i>Coſtume ordinário, & bom como o de viſitar pelo Xõguachi, & mais. Festas ao ſenhor. Vt, Carei no gotocu. Segundo o bom cuſtume ordinario.</i>
57	一運	うん	はこぶ	
58	一節	せつ	ふし	Caxet Yoqi xet. <i>Dia festival ¶ Item, Bom tempo.</i>
59	一章	しやう	たまづさ	Caxõ. Yoqi tamazzuſa. <i>Carta.</i>

5. 家 (か) (いへ)

60	一間	かん	ま	
61	一珍	ちん	めづらし	Cachini. Iye no tacara. <i>Riqueza, ou peças da caſa.</i>
62	一中	ちう	うち	Cachũ. Iye no vhi. <i>Dentro de caſa ¶ Ite, Fanulis, ou criador de algũ ſenhor.</i>
63	一香	かう	か	

Continua

Continuação

64	一伝	でん	つたふ	Caden. Iyeno tçutaye. <i>Algũa coufa que vê por dedução, & antiguidade em algũa cafa, ou família, como peça, arte, &c.</i>
65	一僮	どう	しもべ	
66	一風	ふう	かぜ	Cafũ. Iyeno fũ. i. Catagui. <i>Cuſtume particular dalgũa familia, ou arte que por dedução he própria de algũa familia.</i> ¶ Cafũ jin jõni xite. <i>Sendo arte limpa, & liberal como de compor Vtas, &c. propria dalgũa familia.</i>
67	一宝	ほう	たから	Cafô. Iyeno tacara. <i>Riqueza, ou alfayas de cafa.</i>
68	一業	ごう	しわざ	
69	一具	ぐ	うなふ	Cagu. Iyeno dôgu. <i>Alfayas de cafa.</i> ¶ Itẽ, Mezas, & eſcudelas, &c. ¶ Cagu zõgu. <i>Muitas aalfayas, & varias.</i>
70	一門	もん	かど	Camon. Iye, cado. <i>Cafa, ou familia.</i>
71	一居	きよ	みろ	
72	一督	とく	たゝしゝ	Catocu. i. Iyeuo Yuzzuru coto. <i>Herança.</i> ¶ Catocuuu vru, I, vquru. <i>Receber a herança, ou herdar a cafa, fato, &c.</i>
73	一運	うん	はこぶ	
74	一恩	をん	めぐみ	Cauon. Iye no megumi. <i>Beneficios feitos a agũa cafa, ou familia.</i>
75	一屋	をく	や	Cauocu. Iye iye. <i>cafa</i>
76	一世	せい	よ	

Continua

Continuação

77	一書	しよ	かく	
78	一織	しよく	つかさどる	Caxocu. Iye no xocu. I. iyesi tçutauaruxocu. <i>Offício, ou arte de algũa casa, ou família que ve., por dedução.</i>
79	一上	しやう	うへ	
80	一財	ざい	たから	Cazai. Iyeno tacara. <i>Riquezas de casa, ou alfayas.</i>
81	一賊	ぞく	ぬすびと	Cazocu. Iyeno nufubito. <i>Ladrão de casa. Vt, Cazocu fuxegui gataxi. Xix. Mal se defende do ladrão de casa.</i>

6. 夏 (か) (なつ)

82	一梅	ばい	むめ	
83	一晚	ばん	くれ	
84	一荷	か	はす	
85	一間	かん	あいだ	
86	一冬	かん	さむし	
87	一植	しよく	うふる	
88	一竹	ちく	たけ	Cachicu. Natçuno taque. <i>Bambu, ou canas do verão, ou estio.</i>
89	一長	ちやう	ながし	
90	一半	はん	なかば	
91	一月	げつ	つき	Caguet. Natçuno tçuqi. <i>Lûa do estio.</i>
92	一日	じつ	ひ	Cajit. Natçuno fi. <i>Dias do verão. P.</i>

Continua

Continuação

93	一吟	ぎん	むめく	
94	一時	じ	とき	
95	一熟	じゆく	うむ	
96	一過	くハ	すぐる	
97	一景	けい	ひかげ	Caqei. Natçuno cague. <i>Vista no tempo do verão, ou estio.</i>
98	一去	きよ	さんぬ	
99	一蓮	れん	はちす	
100	一來	らい	きたる	Carai. Natçu qitaru. <i>Entrar o verão, ou estio.</i>
101	一早	さう	はやし	
102	一晴	せい	はるゝ	
103	一深	しん	ふかし	
104	一残	ざん	のこる	
105	一夜	や	よ	Caya. Natçuno yo. <i>Noites do verão, ou estio.</i>
106	一隙	げき	ひま	
107	一初	しよ	はじめ	Caxo. Natçuno fajime. <i>Principio do verão, ou estio.</i>

7. 荷 (か) (はす・になふ)

108	一花	くハ	はな	
109	一葉	えう	は	Cayô. Fafuno fa. <i>Folhas de golfão</i>
110	一担	たん	になふ	Catan. Ninai, ô. <i>Leuar carga aos hombros. ¶ Catanşuru. Terçar por alguém.</i>

Continua

Continuação

8. 暇 (か) (いとま)				
111	一剋	こく	とき	
112	一隙	げき	ひま	Cagueqi. Itoma fima. <i>Tempo, ou vagar, ou defocupação pera fazer algũa palaura de livros.</i>
113	一日	じつ	ひ	Cajit. Itomanofi. <i>Diaẽ q̃ hũ fica livre, & defocupado.</i>
9. 呵 (か) (せむ・しかる)				
114	一責	しやく	せむる	Caxacu. Xeme, uru. <i>Açoutes, pancadas, & tormentos.</i> ¶ Xujin vchino monouo caxacu xeraruru. <i>O senhor da pancadas, ou açouta aos moços.</i>
115	一政	せい	まつりごと	
10. 嫁 (か) (とつぐ)				
116	一婚	こん	とづぐ	Cacon. Totçugui, u. <i>Aiuntamento de femea, & macho.</i>
117	一祝	しう	いはひ	
118	一緑	えん	よる	Cayen. Fufuno yenno mujubu coto. <i>Cazamento</i> ¶ Cayenuo mujubu. <i>Cazar.</i>
11. 瑕 (か) (きず)				
119	一瑾	きん	きず	Caqin. Tamano qizu. i. Chijocu. <i>Injuria. Vt. Xõgaino caqin nari. He afronta em quanto viuer, ou de toda a vida.</i>
12. 下 (か) (した・さぐる)				
120	一転	てん	くる	

Continua

Continuação

13. 霞 (か) (かすみ)				
121	一服	ふく	きる	
122	一間	かん	ま	
14. 価 (か) (あたひ)				
123	一数	すう	かず	
124	一直	ちよく	あたひ	
15. 枷 (か) (くびかぜ)				
125	一鎖	かさ	とざす	
16. 可 (か) (よし・べし)				
126	一否	ひ	いなや	
17. 客 (かく) (まれびと)				
127	一恨	こん	うらむ	
128	一伴	ばん	ともなふ	
129	一盃	はい	さかづき	Cacufai. Qiacuno facazzuqi. <i>Copo por onde os hospedes bebem.</i>
130	一邪	じや	よこしま	
131	一劍	けん	つろぎ	
132	一琴	きん	こと	
133	一裡	り	うち	Cacuri. Marebito vchi. <i>Espaço em que hum esta fora de casa, ou peregrina.</i>
134	一舍	しや	いへ	
135	一船	ぜん	ふね	
136	一席	せき	ひろし	

Continua

Continuação

137	一床	しやう	とこ	
138	一愁	しう	うれふる	
139	一意	い	こゝろ	
140	一衣	え	ころも	
141	一夢	む	ゆめ	

18. 覚（かく）（さとり・さむる・おぼゆ

142	一知	ち	しる	Cacuchi. Satori xiru. Adeuimbar.
143	一外	ぐはい	おか	Cacuguai. Cacugono foca. <i>Fora doo que fe cuidaua.</i>
144	一悟	ご	さとり	Cacugo. Aparelho, preparação. ¶ Cacugono mayede gozaru. <i>O estaraparelhado, ou advertido de algũa coufa.</i>
145	一前	ぜん	まへ	
146	一快	くはい	こゝろよし	
147	一靈	れい	みたま	
148	一体	たい	かたち	Cacutai. Bup. Satoru tai. <i>Sustancia que fe êtêde, ou penetra por via de discurso, &c.</i>
149	一者	しや	ひと	Cacuxa. Satotta fito. <i>Pessoa que perdiscurso penetrou o ser das coufas, como são os Fotoques.</i>

19. 角（かく）（つの・かど・すみ）

150	一調	てう	とゝのふ	
151	一行	ぎやう	ゆく	Cacugiô. <i>Peça de enxadres, que responde aa delfim.</i>

Continua

Continuação

152	一令	れい	すずしし	
153	一音	をん	をと	Cacuuon. <i>Nome de hum certo tom ou toada da voz.</i>
154	一声	ぜい	こゑ	
155	一六	ろく	むつ	
156	一上	しやう	うへ	

19. 各 (かく) (をのをの)

157	一番	ばん	つがぐ	Cacuban. <i>Vigiar alternando-se</i>
158	一別	べつ	わかつ	Cacubet. <i>Differenla. ¶</i> Cacubetno xifai atte. <i>Auendo diuerfa causa.</i>
159	一灯	とう	ともしび	
160	一出	しゅつ	いづる	Cacuxut, I, xuxxen. Vonovono. i. Caccacuni idafu, <i>Dar cada hum por fi algũa causa quando são muitos.</i> Vt, Cacuxutni xite monouodaſu. <i>Dar cada hum algũa causa para algum conuete, &c.</i>

20. 各 (かつ) (をのをの)

161	一各	かつ	をのをの	
-----	----	----	------	--

21. 隔 (かく) (へだつ)

162	一日	にち	ひ	Cacunicho. <i>Auer mudança, ou variedade nos dias alternandoſe hora hũ, hora outro</i>
163	一月	げつ	つき	Cacuguet. Tçuqiuo fedatçuru. i. fi, tsuqi gauarini. Vt, Caguetno mono. <i>Cousa que ſe varia pellos meſes.</i>

22. 閣 (かく) (さしをく)

Continua

Continuação

164	一筆	ひつ	ふで	Cacufit. Fudeuo faxiuoqu. <i>Por a pena. i. Acabar, ou deixar de escreuer.</i>
23. 海 (かい) (うみ)				
165	一潮	てう	うしお	Caichô. Vxiuo. <i>Agua do mar.</i>
166	一中	ちう	なか	Caichû. Vmino vchi. <i>Dentro, ou de baixo do mar.</i> ¶ Caichûni xizzumuru. <i>Somergir, ou botar algũa coufa no profundo do mar.</i>
167	一内	だい	うち	Cainai. Vmino vchi. <i>Dentro do mar.</i>
168	一堂	だう	たかし	Caidô. <i>Certa laya de amexieiras, cuja flor he como de cerejeira.</i>
169	一道路	だう	みち	Caidô. <i>Caminho largo, ou estrada por terra.</i>
170	一道路説	だうぜつ	みちとく	Caidôjet. <i>Nouas de caminho, ou do bazar, incertas.</i>
171	一辺	へん	おとり	Caifen. Vmino fotori. <i>Borda do mar, ou junto ao mar, ou lugar maritimo.</i>
172	一夫	ふ	おとこ	Caifu. Vmino votoco. <i>Pescador, ou marinheiro.</i>
173	一河	が	かハ	Caiga. Vmi caua. <i>Mar, & rio.</i>
174	一岸	がん	きし	Caigan. Vmino qixi. <i>Rochedo que esta na borda do mar.</i>
175	一外	ぐハい	おか	
176	一鯨	けい	おくじら	
177	一月	げつ	つき	Caiguet. Vmino tçuqi. i. curage. <i>Agoas mortas, ou alfarreças.</i>

Continua

Continuação

178	一牛	ぎう	うし	
179	一神	じん	かみ	Caijin. Vmino cami. <i>Cami do mar.</i>
180	一人	じん	ひと	Caijin. Vmibito. <i>Homẽ do mar, pescador.</i>
181	一門	もん	かど	
182	一南	なん	みなみ	Cainan. Minamino vmi. <i>Mar do ful.</i>
183	一陸	りく	くが	Cairicu. Vmi cuga. <i>Mar, & terra, ou por mar, & por terra</i>
184	一路	ろ	みち	Cairo. Vmino michi. <i>Caminho do mar, ou por mar.</i>
185	一老	らう	おひ	Cairō. Vmino toxiyori. i. Yebi. <i>Lagoftas ou lagostins.</i>
186	一草	さう	くさ	Caisō. Vmino cufa. <i>Erva do mar</i>
187	一老同穴	らうとうけつ	おひおなじあな	
188	一字	う	いへ	
189	一水	すい	みづ	Caifui. Vmino mizzu. i. Vxiuo. <i>Agoa do mar.</i>
190	一底	てい	そこ	Caitei. Vmino foco. <i>Profundo do mar.</i>
191	一上	しやう	うへ	Caixō. Vmino vye. <i>Sobre o mar.</i> ¶ <i>Itẽ, O mar.</i>
192	一賊	ぞく	ぬすびと	Caizocu. Vmino nufubito. <i>Cofairo, ou Pirata.</i>
193	一隠	いん	かくるゝ	

24. 開 (かい) (ひらく・さく)

194	一鑑	かん	かがみ	
-----	----	----	-----	--

Continua

Continua

195	一発	ほつ	おこる	Caifot. Firaqi, u. <i>Abrir</i> .
196	一閉	へい	とづ	Caifei. Firaqi tozzuru. <i>Abrir, & fechar. Vt. Qiõno caifei, manacono caifei, cuchino caifei. Abrir, & fechar do liuro, olhos, & boca.</i>
197	一法	ほう	のり	
198	一敷	ふ	しく	Caifu. Firaqi. <i>O abrirẽ todas as rofas, ou flores.</i>
199	一解	け	とく	
200	一眼	げん	まなこ	
201	一元	けん	はじめ	
202	一陳	ちん	つらぬ	
203	一合	ごう	あハす	Caigõ. Firaqi auafuru. i. Cuchino jubari, Firogaro. <i>O pronunciar abrindo a boca, ou fechando a. ¶ Cuchino caigõga yoi. Ter boa pronunciação</i>
204	一権	けん	かりなり	
205	一示	じ	しめす	Caiji. Firaqi Ximefu. <i>O ensinar, ou declarar coufas profundas. Bup.</i>
206	一諍	じやう	あらそふ	
207	一明	めい	あきらか	
208	一基	き	もとひ	Caiqi. <i>Peboa que deu principio à algũa feita ou doctrina.</i>
209	一花	くハ	はな	Caiqua. Fanauo firaqu. <i>Abrir-se a rofa, ou flor. P.</i>
210	一鏡	きやう	かがみ	

Continua

Continuação

211	一落	らく	おつる	Cairacu. Firaqi votçuru. <i>Abrirfe, & cair.</i> Fanaga cairacu juru. <i>Abrirem as rofas, ou flores, & cairem desfolhando fe.</i>
212	一作	さく	つくる	
213	一山	さん	やま	Caiſan. Yamauo firaqu. <i>Fundador de algũa feita.</i> ¶ <i>Item, O que primeiro edificou algũa terra, ermida, &c.</i>
214	一説	せつ	とく	Caixet. Firaqi toqu. <i>Enfinar, & declarar.</i> V. G. <i>Lugares efcuros dalgum liuro, &c.</i>
215	一山堂	さんだう	やまたかし	
216	一緑	えん	よる	

25. 改 (かい) (あらたむ)

217	一法	はつ	のり	
218	一変	へん	かハる	
219	一元	げん	へじめ	
220	一年	ねん	とし	Cainen. i. Xinnen, l, Aratamaru toxi <i>Anno nouo.</i>
221	一替	たい	かハる	Caitai. Aratamari cauaru. <i>Renouarfe, ou mudarfe. S.</i>
222	一易	えき	かハる	Caiyeqi. Aratame, cayuru. <i>Renouar, & mudar.</i>
223	一陳	ちん	つらなる	
224	一名	みやう	な	

Continua

Continuação

225	一作	さく	つくる	Caifacu. Aratame, tçuquru. <i>Tornar abrir, & cultiuar as terras que estauão deixadas em morotorio.</i> ¶ Item, Firaqi tçuquru. <i>Abrir, & cultiuar de nouo algũa terra.</i>
-----	----	----	-----	--

26. 戒 (かい) (いましむ)

226	一行	ぎやう	をこなふ	
227	一定	ちやう	さだむ	
228	一定恵	ぢやうえ	さだむさとし	
229	一名	みやう	な	Caimiö. Imaximuru na. <i>Nome que se poem depois da morte, ou depois de se hum rapar, ou fazzer religioso,</i>
230	一文	もん	ふみ	Caimon. Imaximeno fumi. <i>Proibição, ou lei.</i>
231	一教	けう	をしへ	
232	一力	りき	ちから	Cairiqi. Imaximeno chicara. <i>Vigor, & força da lei.</i>
233	一珠	しゆ	たま	

27. 皆 (かい) (みな)

234	一同	どう	おなじ	
235	一具	ぐ	つぶさ	
236	一是	ぜ	これ	Caije. Mina core. i. Mina. <i>Todos.</i>
237	一令	りやう	のり	
238	一朱	しゆ	あかし	

Continua

Continuação

239	一済	せい	すます	Caixei. Mina fumaſu. <i>Pagar todo o rendimento, ou restituir, & pafar todas as dividas. Vt, Caixeino vqe dorivo toru. Receber conhecimento de como pagou tudo o que deuia.</i>
240	一在	ざい	ある	

28. 階 (かい) (きだはし)

241	一級	ぎう	しな	Caiguiũ. Qidafaxi xina. <i>Grãos de dignidades pelloſ quaes ſe vai ſubindo.</i>
242	一前	ぜん	まへ	

29. 寒 (かん) (さむし・こぞゆる)

243	一洞	とう	ほら	
244	一微	び	すくなし	
245	一虫	ちう	むし	
246	一国	こく	くに	Cancocu. Samui cuni. <i>Reino frio.</i>
247	一苦	く	くるしみ	Cancu. i. Canni curuximu. <i>Tormento de frio. ¶ Cancuni xemeraruru. Ser atormentado do frio.</i>
248	一暖	だん	あたたか	Candan. Samuxi, atçuxi. <i>Frio, & quẽte.</i>
249	一鑑	がん	かがみ	
250	一擬	げう	こる	
251	一月	げつ	つき	Canguet. Samui tçuqi. i. Fuyuno tçuqi. <i>Lua do inuerno. P.</i>
252	一地	ち	つち	

Continua

Continuação

253	一玉	ぎよく	たま	
254	一熱	ねつ	あつし	Cannet. Samuxi, atçuxi. <i>Frio, & quente.</i> ¶ Cannetuo xinogu. <i>Paßar, ou fofrer frios, & calmas.</i>
255	一薄	ぱく	うすし	Canpacu. Samuxi, vñuxi. <i>Cousa fria, & pobre.</i>
256	一氷	ぺう	こおり	Campiô. Samui couri. <i>Caramelo</i>
257	一風	ふう	かぜ	Canpũ. Samui Caje. <i>Vento frio</i>
258	一花	くハ	はな	
259	一輕	けい	かろし	
260	一氣	き	いき	Canqi. <i>Tempo frio.</i>
261	一香	きやう	かうばしゝ	Canqiô. Samuxi, cõbaxi. <i>Flor de hũa laya de ameixeira.</i>
262	一來	らい	きたる	
263	一涼	りやう	すずしし	
264	一流	りう	ながれ	Canriũ. Samui nagare. <i>Corrente de agua no inuerno.</i>
265	一灯	とう	ともしび	
266	一催	さい	もよおす	
267	一窓	そう	まど	
268	一村	そん	むら	
269	一水	すい	みづ	Canfui. Samui mizzu. <i>Agoa fria.</i>
270	一天	てん	そら	Canten. Samui fora. <i>Ar frio, ou tempo frio.</i>
271	一温	うん	あたゝか	Canvn. Samuxi atatacana. <i>Coufa fria, & quente.</i>

Continua

Continua

272	一雲	うん	くも	Canvn. Samui cumo. <i>Nuuem do inverno. S.</i>
273	一星	せい	おし	
274	一字	う	いへ	
275	一林	りん	はやし	
276	一盛	せい	さかんなり	
277	一泉	せん	いづみ	
278	一消	せう	きゆる	
279	一山	ざん	やま	Canzan. Samui yama. <i>Monte frio. P.</i>
280	一夜	や	よ	Canya. Samui yo. <i>Noite fria.</i>
281	一煙	ゑん	けむり	
282	一隠	いん	かげ	
283	一津	しん	つ	
284	一遊	ゆう	あそぶ	
285	一森	しん	もり	
286	一院	いん	みや	

30. 閑（かん）（しづか・いたづら）

287	一暇	か	いとま	Canca. Xizzucana fima. <i>Estar defocupado.</i>
288	一談	だん	かたる	Candan. Xizzucani cataru. <i>Praticar de vagar & à vontade. Ut, Candanuo toguru. Idem. S.</i>
289	一殿	でん	おとど	Canden. Xizzucana iye. <i>Cafa folitaria.</i>

Continua

Continuação

290	一道	だう	みち	Candö. Xizzzzucana michi. i. Buji. <i>Paz.</i>
291	一隙	げき	ひま	Cangueqi. Xizzucana fima. <i>O estar defocado.</i>
292	一事	じ	こと	Canji. Xizzucana coto. <i>Coufa quieta, ou ociosa</i>
293	一人	しん	ひと	
294	一情	しやう	なさけ	
295	一眼	めん	ねむる	
296	一步	ぽ	あよむ	Canpo. Xizzucani Ayomu. <i>O andar, ou caminhar folitariamente.</i>
297	一花	くハ	はな	
298	一景	けい	ひかげ	Canqei. Xizzucana qei. <i>Viſta quieta. S.</i>
299	一鬼	き	をに	
300	一居	きよ	ゐる	Canqio. Xizzucani iru. <i>Esar retirado em algum lugar quieto como ermo, &c.</i>
301	一冷	れい	すゞし	
302	一路	ろ	みち	
303	一話	ハ	かたる	Canua. Xizzzucani cataru. <i>Praticar deuagar, & à vontade.</i>
304	一床	しやう	とこ	
305	一坐	ざ	すはる	Canza. Xizzucani zaſuru. <i>Estar quieto, & folitario.</i>

31. 甘 (かん) (あまし・くつろぐ)

306	一美	び	むまし	
-----	----	---	-----	--

Continua

Continuação

307	一苦	く	にがし	Cancu. Amaxi nigaxi. <i>Doce, & amargo.</i>
308	一味	み	あぢハひ	Canmi. Amai agiuai. <i>Excelente gofto.</i>
309	一柔	にう	やハラか	
310	一露	ろ	つゆ	Canro. Amai tçuyu. <i>Orvalho como manna, ou manjar celestial, & goftoso. ¶ Tẽno canrouo namuru. Goftar, ou prouar fua uidade do ceo.</i>
311	一泉	せん	いづみ	Canxen. Amai izzumi. <i>Aguadoce</i>
312	一松	せう	まつ	
313	一澹	ざん	くらふ	
314	一草	ざう	くさ	Canzõ. Amaqi cufa. <i>Alcaçus.</i>

32. 感 (かん) (いたむ)

315	一客	かく	まれびと	
316	一働	どう	うごく	
317	一状	じやう	あらハす	
318	一納	なう	おさむ	Cannõ. Canjivoſamuru. <i>O aceitarẽ os Camis, & Fotoques algũa obra dos homens, & agradar lhe. ¶ Item, O cpmprimẽ, ou ouuirem fuas petições, & votos. Pode ſe aplicar a Deos N. S., & aos ſanctos.</i>
319	一涙	るい	なみだ	Canrui. Canzuru namida. <i>Lgrimas de alegria, &c. ¶ Canrui ſodeni amaru. Chorar muito de alegria. ¶ Canruiuo nagaſu. Idem.</i>

Continua

Continuação

320	一歎	たん	なげく	Cantan. Canji, Naguequ. <i>Grande cuidoade, & diligencia. Vt, Cantanuo cudaite tanomu. Pedir com efficacia.</i> ¶ Cantan xite inoru. <i>Fazer deprecações com diligencia, & efficacia.</i>
321	一応	をう	かなふ	
33. 勘 (かん) (かんばん)				
322	一弁	べん	はきまふ	Canben. Cangaye vaqimayuru. <i>Confideração.</i>
323	一当	だう	あたる	Candö. Cangaye ataru. i. Fitono qini chigö. <i>Quebrar com alguém na amizade, ou ficar em desgraça. Vt, Voyano candöuo comuru. Cair em desgraça do pai.</i>
324	一合	ごう	あハす	Cangö. Cangaye auafuru. <i>Adiunhar com putando.</i>
325	一定	ぢやう	さだむ	
326	一氣	き	いき	Canqi. Qiuo cangayuru. i. Fitono qini chigö. <i>Desgraça.</i> ¶ Canqiuo cömuru. <i>Cair em desgraça do fenhör, &c.</i>
327	一過	くハ	すぐる	
328	一落	らぐ	おつる	
329	一書	しよ	かく	
330	一状	じやう	あらハす	Canjö. Cangaye arauafu. i. Fitouo fôbi furu fumi. <i>Carta de louuores dalguem.</i>
331	一責	せき	せむる	

Continua

Continuação

34. 簡 (かん) (ふた・はかる)				
332	一板	はん	いた	
333	一破	ぱ	やぶる	
334	一略	りやく	はかる	
335	一棟	れん	ねる	
35. 看 (かん) (みる)				
336	一見	けん	みる	Canqen. Miru miru. <i>Ver. S.</i>
337	一経	きん	きやう	
338	一痛	びやう	やまひ	Canbeõ, l, cabeõ. <i>O curar doentes.</i>
36. 肝 (かん) (きも)				
339	一心	じん	こゝろ	Canjin. Qimo, cocoro. i. Canyõna coto. <i>Coufa neceffaria. & de importancia.</i>
340	一胆	たん	きも	Cantan. Qimo qimo. <i>Figado.</i>
341	一文	もん	ふみ	
37. 堪 (かん) (こらふ・たふ)				
342	一忍	にん	しのぶ	Cannin. Coraye xinobu. <i>Paciencia.</i> ¶ Cãnin furu. <i>Sofrer, ou ter paciencia.</i>
343	一難	なん	かたし	
38. 汗 (かん) (あせ)				
344	一馬	ば	むま	Canba. Axe vma. i. Axe caita vma. <i>Caualo cançado, & fuado.</i> ¶ Canbauo yafumuru. <i>Fazer defcançar o caualo fuado.</i>

Continua

Continuação

345	一顔	がん	かお	Cangan, Axe cauobaxe. i. Fazzucaxij. <i>O ter vergonha.</i>
39. 乾 (かん) (かはく)				
346	一熟	じゆく	うむ	Canjucu. Cauaqi jucufuru. I <i>Ruins, ou boas varzeas, campos, &c.</i>
347	一燥	さう	かはく	Canfõ. Cauaqi cauqi. <i>Secura.</i>
348	一湿	しつ	しめる	Canxit. Cauaqi, ximeru. <i>Secura, & humidade</i>
349	一地	ぢ	つち	
40. 艱 (かん) (かたし)				
350	一難	なん	かたし	Cannan. Cataxi cataxi. <i>Perigos. Vt, Cãnãuo xinogu. Paßar trabalhos, & perigos.</i>
351	一懃	きん	ねんごろ	
41. 𦵏 (かん) (かたまし)				
352	一謀	おう	はかりこと	
353	一曲	きよく	まがる	Canqiocu. Cadamaxixi, magaru. <i>Coufa torta. ¶ Item, Mentira, ou refolho, & malícia.</i>
354	一者	じや	ひと	
355	一人	じん	ひと	Canjin. i. Cadamaxij fito. <i>Homem malicioso, ou refalçado.</i>
42. 諫 (かん) (いさむる)				
356	一紙	し	かみ	Canxi. Ifamuru cami. i. Fitoni iqenuo yũ fumi. <i>Carta de conselhos. S.</i>

Continua

Continuação

357	一言	げん	ことば	Canguen. Canzuru cotoba. <i>Palauras bem ditas, & a propósito que as circunstantes louuão.</i> ¶ Canguenuo yŭ, l, cannacotouo yŭ. <i>Dizer estas palauras que os outros louuão.</i>
-----	----	----	-----	---

43. 間 (かん) (あいだ)

358	一日	じつ	ひ	
-----	----	----	---	--

44. 漢 (かん) (もろこし)

359	一文	ぶん	ふみ	
360	一竹	ちく	たけ	
361	一朝	てう	みかど	Canchō. <i>Reino da China.</i>
362	一語	ご	かたる	Cango. Taitono cotoba. <i>Palavras da China.</i>
363	一土	ど	つち	
364	一字	じ		Canji. Titōno ji. <i>Letras da China.</i>
365	一水	すい	みづ	
366	一和	は	やまと	Canua. Taitōno cotobato Nipponno cotoba. <i>Palauras da China, & Iapão.</i>
367	一王	をう	きみ	
368	一節	せつ	ふし	
369	一家	か	いへ	

45. 合 (かう) (あはす)

370	一力	りよく	ちから	Cōriocu. Chicarauo auafuru. <i>Aiuda.</i>
371	一道	だう	みち	

Continua

Continuação

372	一衣	え	ころも	
46. 渴 (かつ) (みづうえ・のどかやく)				
373	一仰	がう	あふぐ	
374	一夢	む	ゆめ	
375	一病	びやう	やまひ	
47. 合 (かつ) (あはす)				
376	一壁	ぺき	かべ	Cappeqi. Cabeuo auafuru. <i>Vizinho.</i>
377	一戦	せん	たたかふ	Caxxen. Auaxe tatacö. <i>Batalha.</i>
48. 合 (あがす) (あはす)				
378	一点	てん	します	
379	一掌	しやう	たなごゝろ	
380	一体	たい	かたち	
381	一食禁	しよきん	めしいまし む	
382	一頭	とう	かしら	
49. 合 (がう) (あはす・かなふ)				
383	一子	し	こ	
384	一期	ご	とき	
50. 餓 (が) (うゆる)				

Continua

Continuação

385	一鬼	き	をに	Gaqi. <i>Almas famintas que estão no inferno segundo a opinião dos gentios.</i> ¶ Item, Permet. <i>Peboa effaimada, magra, & deffeita, & defcorada.</i> ¶ Item, <i>He palaura com que reprendem, & abatem aalguem.</i> Vt. Ano gaqimega. <i>Aquelle triste, & malaventurado, ou faminto, &c.</i>
386	一飢	き	うゆる	Gaqi. Vye, vyuru. <i>Fome. S.</i>
387	一死	し	しぬる	Gaxi. Vye, xifuru. <i>Morrer de fome.</i> ¶ Gaxini voyobu. <i>Chegar a morrer de fome.</i>

51. 我 (が) (われ)

388	一知	ち	しる	
389	一調	てう	とゝのふ	
390	一句	く		
391	一読	どく	よむ	
392	一筆	ひつ	ふで	
393	一法	ほう	のり	Gafõ. Vagafõ. <i>Minha feita, ou ley.</i> Bup.
394	一覚	かく	さとり	
395	一言	げん	ことば	
396	一吟	ぎん	むめく	
397	一告	がう	つぐる	
398	一誦	じゆ	よむ	
399	一売	まい	うる	

Continua

Continuação

400	一念	ねん	おもふ	
401	一慢	まん	あなどる	Gaman. Vare manzuru. <i>Presumpção, & soberba.</i> ¶ Gamanno cocorouo vocofu. <i>Presumir muito, ou ensoberbecer-se.</i>
402	一門	もん	かど	
403	一問	もん	とふ	
404	一物	もつ	もの	Gamot. Vaga mono. <i>Coufa propria ou minha.</i>
405	一訴	そ	うつたふ	
406	一想	さう	おもふ	
407	一奏	そう	まうす	
408	一即	そく	すなハち	
409	一道	たう	みち	
410	一情	せい	なさけ	
411	一説	せつ	とく	
412	一志	し	こゝろざし	
413	一心	しん	こゝろ	
414	一趣	しゆ	をもむき	
415	一執	しゆ	とる	
416	一意	い	こゝろ	Gai. <i>Presunção, ou proprio parecer em que hũ confia.</i> Vt, Gaini macaxete fabaqu. <i>Ordenar, ou fazer algũa coufa por seu proprio parecer, & vontade.</i>
417	一与	よ	くみす	

Continua

Continuação

418	一財	ざい	たから	
419	一聞	もん	きく	
420	一客	よう	かたち	
32. 俄 (が) (にわか)				
421	一頃	きやう	しむらく	
422	一然	ぜん	しかなり	Gajen. <i>Vt</i> , Gajento xiite. <i>Adv. De repente.</i>
53. 河 (が) (かわ)				
423	一清	せい	きよし	
54. 伽 (が) (とき)				
424	一藍	らん	あい	Garan. <i>Templo grande.</i>
55. 学 (がく) (まなぶ)				
425	一業	げう	しはぎ	Gacuguiō. Manabu xiuaza. <i>Obra de aprêder, ou estudar.</i>
426	一語	ご	かたる	
427	一士	じ	おとこ	Gacuji. Manabu votto. <i>Letrado.</i>
428	一文	もん	ふみ	Gacumon. Bunuo manabu. <i>Estudo de letras, ou sciencia.</i>
429	一問	もん	とふ	
430	一人	にん	ひと	Gacunin. Manabu fito. <i>Eftudante.</i>
431	一徒	と	ともがら	
432	一者	しや	ひと	Gacuxa. <i>Letrado, ou fabio.</i>
433	一匠	しやう	つかさ	Gacuxō. <i>Idem.</i>

Continua

Continuação

434	一道	だう	みち	Gacudō. Manabu michi. <i>Artes, ou sciencias.</i>
435	一友	ゆう	とも	Gacuyū. Manabutomo. <i>Condiscipulos no estudo.</i>
436	一徳	とく	さいはい	Gacutocu. Manabi uru. <i>O ter aprendido, ou recebido doutrina, &c.</i>
437	一頭	とう	かしら	
438	一吟	ぎん	むめく	

56. 楽 (がく) (たのしむ)

439	一然	ねん	しかなり	
440	一人	にん	ひと	Gacunin. Gacuno fito. <i>Muficos, ou tangendores de instrumentos muficos.</i>
441	一器	き	うつハもの	Gacuqi. Gacuno vtçuuamono. <i>Instrumentos mufico.</i> ¶ Gacuquio totonoyuru. <i>Temperar instrumentos muficos.</i>
442	一業	げう	しハざ	
443	一頭	とう	かしら	Gacutō. <i>Cabeça, ou principal em coufas de mufica, ou instrumentos muficos.</i> ¶ <i>Item, cabeça, ou superior principal entre os Bonzos chamados Xōdō.</i>
444	一道	だう	みち	

57. 涯 (がい) (きハ・おとり・かざり)

445	一分	ぶん	わかつ	Gaibun. Adv, i, Zuibun. <i>Com cuidado & diligencia.</i>
-----	----	----	-----	--

Continua

Continuação

446	一沢	たく	さハ	
58. 骸 (がい) (かはね)				
447	一骨	こつ	おね	Gaicot. Xigai fone. <i>Offada de corpo morto.</i>
59. 害 (がい) (ころす)				
448	一心	しん	こゝろ	Gaixin. Corofu cocoro. <i>Coração cruel, & atreído.</i> ¶ Gaixinuo vocofu. <i>Mostrar-se cruel, & com odio.</i> ¶ Gaixinuo faxifafamu, l, fucumu. <i>Ter odio, & coração atreído contra alguém pera o matar, &c.</i>
60. 顔 (がん) (かお)				
449	一輝	き	かがやく	
450	一冷	れい	すゞしし	
451	一紅	こう	くれない	
452	一容	よう	かたち	Ganyô. Cauobaxe, catachi. <i>Rofo, & figura. S.</i>
453	一貌	ぱう	かお	
454	一衰	すい	をとろふ	
455	一色	しよく	いろ	Ganxocu. Cauobaxe iro. <i>Rofo, ou cor do rofo. Vt, Ganxocuni yemiue fucumu. Ter alegria, ou mostrar no rofo.</i> ¶ Gaxocuga cauaru. <i>Mudar-se a cor do rofo.</i>
61. 巖 (がん) (いハお)				
456	一下	か	した	Ganca. Votogaino xita. <i>Papo, ou de baixo da barba.</i>

Continua

Continuação

457	一間	かん	ま	
458	一中	ちう	なか	
459	一根	こん	ね	
460	一前	ぜん	まへ	
461	一灯	とう	ともしび	
462	一窓	そう	まど	
463	一頭	とう	おとり	
464	一石	ぜき	いし	Ganjeqi. Iuauo, ixi. <i>Rochedo, ou penedia.</i>
465	一上	しやう	うへ	Ganxö. Iuauono vye. <i>Em cima da penedia, ou rochedo.</i>
466	一影	ゑい	かげ	
467	一屈	くつ	あな	Gancut. Iua, ana. <i>Lapa, ou caverna.</i>
468	一室	しつ	いへ	
469	一搭	たう	こゝろざし	
470	一洞	とう	おら	Gantö. Iua, fora. <i>Cauerna, ou lapa.</i>

62. 含 (がん) (ふくむ)

471	一風	ふう	かぜ	
472	一気	き	いき	
473	一霊	れい	みたま	

63. 眼 (がん) (まなこ)

474	一界	かい	さかい	
475	一中	ちう	うち	Ganchŭ. Manacono vchi. <i>Dêtro nos olhos.</i>

Continua

Continuação

476	一高	かう	たかし	
477	一塵	ちん	ちり	
478	一明	みやう	あきらか	
479	一前	ぜん	まへ	
480	一波	ぱ	なみ	
481	一花	くハ	はな	
482	一鏡	きやう	かがみ	
483	一光	くハう	ひかり	Gganquō. Manaco ficari. <i>Claridade, ou resplendor dos olhos.</i>
484	一力	りよく	ちから	Ganriocu. Manacono chicara. <i>Força, ou vigor da vista. Vt, Gariocu ichidan qiyoxi. Tem muito boa vista.</i>
485	一裡	り	うち	Ganri. Manacono vchi. <i>Dentro no olho. Vt, Ganrini chiri atte, fangai fuboxi. Auendo argueiro nos olhos o mundo parece pequeno. i, Tudo parece conforme ao afeito que hum tem no coração.</i>
486	一涙	るい	なみだ	Ganrui. Manacono namida. <i>Lagrima dos olhos.</i>
487	一底	てい	そこ	
488	一頭	とう	かしら	
489	一精	せい	くハしゝ	Ganxei. Manacono xeiriqi. <i>Força, ou vigor dos olhos. ¶ Ganxei ga tçuqita. Ter perdido a vista, ou o vigor da vista. ¶ Ganxeiga tçuyoi, l, youai. Ser a vista boa, ou fraca dos olhos.</i>

Continua

Continuação

490	一晴	せい	はるゝ	
491	一色	しよく	いろ	Ganxocu. Manaco iro. <i>Cor do rofto, ou jeito dos olhos.</i>
492	一空	くう	むなし	
493	一見	けん	みる	Ganqen. Manaco miru. <i>O ver dos olhos.</i>
494	一秀	しう	ひいづ	
495	一目	もく	め	Ganmocu. Manaco, me. <i>Olhos.</i>

64. 学 (がく) (まなぶ)

496	一海	かい	うみ	
497	一校	かう	うんがふ	

65. 拷 (がう) (うつ)

498	一訴	そ	うったふ	Gõfo. Qibixũ vtayuru. <i>Acusação forte, ou aspera.</i>
-----	----	---	------	---

66. 噉 (がう) (よほう・さけぶ)

499	一問	もん	とふ	
-----	----	----	----	--

67. 強 (がう) (つよし・しいて・あながち)

500	一盜	だう	ぬすむ	Gõdõ. Tçuyoi nufubito. <i>Cruel ladrão, ou esfolá caras.</i>
501	一力	りき	ちから	Gõriqi. Tçuyoi chicara. <i>Grandes forças.</i> ¶ Gõriqina monogia. <i>He homẽ e grãdes forças.</i>
502	一敵	てき	かたき	Gõteqi. Tçuyoi teqi. <i>Forte inimigo.</i> Vt, Gõteqi fuxegui gataxi. <i>He difficultoso de resistir ao inimigo forte.</i>

Continua

Continuação

503	一悪	あく	あしゝ	Gōacu. Tçuyoi acu. <i>Grandes maldades, & peccados.</i>
504	一儀	ぎ	のり	
505	一緑	えん	よる	Gōyen. Tsuyoi yen. <i>Grande, & poderosa amizade. Vt, Gōyēuo motte tanomu. Rogar algum amigo mais forte, & poderoso pera que com seu fauor vença algũa demanda, ou poça contra o competidor, &c.</i>
506	一勢	せい	いきとひ	Gōxei. Tçuyoixei, l, tçuyoi iquioi. <i>Grãde força, & impeto.</i>
507	一法	ほう	のり	

68. 降 (かう) (ふる・くだる)

508	一伏	ぶく	ふす	
509	一魔	ま	をに	Goma. Bup. Mauo cudadu. <i>Humilhação, & rogo que o Diabo fez a Xaca quando o vencia algũas vezes como se conta em seus livros.</i>
510	一臨	りん	のぞむ	

69. 降 (かう) (ふる)

511	一雨	う	あめ	
512	一参	さん	まいる	
513	一人	にん	ひと	Cōnin. Cudaru fito. <i>O que se rende, & pede misericordia.</i>
514	一書	しよ	かく	

70. 高 (かう) (たかし)

Continua

Continuação

515	一天	てん	そら	Cõtem. Tacai tem. <i>Ceo alto</i>
516	一文	ぶん	ふみ	Cõbun. <i>Escrita de estilo alto, & excellête.</i>
517	一上	しやう	かみ	
518	一客	かく	いへ	Cõcacu. Tacai iye. <i>Cafa alta, ou edificio nobre, & alto.</i>
519	一竹	ちく	たけ	
520	一鳥	てう	とり	
521	一談	だん	かたる	Cõdan. Tacaqu cataru. <i>Falar, ou pregar alto.</i>
522	一歩	ほ	あよぶ	
523	一臥	ぐハ	ふす	
524	一涯	がい	きハ	
525	一城	じやう	しろ	
526	一眼	がん	まなこ	
527	一下	げ	ひきし	Cõgue. Tacaxi, ficuxi. <i>Alto, & baixo.</i>
528	一月	げつ	つき	Cõguet. Tacai tçuqi. <i>Lũa que esta alta.</i>
529	一儀	ぎ	はかる	
530	一直	ぢき	あたひ	
531	一情	じやう	なさけ	
532	一慢	まん	あなどる	Man. Tacaqu vagon. <i>Soberba, ou altiueza. Vt. Cõmanno fito. Homem soberbo, & altiuo. ¶ Cõmanni focoru. Ensoberbecerfe.</i>

Continua

Continuação

533	一明	みやう	あきらか	
534	一名	みやう	な	Cõmiõ. Tacai na. <i>Boa fama, ou nome aquirido por algũa façanha feita na guerra.</i>
535	一門	もん	かど	
536	一軒	けん	のき	
537	一会	くはい	あふ	
538	一官	くはん	つかさ	
539	一賢	けん	かしこし	
540	一家	け	いへ	Cõqe. Tacai iye, <i>Cafa, ou familia nobre.</i> ¶ Cõqeno fito. <i>Homem nobre.</i>
541	一挙	きよ	あぐ	
542	一居	きよ	ゐる	
543	一麗	らい	うるハシゝ	
544	一林	りん	はやし	
545	一染	りよう	うつぱり	
546	一樓	ろう	やぐら	Cõrô. Tacaqi rôcacuno coto nari. <i>Baileu, ou torre alta, ou casa de muitos fobrados.</i>
547	一論	ろん	あらそふ	Cõron. <i>Contenda de palauras.</i>
548	一作	さく	つくる	
549	一人	にん	ひと	
550	一札	さつ	ふだ	Cõsat. Taca fuda. <i>Lei, ou prohibição que se poem escrita nos caminhos.</i>

Continua

Continuação

551	一心	しん	こゝろ	
552	一窓	そう	まど	
553	一意	い	こゝろ	
554	一僧	そう	よすてびと	Cõfõ. Tacai fijiri. <i>Bõzo honrrado de dignidade.</i>
555	一恩	をん	めぐみ	Cõuon. Tacai von. <i>Grandes beneficios. Vt, Cõuon fõjigataxi. Os grandes beneficios não se podem pagar.</i>
556	一屋	をく	いへ	
557	一詞	し	ことば	
558	一枝	し	えた	
559	一声	しやう	こゑ	Cõxõ Tacai coye. <i>Voz alta.</i>
560	一勝	せう	すぐるゝ	
561	一松	せう	まつ	Cõxõ. Tacai matçu. <i>Grande pinheiro.</i>
562	一座	ざ	いどころ	Cõza. Tacai za. <i>Pulpito, ou lugar alto donde se le, ou prega.</i>
563	一山	ざん	やま	Cõzan. Tacaiyama. <i>Monte alto.</i>
564	一位	ゐ	くら井	Cõ-i. Tacai curai. <i>Dignidade alta.</i>
565	一野	や	の	
566	一武者	むしや	たけきもの	

71. 香 (かう) (かうばしゝ)

567	一煙	えん	けむり	
568	一残	ざん	のこる	

Continua

Continuação

569	一氣	き	いき	
570	一冷	れい	すずしゝ	
571	一味	み	あぢハひ	
572	一花	くハ	はな	Cõqua. Cõbaxij fana. <i>Rofa cheirofa.</i>

72. 好 (かう) (よし・このむ)

573	一悪	を	にくむ	
574	一便	びん	たより	Cõbin. Conomaxij, i, yoi tayori. <i>Mêfageiro, ou portador, ou oportunidade.</i>
575	一物	ぶつ	もの	Cõbut. Yoi mono, l, conomu mono. <i>Coufa boa, ou apeticiuel como coufa que o doente apetece, ou que hum folga, & gosta de comer, &c. ¶ Item coufa que he boa pera a faude, & não preiudica as mezinhas que hum toma, &c.</i>
576	一句	く		Cõcu. Yoi cu. <i>Boa sentença.</i>
577	一風	ふう	かぜ	
578	一事	じ	こと	Cõji. Yoicoto, <i>Coufa boa, ou proueitoſa.</i>
579	一士	じ	おとこ	
580	一人	じん	ひと	
581	一日	じつ	ひ	Cõjit. <i>Bom dia.</i>
582	一肉	にく	しゝむら	Cõnicu. Yoi xiximurra. <i>Boa carne.</i>
583	一花	くハ	はな	
584	一春	しゆん	はる	

Continua

Continuação

585	一相	さう	かたち	
586	一粧	さう	よそとひ	
587	一色	しよく	いろ	Cõxocu. Ironogomi. <i>Sêfualidade.</i> ¶ Cõxocuno fitoni majiuarucoto nacare. <i>Não conuerseis com homens fenfuaes.</i> ¶ Cõxocuni tonzuru. <i>Darfe, ou estar entregue à fenfualidade.</i>
588	一枝	し	えた	
589	一思量	しりやう	おもひはかる	
590	一友	ゆう	とも	Cõyũ. Yoi tomodachi. <i>Boa companhia, ou bons companheiros.</i>
591	一朋	ぼう	とも	
73. 行 (かう) (ゆく・をこなふ・ありく)				
592	一馬	ば	むま	Cõba. Yuqu vma, <i>Caualo que caminha.</i>
593	一媒	ばい	なかだち	
594	一便	びん	たより	
595	一客	かく	まれびと	Cõcacu. Yuqu marebito. <i>Peregrino.</i>
596	一飛	ひ	とぶ	
597	一陳	ちん	つらなる	
598	一年	ねん	とし	Cõnen. Yuqu toxi. Annos, ouidade q̃ vai paßando
599	一能	のう	わざ	
600	一楽	らく	たのしみ	

Continua

Continuação

601	一雲	うん	くも	
602	一跡	せき	あと	Cõxeqi. Voconõ ato. <i>Vida, ou obras dalguem, particularmente exemplo mao, ou bom q̃hum deixa depois de morto.</i>
603	一人	じん	ひと	

74. 向 (かう) (むかふ)

604	一背	はい	そむく	
605	一顔	がん	かお	Cõgan. Mucõ cauobaxe. <i>O verfe, ou encontrarfe. Vt, Fitaxiqu cõganni atauazu foro. Hà tanto que vos não vi. S.</i>
606	一前	ぜん	まへ	
607	一上	じやう	うへ	
608	一來	らい	きたる	
609	一下	げ	した	

75 耕 (かう) (たがへす)

610	一破	ば	やぶるうし	
611	一牛	ぎう	ひと	
612	一人	にん	ひと	Cõnin. Tagayefu fito. <i>Laurador, ou homem que cultiua os campos, ou varzeas.</i>
613	一作	さく	つくる	Cõfacu. Tagayexi tçucuru. <i>Laurar varzeas, ou cultiuar os campos.</i>

76. 甲 (かう) (かぶと)

614	一馬	ば	むま	
-----	----	---	----	--

Continua

Continuação

615	一鳥	てう	とり	
616	一方	ほう	かた	
617	一日	じつ	ひ	
618	一乙	をつ	きのと	
619	一夜	や	よ	

77. 強 (かう) (つよし・こはし)

620	一弱	じやく	よはし	
621	一者	しや	もの	Cõxa. Tçuyoqi mono. <i>Peboa forte, & efforçada.</i>

78. 考 (かう) (したがふ・のり)

622	一行	かう	をこなふ	
623	一子	し	こ	Cõxi. <i>Filho obediente</i>
624	一慈	じ	あはれむ	
625	一順	じゆん	したがふ	

79. 幸 (かう) (さいはい)

626	一便	びん	たより	Cõbin. Saiuaino tayori. <i>Bom portador, ou oportunidade, & conjunção. S.</i>
627	一民	みん	たみ	
628	一甚	じん	はなはた	Cõjin. Saiuai fanafada. <i>Palaura com que se dão os parabens, ou rogão boas coufas, &c. S.</i>

80. 講 (かう) (あらそふ・とく・ならふ)

629	一談	だん	かたる	Cõdan. <i>Declarar algum liuro, ou pregar.</i>
-----	----	----	-----	--

Continua

Continuação

630	一読	どく	よむ	Cōdocu. Yomi yomu. <i>Ler cō certa toada como custumão os Bōzos. Item, declarar algum livro como quem lee lição aos diſipulos, &c.</i>
631	一座	ぎ	みどころ	
632	一説	ぜつ	とく	Cōjet. Yomi, toqu. <i>O ler, & declarar, ou interpretar. ¶ Qiōuo cōjet furu. Ler, & interpretar liuro.</i>
633	一釈	しやく	とく	
634	一書	しよ	かく	

82. 𪛗 (かう) (あきらか・しろし)

635	一潔	けつ	いさぎよし	Cōqet. Xiroxi iſaguiyoxi. <i>Couſa muito limpa, & pura.</i>
636	一衣	え	ころも	

83. 肴 (かう) (さかな)

637	一酒	しゆ	さけ	
638	一品	ほん	しな	
639	一数	しゆ	かず	

84. 号 (かう) (をづく)

640	一令	れい	のり	
-----	----	----	----	--

85. 江 (かう) (え)

641	一天	てん	そら	
642	一月	げつ	つき	
643	一風	ふう	かぜ	
644	一雲	うん	くも	

Continua

Continuação

645	一霞	か	かすみ	
646	一声	せい	こゑ	
647	一頭	とう	おろり	
648	一上	しやう	かみ	
649	一魚	ぎよ	うを	Côguio. Yeno vuo. <i>Peixe de enfeada</i>

86. 江 (がう) (え)

650	一海	かい	うみ	Gôcai. Ye vmi. <i>Mar</i>
651	一河	が	かハ	Gôga. <i>Enfeada do mar, ou rio.</i>

Conclusão

A partir dessa seleção podemos observar que apenas 279 vocábulos apresentados no *RACVYOXV* apresentam entradas no *Vocabulario*, totalizando apenas cerca de 42,85% do total de vocábulos disponíveis. Uma quantidade relativamente baixa para que se possa concluir a complementaridade dessas duas obras.

Dentro das entradas apresentadas pelo *Vocabulario*, pode-se também separar os resultados em dois grupos: Entradas que apresentam a leitura japonesa dos ideogramas e aquelas que não apresentam. As entradas que não apresentam qualquer indicação da sua escrita em sinogramas compõem apenas 32 das entradas encontradas, e a sua verificação foi possível através da consulta de duas outras obras: O *Daijigen*¹⁹¹ (1993), um dicionário etmológico de sinogramas e o *Kôjien*¹⁹² (1993), um thesaurus da língua japonesa. As outras 247 entradas orientam a escrita em sinogramas através de variadas formas lematizadas.

Por lemas, o presente trabalho utiliza a seguinte definição:

¹⁹¹ 大字源

¹⁹² 広辞苑

Unidade léxica ideal que representa um paradigma de formas flexionadas. Essa unidade constitui a típica entrada de dicionário e representa todas as demais formas do paradigma.

(BIDERMAN, 1984, p.139)

Enquanto a forma lematizada das entradas do *Vocabulario* são bem fixadas, as formas adotadas dentro do verbete não. Isso pode ser observado nos itens 527, 532, 550, 554 e 564, onde o adjetivo *takai*¹⁹³ (alto, caro) é, respectivamente, grafado como *tacaxi*, *tacaqu*, *taca*, *tacaqi* e *tacai*. Em alguns momentos os elementos do vocábulo são representados por estruturas frasais, e em outros momentos como elementos separados. Por exemplo, no item 318 temos *Canjivo famuru*, fazendo o uso da partícula *vo* (grafada como *wo* pelo sistema Hepburn), formando uma frase, enquanto que no item 320 temos *Canji, Naguequ*, utilizando uma vírgula para separar os elementos. Um caso parecido pode ser observado nos itens 475 e 483, respectivamente, *Manaco no vchi* e *Manaco ficari*, com e sem o uso da partícula *no*.

Outra característica observada é que algumas leituras japonesas oferecidas no *RACVYOXV* não são contempladas no *Vocabulario* e vice-versa. Por exemplo, o *RACVYOXV* oferece a leitura *akiraka* para o item 82, e essa não é contemplada no *Vocabulario*. Já no item 80, o *Vocabulario* oferece a leitura *Yomi*, leitura não oferecida pelo *Honpen*.

¹⁹³ 高い

Parte IV – Considerações finais

Capítulo 1 – Conclusão

Trabalhos lexicográficos já eram largamente produzidos no Japão antes da chegada dos missionários portugueses. Desde os primórdios da língua japonesa escrita, vocabulários e manuais foram compilados para os estudiosos da língua e poesia chinesa, logo em seguida, serviram também como material pedagógico para as classes ascendentes e por final o estudo da língua japonesa por estrangeiros.

Observando a história da lexicografia japonesa, é evidente o número de obras que ainda são pouco conhecidas no Brasil. E as poucas evidências apresentadas de sua existência, resume-se muitas vezes à pequenas citações ou análises históricas, sem uma apresentação fundamentada nas teorias lexicográficas. E mesmo analisando características estruturais dessas obras, percebe-se uma dificuldade terminológica de classificação de muitos trabalhos, frutos de uma tradição lexicográfica distinta da tradição européia, física e cronologicamente.

Dentro dessa longa tradição japonesa pode-se observar que o *Vocabulario* não foi o primeiro dicionário europeu a abordar o léxico da língua japonesa. Anos antes, em 1595, os mesmos missionários jesuítas compilaram as palavras e expressões japonesas no *Dictionarium latino lusitanicum, ac Iaponicum*. E o *RACVYOXV* não foi o primeiro dicionário de sinogramas a ser produzido no Japão. Por volta de 835, o monge Kūkai (774-835) escreveu a obra denominada *Tenrei Banshō Meigi* a qual podemos classificar como um dicionário de sinogramas, e é a mais antiga hoje existente. Porém a importância dessas duas obras não recai sobre a sua posição na cronologia dos estudos lexicográficos no Japão e também fora dela, mas pela destreza com que foram compilados, visando essencialmente a pedagogia da língua japonesa aos europeus.

O *Vocabulario* é uma fonte bastante confiável do retrato linguístico da época de sua compilação. Sua riqueza de informações semânticas, gramaticais e pragmáticas o tornam uma fonte bastante citada mesmo em vocabulários e dicionários modernos.

O *RACVYOXV*, apesar de várias inconsistências em sua organização, e mesmo utilizando técnicas já conhecidas pelos estudiosos japoneses, foi o primeiro dicionário a levar em consideração um consulente europeu que, além da barreira semântica, também encontrava a barreira gráfica da escrita sino-japonesa. Também foi uma obra importante para a lexicografia

japonesa por apresentar vários métodos de organização baseados no som e na forma dos sinogramas, em contraposição à organização por som e/ou sentido, proposta pelos dicionários de sua época.

Através da comparação das duas obras, pode-se observar que as elas apresentam um único objetivo: Auxiliar os estudantes da língua japonesa tanto na comunicação como na escrita. Porém, cada um desses trabalhos utilizou métodos de análise e organização distintos.

Enquanto o foco do *Vocabulario* recai sobre a compreensão das palavras para o seu uso na conversação, com uma singela contemplação da língua escrita, o completo oposto ocorre no *RACVYOXV*, onde o foco está justamente na palavra escrita, contemplando de maneira quase nula a língua oral. Em um primeiro momento pode-se observar que o primeiro dicionário oferece uma análise mais rica do que o segundo. Porém, como os dicionários estudados pertencem à categorias diferentes, isso não implica em uma questão de qualidade, mas de limitações do gênero. O *RACVYOXV*, facilmente classificado com dicionário especial de sinogramas, cumpre a sua função de apresentar a forma, sons e sentidos dos caracteres, sem se aprofundar em outras questões.

A complementariedade dos dois dicionários apresentou-se inexistente segundo as comparações aqui apresentadas. Um consulente do *RACVYOXV* tem grandes chances de não encontrar os vocábulos apresentados no *Honpen* dentro do *Vocabulário*. E se o encontrar, poderá se deparar com alguns obstáculos já que os lemas utilizados não são coincidentes.

Outra problemática que fortalece essa separação entre as duas obras é a rica homofonia apresentada no *Vocabulario*, apresentando opções inexistentes no *RACVYOXV*, como, por exemplo, no item 9 (*cagiō*), que é grafado com os sinogramas para *somar* e *acontecer* (加 e 行) e no *Vocabulario* é constituído pelos sinogramas para *casa* e *ofício* (家 e 業).

Capítulo 2 – Propostas para o futuro

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar o *RACVYOXV* para a comunidade científica brasileira, e ressuscitar os estudos já adormecidos por mais de duas décadas. Incitando novos questionamentos e estimulando a pesquisa não só dessas duas grandes obras, mas de outros trabalhos clássicos da lexicografia japonesa.

Primeiramente, observando as suas características estruturais, o *Vocabulario* pode ser analisado e classificado através da lexicografia ocidental, porém o *RACVYOXV* apresenta características ambíguas que necessitam de uma análise mais cuidadosa, tornando evidente a urgência de um resgate não só das obras, mas da teoria lexicográfica realizada no Japão. Sendo essa de extrema importância para uma análise mais profunda não só do *RACVYOXV*, mas de outras obras denominadas largamente como dicionários de *kanji*.

As conclusões retiradas através da comparação entre as duas obras também acaba levantando uma nova série de questionamentos. Como a análise foi realizada através da busca dos vocábulos apresentados no índice *KA* do *Honpen* no *Vocabulario*, não é possível concluir se o resultado se manteria constante nos outros índices do *Honpen*, ou até mesmo do *Irohajishu*. Assim como não é possível afirmar que a proporção de palavras se manteria igual caso o caminho inverso fosse adotado.

Para essa análise, os seguintes trabalhos ainda precisam ser realizados.

1. Transcrever todos os vocábulos na ordem apresentada no *RACVYOXV*.
Como dito anteriormente aqui, existe um trabalho realizado por Kojima (1978) transcrevendo todas os sinogramas segundo a ordem *goju on*, mas para uma análise do processo de busca e comparação entre as duas obras, a transcrição de todos os elementos na ordem original ainda necessita ser realizado.
2. Comparar as entradas e palavras apresentadas no exemplar de Tenri do *RACVYOXV* com as outras versões, já que somente o único artigo que leva em consideração a versão da Biblioteca de Tenri é o artigo assinado por Yoichi Doi no posfácio do facssímile.

3. Verificar as entradas do *Vocabulario* calculando quantas dessas apresentam a descrição dos sinogramas através da leitura *kun*. Como observado, nem todas as palavras orientam o leitor de como seria a sua escrita, podendo conduzir o leitor ao uso equivocado de alguns sinogramas.

Além dessas propostas de trabalho, outro grande trabalho já iniciado por Bailey (1960-1962) e por Yamada (1971) e que precisa ser continuado é a verificação de fontes para a construção do *RACVYOXV* e a contemplação desses mesmos vocábulos em dicionários nativos, assim como as suas definições.

Assim, apesar das grandes barreiras linguísticas e históricas que existem nos estudos do *RACVYOXV* e outras obras clássicas japonesas, é evidente a importância desses para que seja possível compreender não só a língua japonesa do período de compilação, como também o trajeto percorrido pela lexicografia japonesa até a formação dos dicionários modernos.

Parte V – Bibliografia

BAILEY, D. C. Early Japanese Lexicography. **Monumenta Nipponica**, Vol. 16, No. 1/2, p. 1-52, 1960.

_____. The Rakuyōshū. **Monumenta Nipponica**, Vol.16, No. 3/4, p. 289-376, 1960.

_____. The Rakuyōshū [continued]. **Monumenta Nipponica**, Vol.17, No. 1/4, p. 214-264, 1962.

BANGERT, W. **História da Companhia de Jesus**. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa; São Paulo: Edições Loyola, 1985.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da Lexicografia. **Alfa – Revista de Lingüística**, São Paulo, v. 28, n. suplemento, p. 1-26, 1984.

_____. **Alfa – Revista de Lingüística**, São Paulo, v. 28, n. suplemento, p. 135-44, 1984.

_____. Glossário. **Alfa – Revista de Lingüística**, São Paulo, v. 28, n. suplemento, p. 135-144, 1984.

_____. O dicionário padrão da língua. **Alfa – Revista de Lingüística**. São Paulo, v. 28, n. suplemento, p. 27-43, 1984.

BOSSONG, G. O elemento português no japonês. MENDES, M. **A língua portuguesa em viagem**. Frankfurt: Teo Ferrer de Mesquita, 2003.

COOPER, M. The Nippo Jisho. **Monumenta Nipponica**, Vol. 31, No. 4, p. 417-430, 1976.

CHON, H. **Rakuyōshū no jion kanadzukai**. Tóquio: Waseda daigaku nihongo gakkai. Disponível em < <http://hdl.handle.net/2065/31328> >

DOI, T. Rakuyōshū. In. **Kirishitan gogaku no kenkyū**. p.113-164. Tóquio: Sanseidō, 1971.

_____. Das Sprachstudium der Gesellschaft Jesu in Japan im 16. und 17.Jahrhundert. **Monumenta Nipponica**, [Tóquio], vol. 2, N°2, p.437-65, 1939.

HISTORY of Incunabula Studies. Disponível em: < http://www.ndl.go.jp/incunabula/e/chapter1/chapter1_04.html >. Acesso dia 18 de Nov. de 2013 21h03.

HARTMANN, R.R.K. **Teaching and researching lexicography**. London: Longman, 2001, XII.

IKEJIMA, Y. (Ed). **Nippo-jisho Vocabulario da Lingoa de Iapam**. Tóquio: Benseisha, 1975. Facsímile da obra Vocabulário da Lingoa de Iapam com declaração em Portugues, feito por algvns padres, e irmãos da companhia de IESV, de 1603-4.

INAGA, K.; TAKEMORI, T.; MORINO, S. **Shintei sōgō kokugo binran**. Tóquio: Dai ichi gakushūsha, 1978.

KENPŌ, H. (Ed.) **Sanseido kokugojiten**. 6. ed. Tóquio: Sanseido, 2008.

KODA, S. Notes sur la presse jésuite au Japon et plus spécialement sur les imprimés en caracteres japonais. **Monumenta Nipponica**, Vol. 2, No. 2. p. 375-385. 1939

KOJIMA, Y. **Yasokaiban Rakuyōshū Sōsakuin**. Tóquio: Kasama shoin, 1978.

Kotenbako no tsukuri. Disponível em: <http://www.ndl.go.jp/nature/column/column_1.html>. Acesso dia 11 de Nov. de 2013.

LAURES, J. **The Catholic Church in Japan**. Tóquio: Charles E. Tuttle Co. Publisher, 1954.

_____. The Jesuit Missiona Press in Japan. **Monumenta Nipponica**. Vol. 13, No. 1/2, p.163-165, 1957.

LOVEDAY, L. J. **Language Contact in Japan**. Nova York: Oxford University Press, 1996.

MORITA, T. Rakuyōshūhonpen no soshiki ni tsuite. **Kokugogaku**, XIII-XIV, 51-62. Tóquio 1953.

OZZAKI, Y. et al. (Ed). **Daijigen**. Tóquio: Kadogawa, 1993.

REY-DEBOVE, J. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. Mouton: The Hauge, 1971

RŌMAJI no tudzurikata. Disponível em <http://www.mext.go.jp/b_menu/hakusho/nc/k19541209001/k19541209001.html>. Acesso dia 12 de Jan. de 2014.

Sōshoin no sekai – Denshi Tenjikai: Odzu Keisō. Disponível em <http://www.ndl.go.jp/zoshoin/zousyo/06_ozu.html>. Acesso dia 02 de Dez. de 2013.

TASHIRO, E. A. As variedades do japonês nas Artes do Pe. João Rodrigues Tçuzzu. **Historiografia da Linguística Brasileira – Boletim 7**. São Paulo: CEDOCH – DL/USP, 2004.

TAKEI, H. Rakuyōshū shōgokuhen no bushudate. **Mie daigaku nihongogaku bungaku**, 14, p.102-192. 2003.

Tenritoshokanzō shiteisho ichiran. Disponível <<http://www.tcl.gr.jp/tcl/shitei.html>>. Acesso dia 27 de Nov. de 2013.

TENRI TOSHOKAN ZENPON SOUSHO WASHONOBU HENSHŪIINKAI. *Tenri toshokam zenpon sousho washonobu dai76kan rakuyōshū nishu*. Tenri, 1986.

TŌDŌ, A.; MATSUMOTO, A.; Takeda, H. **Kanji-gen**. Tóquio: Gakken, 1994.

VERDELHO, T. O Vocabulário da lingua de Iapam (1603), uma fonte inexplorada da lexicografia portuguesa. RUFFINO, G. **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza**. Vol. III (Lessicologia e semântica delle lingue romanze). Palermo, 1995.

SHINMURA, I (Ed). **Kōjien**. 4. ed. Tóquio: Iwanamishoten, 1993.

SUGIMOTO, T. **Raiden daigaku toshokanzō rakuyōshū – in'ei to kenkyū**. Tóquio Hitaku shobō, 1984

YAMADA, J. **Kanji no teikun nitsuite no shiron – kirishitanban rakuyōshū shōgyokuhen wo shiryō ni shite**. Tóquio: Seijōdaigakudaigakuin bungaku kenshūka, 1971.

YAMAGIWA, J. K. Revisions in the Rakuyoshu at the Time of Its Printing in 1598. **Monumenta Nipponica**, Vol. 11, No. 2, p.185-194, 1955.